

SERÕES

REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA



SUMMARIO

AS VINDIMAS. — O SULTÃO DA
TURQUIA. — A ULTIMA VEZ QUE O
VI... — EM MEMORIA. — DE LISBOA A
MOÇAMBIQUE. — FREI LUIS DE SOU-
SA. — OS MARTYRES — O QUE DIZEM
AS ONDAS. UM DRAMA SUBMARINO. —
FALANDO ATRAVEZ DA TERRA. — NO AL-
TAR DO TEMPO. — O CABAZ DE PECEGOS.
— MODAS. — VARIEDADES.

VOL. I

SETEMBRO — 1901

NUM. 6

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis

SUMMARIO

	Pag.
Los Borrachos. — <i>Quadro de VELASQUEZ (SECULO XVII)</i>	322
AS VINDIMAS. — <i>Com 7 gravuras, reproducções de quadros, copia de photographias.</i>	323
O SULTÃO DA TURQUIA. — <i>Com 5 gravuras, segundo photographias</i>	330
O Cruzador «S. Gabriel». — <i>Gravura, copia de photographia</i>	335
Antonio Ennes. — <i>Retrato, gravura, segundo uma photographia</i>	336
A ULTIMA VEZ QUE O VI... — <i>Por JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO</i>	337
EM MEMORIA. — <i>Com 2 retratos de ANTONIO ENNES</i>	339
DE LISBOA A MOÇAMBIQUE. — <i>Por ANTONIO ENNES. — Capitulo VI. — AS CABACEIRAS, O MOSSURIL. — (Continuação). — Com 2 gravuras, reproducções de photographia</i>	342
FREI LUIS DE SOUSA. — <i>Por SOUSA VITERBO. — Com 1 gravura, reproducção de um quadro de MIGUEL ANGELO LUPI</i>	347
O Cruzador «S. Raphael». — <i>Gravura, copia de photographia</i>	350
OS MARTYRES. — <i>EPISODIO DA PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECIANO. — Por T. LINO D'ASSUMPÇÃO. — Capitulo I. — A MANHÃ DE SEXTA FEIRA DA PAIXÃO. — Com 2 illustrações</i>	351
O QUE DIZEM AS ONDAS. — <i>Valsa, por IZABEL DE CAMPOS PIDWELL</i>	356
UM DRAMA SUBMARINO. — <i>Com 5 gravuras</i>	360
A PALAVRA TRANSMITTIDA ATRAVEZ DA TERRA. — <i>Com 3 gravuras, copia de photographias</i>	368
NO ALTAR DO TEMPO. — <i>Com 4 illustrações</i>	371
O CABAZ DE PECEGOS. — <i>MYSTERIOS DA HISTORIA. — Com 5 illustrações</i>	375
Em Ostende. — <i>Gravura, reproducção de um quadro de ACHENBACH</i>	382
MODAS. — <i>Com 2 illustrações</i>	383
VARIEDADES. — <i>MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — OS MOSQUITOS. — PHOTOGRAPHIA PRATICA. — PROBLEMAS. — Com 8 gravuras</i>	XLI

51 GRAVURAS

Com o numero seguinte serão distribuidos o frontespicio e o indice do primeiro volume findo com este sexto numero.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes em qualquer outra terra do paiz poderão inscrever-se por:

Series de	}	3 numeros	600
		6 numeros	1\$200
		12 numeros	2\$200

remettendo á administração dos **SERÕES**, em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia *directamente* ou por intermedio dos correspondentes da empresa.

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo de cobrança pelo correio.

M. GOMES LIVREIRO-EDITOR

LIVREIRO DE SUAS MAGESTADES E ALTEZAS

Lisboa — 61, Rua Garrett (Chiado), 61 — Lisboa

EXTRACTO DO CATALOGO GERAL

OS LIVROS ILLUSTRADOS

PARA AS CRIANÇAS, ATÉ AOS 12 ANNOS

GI

A FADA TENTADORA — Br., 700; enc. 900

AYORA

CONTOS AZUES — Br., 700; enc. 900

ATÉ AOS 18 ANNOS

CONDES DE SABUGOSA E ARNOSO

CONDE DE BERTIANDOS

DE BRAÇO DADO — *Contos*, br. 800;
encad., réis. 1\$000

LENDAS — *Contos*, 1 vol. br., 600; en-
cad., réis. 800

FERNANDO CALDEIRA — *A MADRUGADA*, comedia, br., 800; enc., 1\$000

ALBERTO BRAGA

GUILHERME GAMA

CONTOS ESCOLHIDOS — Br., 800; enc. 1\$000

PROSAS SIMPLES — Br., 800; enc. . . . 1\$000

BIBLIOTHECA MILITAR ILLUSTRADA

FERNANDES COSTA

**AYRES DE ORNELLAS — H. COUCEIRO
E. COSTA**

MEMORIAS DE UM AJUDANTE DE CAMPO

MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

*Chronica pittoresca
da terceira invasão franceza*

*A campanha das tropas portuguezas
em Africa e Inhambane*

2 volumes broch., 1\$500; encad., réis, 2\$000

1 vol. com 2 mappas, br., 600; encad., 900

CAP. GOMES DA COSTA

BENTO DA FRANÇA

GAZA — 1897-1898 — 1 v. br., 600; enc. 900

TROPHEUS — 1 vol. br., 600; enc. 800

DIVERSOS

SOROR MARIANNA — CARTAS DE AMOR — 1 vol., edição miniatura, br., 500; enc., 700 réis

FIALHO D'ALMEIDA

CARLOS FARIA

O PAIZ DAS UVAS — *Contos*, 1 vol., br.,
1\$000; encad., réis 1\$300

UM CONTO DE REIS — 1 vol. br., 600;
encad., réis. 800

VISCONDE DE CONDEIXA

O MOSTEIRO DA BATALHA — Explendida edição in-folio com muitas photogravuras —
1 grosso vol., em lugar de 13\$500, 9\$000 réis

JOSÉ PAMPILHO

TOIREIROS E TOIRADAS — *Com prefacio de
TRINDADE COELHO.*

AFICIONADOS E GANADEIROS — *Perfis e cri-
ticas.*

Cada volume brochado, 500; encadernado, 700 réis

LIVRARIA DE M. GOMES — CHIADO 61, LISBOA

Carlos Corrêa da Silva

Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA

DEPOSITO DE MACHINAS INDUSTRIAES

MOTORES A GAZ

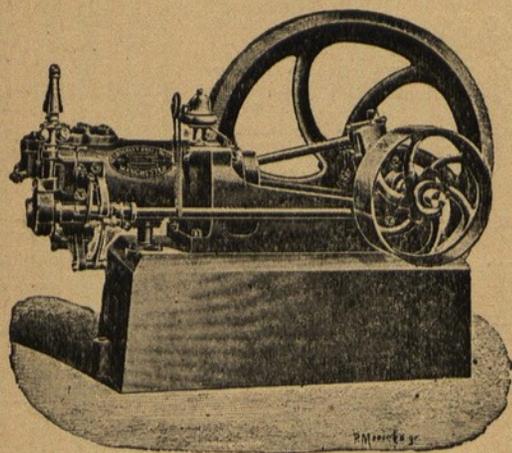
CROSSLEY

MACHINAS A VAPOR

MATERIAES

PARA

TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA

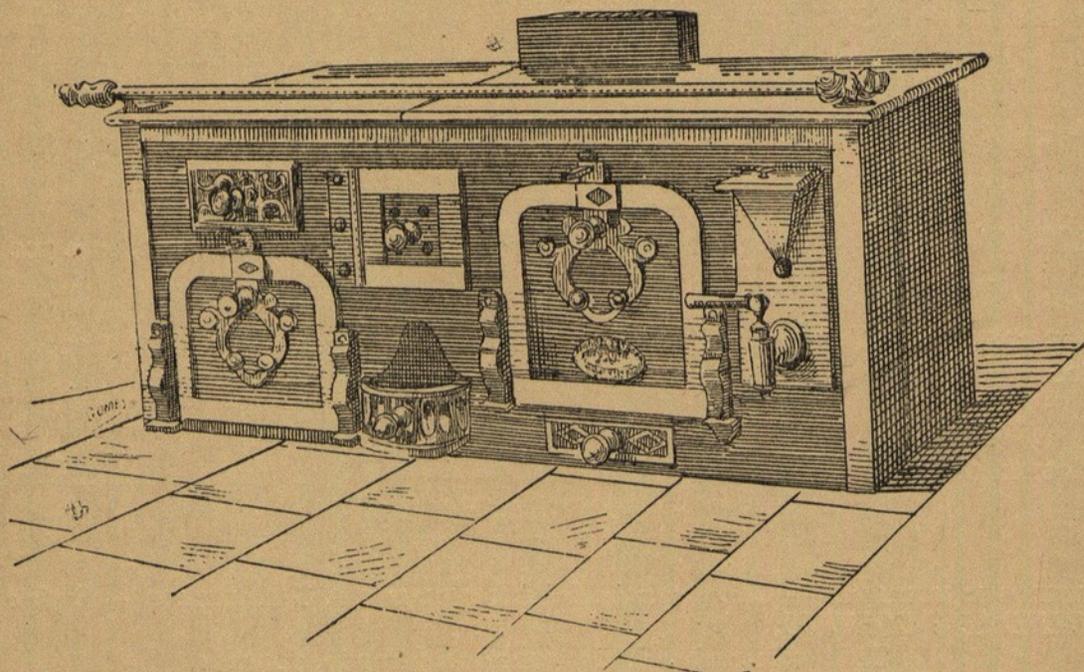


Tintas de imprensa de CH. LORILLEUX & C.^{ie}

MANUFACTURAS DE FERRO, COBRE E BRONZE MANUEL PATRONE

Executam-se todos os trabalhos de serralheria civil e mechanica, montagem de aparelhos para gaz acetylene e outros e de electricidade

ESPECIALIDADE EM FOGÕES CIRCULARES E FOGAREIROS ECONOMICOS



Balanças diversas. Grande fornecimento de accessorios para luz de incandescencia e candieiros para gaz

RUA DE S. PAULO, 109

J. J. RIBEIRO & C.^A

222, Rua Aurea, 226

LISBOA

Instrumentos de optica
e cirurgia
topographia, astronomia
etc.



Instrumentos de optica
e cirurgia
topographia, astronomia
etc.

Grande sortimento de machinas e accessorios para photographia

KODAKS DA COMPANHIA EASTMAN, DESDE 1\$600 A 80\$000 REIS

CHAPAS E PAPEIS SENSIVEIS DE VARIOS FABRICANTES

(Ilford, Lumière, Wellington, Mercôr, Jougla, Paget, Imperial, etc.)

OBJECTIVAS DOS MAIS AFAMADOS FABRICANTES

Productos chimicos espeziaes para photographia, de fabrico inglez, francez e allemão

GRANDE VARIEDADE EM CARTÕES PARA PHOTOGRAPHIA

Obturadores, prensas, aparelhos de ampliação, tinas; emfim, todo o material
necessario ás manipulações photographicas

PINHEIRO & SOBRINHO

ALFAYATEIRA

Rua de S. Julião, 83 a 87

GRANDE SORTIDO

DE

FAZENDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

CONFECCOES PARA HOMENS E CREAÇAS

*Encarregam-se de todos os trabalhos do seu genero
garantindo a sua perfeição*

Rua de S. Julião, 83 a 87
LISBOA

TABACARIA MARQUES

RUA DO OURO, 152

SEMPRE NOVIDADES!

Bolsas para tabaco e dinheiro.
Cigarreiras e Charuteiras, de cabedal e metal.
Bilheteiras e Carteiras, ultimos modelos.
Cachimbos d'ambar, espuma e raiz.
Boquilhas, legitimo ambar amarello e preto.
Boquilhas hygienicas Marques, com deposito
para nicotina.

Revistas navaes, militares, theatraes e modas
Obras litterarias e romanticas

ESTABELECIMENTO FUNDADO EM 1874



ESPECIALIDADE
EM
TECIDOS ESTRANGEIROS

Lopes de Sequeira

Sempre ultimos modelos

VESTIDOS, CONFECCOES E CHAPEUS

Rua do Ouro, 285 a 293
LISBOA

PITTA, CAMISEIRO

ENXOVAES COMPLETOS

Artigos de novidade
para homem

195, RUA AUGUSTA, 197
LISBOA

A PHENIX

RUA DO PRINCIPE

Edificio do Avenida Palace

LISBOA

TABACOS NACIONAES E ESTRANGEIROS

Variado sortimento de objectos para brindes

PERFUMARIAS

ARTIGOS PARA FUMADORES



LOS BORRACHOS — QUADRO DE VELÁSQUEZ (SÉCULO XVII)



AS VINDIMAS, SYMBOLO DO OUTONO — QUADRO DE LANCRET (SECULO XVIII)

AS VINDIMAS

Como todos os trabalhos do campo, acompanhando a evolução natural das estações, caracterizando os aspectos da natureza, as vindimas forneceram em todas as épocas thema á arte na symbolisação decorativa, como aquellas proprias transformações naturaes haviam creado os mythos na ingenua observação admirativa e imaginosa da consciencia humana primitiva. Depois de Ceres, symbolo da terra prodiga, attribuindo-se a significação da abundancia nas espigas louras dos trigaes, vem Baccho, o deus que ensinou o cultivo da cepa e a preparação do vinho, trazer a alegria, o conforto, a que a superior philosophia de Christo veio dar finalmente a suprema significação na confraternidade da ceia, onde todos se egualam.

QUAL de nós não olhou, em annos verdes, com um respeito quasi religioso, entrelaçado de intuições artisticas filhas de atavismos inconscientes, para uma dorna carregada de cachos, transportada pachorrentamente sobre o archaico e pesado carro de bois, a caminho da adega? Vêr esses cachos, já um tanto pisados, accumulados, em começo de fermentação, sem esses tons frescos de quando estavam na cepa, era ter a visão deliciosa de toda essa labuta campestre da vindima; — mulheres curvadas e cantarolando ao passo

que, com a faca recurva, vão separando os cachos da cepa; o sol queimando como um sinapismo immenso as costas das vindimadeiras; os cestos atulhados dos cachos transportados para os carros de bois; a azafama das mulheres afogueadas de calor, espreitando qualquer distracção do amo, olheiro ou capataz para darem um pouco de tregua ás suas energias; a chiadeira dos carros quando ao pôr do sol, finda a lida quotidiana, levam para as adegas, as dornas carregadas com a colheita feita de sol a sol...

A' parte modificações accidentaes, introduzidas pela industria moderna, assim se faz este anno, assim se fez no anno passado, no outro anterior, até ha milhares de annos que se teem sumido no abysmo dos tempos. Só o que differe é o *espírito* ou a *intuição* d'essa festa do trabalho. No Egypto, as pinturas tumulares representam a vindima como se fazia ha tres, ha quatro mil annos. A vinha attingia proporções arborescentes—como entre nós, no norte, onde alcança dez, quinze, vinte metros; mas qual a idéa que presidia a essa labuta, desconhecemo-la. Não succedia assim entre os gregos e os romanos. A divindade presidia a esse ramo da actividade humana. Lá dos confins da India viera Baccho, filho de Jupiter, com o sua descoberta da arte da vinha, ensinal-a aos homens. Que cumpria fazer, em agradecimento? Honrar esse deus; razão por que nos monumentos mais antigos, nos vasos e amphoras cujas formas se teem eternizado, se representava o deus Baccho, offerecendo um cacho a *Ampelus* (d'ahi a *ampelographia* parte da sciencia que trata das vinhas), com

sylvanos, os faunos e toda essa tropa de adoradores da famosa *pinga* que era para elles, como sempre o tem sido, a saude, a força, a alegria! Horacio, poeta ainda admirado e difficilmente igualado, celebra nas suas melhores odes, sem comtudo fazer a apologia da bebedeira, a satisfação que o vinho póde trazer á alma dos homens. Seguramente que a elle deveu a inspiração e a graça dos seus mais bellos versos.

O christianismo, sem fazer desaparecer inteiramente muitos vestigios da orgia pagã, não proscreeu da sua arte a vindimação e a vinificação, mas deu-lhes interpretação sagrada. A vinha é a arvore da vida, os seus fructos symbolisam a resurreição; mas como os artistas não podiam libertar-se das formas pagãs, como viam o que quer que fosse de mysterioso na evolução do vinho, por tal forma davam largas á sua imaginação ainda dominada por atavismos inconscientes que ainda hoje, em presença de certos santuarios antigos—Santa Constança, em Roma, por exemplo—hesitamos: é um templo christão ou um templo

de Baccho? A fórma é ainda pagã, mas a intuição é christã: glorifica-se o mais precioso dom do Senhor.

E' nessa corrente que se inspiram os monges dos primeiros seculos christãos: foram elles que nas encostas da Borgonha e do Rhodano plantaram vinhedos e edificaram adegas; foram os monges militares que nos territorios portuguezes, conquistados successivamente aos moiros ensaiaram a cultura da vinha, valorisando regiões até então absolutamente incultas. Nas adegas da Borgonha viam-se inscrições em que os monges recomendavam que se rendessem *boas gra-*



BACCHO E ARIADNA — QUADRO DE TICIANO (SECULO XVI)

a sua côrte de bacchantes, umas com um *grão na aza*, outras embriagadas até ao phrenesi, dançando em honra de Baccho, gritando *Evohé! Evohé!*, não faltando os satyros, os

ças ao Senhor por nos dar o vinho.

Dois *frescos* celebres da idade-media, pintados por Gozzoli, — *Vindimas de Noé* — traduzem perfeitamente o duplo character sagrado

e profano da vinha. Aquelle patriarcha preside aos trabalhos da vindimação; não ha alli vida, essa alegria que vai até á licença veem-se nos quadros de Ticiano, de Rubens, de



AS VINDIMAS EM TORRES VEDRAS

bacchanaes; e até n'um dos frescos se representa, como lição de moral, a scena humilhante de Noé, ante seus filhos, n'um profundo somno por ter abusado do vinho.

A santificação d'esse liquido precioso está bem symbolizada no mysterio eucharistico, symbolo que o povo ainda traduz na sua linguagem pittoresca, chamando ao vinho — *sangue de Christo*. Beber vinho é pois um bem, é praticar um preceito animado pelo symbolismo religioso. Simplesmente, os bons ou melhor os máus bebedores fazem ainda hoje, como o faria Noé: abusam, em detrimento da sua saude e em prejuizo da propria dignidade...

Esse abuso da ingestão do precioso liquido está caracteristicamente traduzido pela *Renascença*, nem admira, que ella renovando, accomodada ao tempo, a arte antiga, não prescindiu da licenciosidade pagã. E' uma época de guerras, de disputas, de uma vida intensa, em que senhores e plebeus se entregam á bebida mas acompanhada de grosseras orgias. Reapparece a antiga bacchanal; a pintura não cobre Noé com a capa de um dos filhos; pelo contrario, pinta a bebedeira em toda a sua nudez. Essa exuberancia da

Jordaens, de Nicolas Poussin, de Velasquez. Quem não conhece, por o ter visto no museu do Prado (Madrid) o celebre quadro *Los Borrachos*, de Velasquez? Expressão genial da symbolica pagã e da realidade da Renascença, essa admiravel pintura que foi paga por 100 ducados e hoje valerá milhões é a melhor resposta que se póde oppôr ao pretenciosismo dos que blasonam da superioridade do realismo no seculo XIX. Aquelle quadro tem uma lenda. Conta-se que um inglez foi, durante uns poucos de mezes, dia a dia, ao museu para o admirar. Por tal forma se esquecia de tudo quanto o rodeava que tinha o guarda de vir convidal-o a sahir por ter soado a hora regulamentar. Lá voltava o inglez no dia immediato, a postar-se horas ininterruptas, deante do quadro, rindo, admirando-o, esquadrinhando-o, estudando-o até que o guarda repetia a scena da vespera. E assim durante mezes!

N'esse quadro, Baccho, semi-nu, corôa um dos seus fieis, de joelhos; um grupo de bebedores alegres compõem a cerimonia; um, então, de nariz esponjosamente vermelho, uma d'essas figuras reaes, de todos os tempos e de todos os logares, que vista uma vez

nunca mais se apaga da nossa memoria, dá a medida exacta do genio observador de Valasquez: é um typo, é a expressão do realismo na sua absoluta intensidade.

A *bacchanal* d'este quadro vai porém afas-

XVIII, os pintores, seguindo a evolução dos costumes, pintam os prazeres do vinho, não como manifestações de uma intemperança descambada na orgia, mas como uma expansão de alegria até certo ponto ingenua.

Nos quadros de Poussin, os attributos pagãos representam episodios já na agonia. Lancret, o artista das festas galantes, não pinta as suas *Vindimas* para representar orgias; e se representa os prazeres do vinho é para o glorificar. Os seus personagens não são grosseiros, são antes ideaes. Nem mêmso a Revolução franceza, expansão impetuosa das energias nacionaes, das paixões que tinham de vingar uma sequencia de uns poucos de seculos de absolutismo, quebrou a tradição do bom gosto, entregando-se de novo ás bacchanaes, ás orgias pagãs; ao contrario o culto do vinho foi evolucionando para o que quer que seja de serio, de soberano.

Os grandes artistas como Daubigny, Breton ou de Curzon não pintaram bacchanaes nem deboches mythologicos, e sim o povo fazendo as suas vindimas n'um espirito pratico de ordem, bem honrado, calculista, pensando já no maior rendimento do anno proximo. Os seus modelos, as suas personagens são reacs, até mesmo quando a forma é academica, tal como se vê nas *vindimas de Procida*, de Curzon. A mulher de attitudes nobres que, firmada na sua escada, está colhendo os cachos para cestas á cabeça de creanças, as quaes dir-se-iam *amores*, afigura-se-nos ali como a mais simples aldeã, no desempenho da sua função humilde.

A verdade é que a arte contemporanea exprime o culto serio e quasi religioso do povo pelo vinho. E' o *sangue de Christo*, mas alem d'isso rendoso. *Ao Rheno! Ao Rheno! ali crescem os nossos vinhedos!* diz a canção allemã.

Mas o vinho excita a corantando-se para se sumir outra vez no arsenal gem; é elle que leva o povo ao combate; personagens mythologicos. No seculo soldados antes de se baterem bebem-no,



VINDIMADEIRA — QUADRO DE BLAAS (SECULO XIX)

para que lhes não falte a firmesa. Tal ha que irá bater-se como um leão, depois de um bom trago. Por isso o duque de Aumale, quando coronel do 17 d'infanteria, desfilando com o seu regimento deante do famoso *Closvougéot*, mandou apresentar armas, louvando assim a vinha e a coragem que ella insuffla nos valentes.

O vinho é suggestivo; exalta não só a co-

mais lindas tintas ás cousas que até então nos pareciam baças ou de linhas sombrias...

*Mas, em logar de sangue e furia tanta,
Derramemos n'esta alma o licor bello
Que do pampano brota e a vida encanta.*

O poeta é ainda o mesmo, o mestre impeccable das *Rimas*, e um dos versejadores mais originaes da nossa terra...



O MAIOR VINHEDO DO MUNDO — PROPRIEDADE DO SR. JOSÉ MARIA DOS SANTOS

ragem mas a mentalidade, afinando a imaginação e a invenção.

*D'este copo de vinho generoso
Dai-me que eu tire o alento que desejo,
Para que o novo canto sonoro,
Desfira na guitarra em doce arpejo;*

E' João Penha que em rimas exprime o estimulo que o vinho nos instilla, assim como o seu condão de nos deixar entrevêr o bello prisma da existencia, n'um copo do discreto sumo da uva:

*Sorri-nos a vida nos calices cheios
Dos roixos falernos das parras da Beira;*

Não é a bebedeira que o poeta canta: é esse estado delicioso a que uma gôta da bem trabalhada bebida, nos transporta, colorindo a realidade de visões deliciosas, dando as

Historicamente na pintura, as vindimas são na antiguidade uma festa bacchica, a divinição grosseira da bebedice; uma acção de graças ingenua nos Primitivos, uma orgia hilariante e mythologica interpretada nos artistas da Renascença, uma representação realista e solemne nos artistas do seculo XIX. Na actualidade constituem porém um thema para reflexões graves, desde que a Economia de algumas nações está dependente da maior ou menor exuberancia com que se manifestam os vinhedos. E' uma preocupação constante para os viticultores e para os estadistas, mórmente em nações como a nossa, cuja principal receita provém d'esses lindos cachos que se ostentam nos pampanos, mais ou menos sujeitos a molestias de nomes latinos, mas de acção devastadora. Não dorme o viticultor pensando no modo de tratar a sua vinha para

a pôr ao abrigo do mal, receando a inconstância do clima, outra contingência que pode n'um momento desvalorisar as mais promettedoras colheitas, fazendo todos os sacrificios para dotar a viticultura com toda a *pharmacopea* especial aconselhada pela oenologia. Diz-se que a fallecida *Ferreirinha* da Regoa, levava tão longe os seus cuidados no tratamento das suas decantadas cepas que um dia proferira estas memoraveis palavras: *se fór preciso tratar as minhas vinhas a caldos de gallinha, não me pouparei a despesas para o fazer.*

Por isso a *quinta do Vesuvio*, hoje na posse do seu filho, o sr. Antonio Bernardo Ferreira, replantada depois da invasão da phyloxera, retomou o seu lugar proeminente n'esse ramo de cultura.

E' de facto a producção vinicola o nosso principal rendimento, estando ella calculada em média, em 5.500:000 hectolitros annuaes. Essa producção destribue-se por (13 regiões agricolas):—*Entre Douro e Minho, Traz-os-Montes, Douro, Beira littoral, Bairrada, Beira Alta, Dão, Beira Baixa, Extremadura, Bacia e littoral do Tejo, Alemtejo, Algarve, Aço-*

variedades que todos mais ou menos conhecem. Os vinhos finos ou superiores, *Porto* e *Madeira*, teem alta reputação no estrangeiro, consagrada por uns poucos de seculos de consumo, graças a processos inalteraveis de fabrico.

Se no norte são características as quintas do *Vesuvio*, das *Carvalhas*, do *Róriz* e outras, no sul destaca-se a immensa propriedade do sr. José Maria dos Santos,—o *Pocirão*,—vinhedo que não tem rival no mundo, com os seus 2.400 hectares de planicie, por onde se estendem e medram, graças aos cuidados do seu opulento possuidor 6.000.000 de cepas. A sua producção annual é de 20.000 pipas de vinho, o que representa, só á sua parte, a vigesima parte da colheita inteira de toda a região da *bacia e littoral do Tejo*. A par d'essa propriedade de extensão unica, figuram nobremente, tambem no sul, a *Quinta do Calvel*, do sr. Antonio Agostinho de Silva Henriques, com a sua producção annual de 300 pipas, a *Quinta do Charnixe*, do sr. Joaquim Gomes de Sousa Belfort, e outras.

Não constituiria este ramo de cultura um



AS VINDIMAS NO DOURO

res, Madeira. Descrever as variedades de cepa em cada uma d'estas regiões, levar-nos-ia longe. Os vinhos de pasto manifestam-se em

valor tão importante para o paiz se não fosse exportavel. Ora este commercio chegou a attingir numeros lisongeiros, mormente nos

annos de 1884 a 1899, cuja média annual foi calculada em 700 a 800:000 hectolitros. D'ahi em diante nota-se uma depressão, causada não só pelo replantio em França dos vinhedos que o phyloxera devastara, como tambem pela concorrência dos vinhos hespanhoes, os quaes conseguiram entrar em muitos mercados e até no Brazil. Esta circumstancia e o facto de se ter alargado a cultura do vinho mais do que o consumo interno e externo produziram a *crise* que tanto preoccupa actualmente o paiz e tantos cuidados accumula sobre o governo que já começou a dar satisfação, em parte, aos votos da Real Associação Central d'Agricultura Portugueza e dos diversos Syndicatos agricolas do paiz, reduzindo os direitos do *real d'agua*, estatuindo sobre a importação do alcool estrangeiro, fomentando a criação de adegas sociaes. Uma parte da opinião pronuncia-se no sentido de uma medida *pombalina*, a qual

permitta só a cultura da vinha *d'encosta*, e por tanto prohibitiva de novas plantações ou replantações em planicie, em terrenos apropriados á cultura cerealifera. D'aqui se vê como a questão dos vinhos é complexa, sendo difficil aos governos resolvel-a ainda com a devida ponderação dos elementos multiplos ou factores que entram n'esse difficil problema.

E' um assumpto grave precisamente porque interessa todo o paiz, ameaçado na sua principal fonte de riqueza; de norte ao sul ha' uma população immensa de grandes e pequenos viticultores, afóra a população que vive subsidiariamente do trabalho d'essa cultura.

O vinho, a que muitos pedem a alegria e o bem estar que elle proporciona, é a final de contas um motivo de tristeza para os que se preocupam com o futuro economico de Portugal...



A VIRGEM DO CACHO D'UVAS — QUADRO DE MIGNARD
(SECULO XVII)



O Sultão da Turquia

A recente irrupção na politica europea d'um novo conflicto diplomatico entre a França e a Turquia fez muito naturalmente convergir as atenções publicas para a situação do velho imperio ottomano e para a pessoa do seu soberano, cuja acção politica e character intimo são de molde a distinguil-o como chefe supremo e absoluto d'uma ainda grande e curiosa nação. No artigo que segue procura-se desenhar em escorço a physionomia e a vida do actual sultão.

FALLANDO do sultão actual Abdul Hamid II, um dos mais distinctos estadistas inglezes, e dos mais eminentes politicos modernos, o fallecido lord Beaconsfield, disse d'elle, definindo-lhe o character em poucas palavras:—«Não é nem um tyranno, nem um dissoluto; não é hypocrita, nem corrupto.» Opinião concorde com a que recentemente emittiu o imperador d'Allemanha. Com effeito o sultão, exercendo effectivamente o poder absoluto, concentrando nas suas mãos n'um esforço de trabalho, que assombra, todo o governo do seu vasto e complicado imperio, creando no seu já longo reinado uma politica pessoal cuja bondade ou alcance n'este momento se não discute, não tem transformado em despotica tyrannia a sua vontade energica e inabalavel, nem tem deixado, sem resistencia propria ou desvelada attenção, alastrar a corrupção inherente á constituição do seu imperio e ás suas peculiares condições sociaes.

Assiduo excepcionalmente no trabalho, sobrio, regrado nos costumes, a vida do sultão contrasta notavelmente d'aquella que pudesse imaginar quem, fallando-se da Turquia, se lembrasse apenas das descrições dos contos das *Mil e uma noites*. Abdul Hamid nasceu em 22 de setembro de 1842, filho terceiro de Abdul Medjid, e comquanto tivesse recebido uma excellente educação, como principe da casa imperial, não foi educado da mesma fórma como

se fôra o directo herdeiro do throno por isso que bem remotas pareciam ser as probabilidades de succeder no sultanado ottomano.

Quando novo, era muito vivo, alegre, apreciando os prazeres da sociedade; e desde a mocidade parece tel-o animado sempre o desejo de melhorar o estado e condições existentes na Turquia, bem como o amor pelo estudo, e pelas cousas intellectuaes, tomando grande interesse na cultura do Occidente, e muito especialmente no progresso das artes e das sciencias.

Decidiu obter conhecimentos sobre os mais novos progressos, afim de attingir os meios de aperfeiçoar a condição do seu povo, e de tornar a posição d'elle mais semelhante á civilização das outras nações europeas; mas esta tarefa tem-lhe sido difficil porque tem de lutar com os preconceitos de seus subditos, com a falta de dinheiro para levar a effeito as suas reformas, alem das restricções impostas pela propria religião musulmana.

Comquanto o Sultão não esteja em perfeito accordo com a posição que occupam as mulheres nos outros paizes da Europa, a condição da população feminina na Turquia tem melhorado praticamente no seu reinado: tem-se tornado muito menos frequente a polygamia, e hoje é mais uma excepção do que regra um turco ter mais de uma mulher. Um grande harem pertence ao estado do sul-

tão, e ninguém sabe quantas mulheres vivem atrás d'aquellas mysteriosas muralhas do palacio Yildiz; e posto que o sultão siga o exemplo dos seus antecessores a respeito do sexo fraco, é sabido que numerosas servas do harem são ainda creanças, allí educadas, sob a superintendencia da sultana mãe, e que, quando chegam á idade propria, são casadas com homens de boa posição. A sultana chefe, é uma pessoa de grande importancia n'um harem; e se acaso ella fôr ciosa e de temperamento pouco amavel, sem duvida não poderá ser feliz em comparação com a vida das outras mulheres; porém, quando succede, como no caso presente, que tenha um coração bondoso e pronto a promover a felicidade das companheiras, a vida no harem é extremamente agradável.

E' sabido que a sultana que preside agora no harem no cargo supremo, é madrasta de Abdul Hamid, o qual perdeu a mãe quando nasceu. Extremoso para com os filhos cuja educação vigia cuidadoso, diz se que na sua habitual tristeza influiu profundamente a morte trágica de sua filha predilecta, a qual morreu queimada, ainda creança, ha bastantes annos, pegando-se-lhe fogo ao fato. As tragedias que precederam á ascensão de Abdul Hamid ao throno eram por si sufficientes para o entristecer: a morte de seu tio, a declaração de demencia de seu irmão, tendo apenas reinado mezes, collocando-o inesperadamente no throno, e depois o periodo turbulento da historia turca, durante os vinte e dois annos do seu reinado, em que a fatalidade desastrosa parece ter sempre perseguido os seus planos e empresas.

Todas as sextas feiras, o monarcha abandona momentaneamente as muralhas que rodeam a sua residencia para ir fazer oração na mesquita que está situada fóra das portas da cidade; mas de resto, só uma vez por anno deixa o palacio de Yildiz. O sultão, divergindo dos costumes dos seus antecessores, offerece lautos jantares nos quaes são servidos os melhores vinhos, mas este facto é reprovado pelos seus mais antigos subditos, como quebra violenta dos preceitos religiosos e das tradições respeitadas.

Pequeno de estatura, phisionomia pallida

e macilenta; barba e bigode que vão branqueando; os olhos negros, d'um olhar agudo e intelligente e o nariz grande e aquilino dão-lhe uma certa apparencia judaica. Tem maneiras distinctas, conversa bem, e aprecia muito o convívio com artistas e homens de letras, com os quaes enthusiasmado discute as questões de arte e de litteratura, em decidido progresso no seu imperio.

Durante as tardes, o sultão passeia geralmente uma hora nos jardins do palacio. Depois, mais uma vez trata dos negocios do Estado, até ao pôr do sol, tomando logo em seguida a sua segunda refeição semelhante á primeira e igualmente sobria.

A vida de sociedade em Constantinopla é muito restricta, mas o corpo diplomatico organisa divertimentos constantes durante o anno, de sorte que ha sempre qualquer diversão em Pera, a parte christã de Constantinopla. Ha muitos estrangeiros na Turquia, e encontram-se numerosos *tourists*, a maior parte inglezes e americanos, que em regra se occupam em comprar preciosidades de arte turca, manufacturadas em Manchester ou Birmingham, e que levam triumphalmente para a terra da sua nacionalidade.

O palacio de Yildiz, onde habita o sultão, é uma cidade dentro d'outra cidade, rodeada de numerosas e concentricas muralhas, cada uma mais alta e mais espessa do que a anterior e estando no centro o palacio do imperador,



VISTA GERAL DE CONSTANTINOPLLA

collocado no meio de parques e jardins plantados, em estylo inglez, com largos relvados.

O sultão tem prestado desvelada atenção á organização do seu exercito; os seus officiaes teem visitado os paizes do occidente, especialmente a Allemanha, onde teem ido aprender a arte da guerra; e officiaes estrangeiros teem sido chamados a instruir as tropas ottomanas, que ainda demonstraram ser um dos melhores e mais bem disciplinados exercitos da Europa, na ultima guerra com a Grecia.

Tem procurado desenvolver a agricultura, estabelecendo em todos os dominios modelos de herdades, para que o povo pudesse estudar os melhores e mais modernos processos de cultivo e commercio, bem como tem procurado o desenvolvimento da industria fabril.

Não se fizeram estas innovações sem grandes difficuldades; e a mais decidida opposição foi levantada contra as escolas publicas para rapazes e raparigas, que nos ultimos annos tinham sido estabelecidas por todo o imperio. Os turcos consentiam que os seus filhos fossem para a escola, mas consideravam uma desventura sujeitar as raparigas a educação publica.

Os menos escrupulosos ainda mandavam as filhas ás escolas vestidas de homem; todavia, o tempo abrandou os preconceitos do povo a este respeito, e as raparigas turcas vão hoje ao collegio com a mesma regularidade dos seus irmãos.

Os beneficios produzidos por esta educação universal pôdem já claramente avaliar-se no adeantamento que distingue a nova geração; e as mulheres principalmente colheram vantagens que as habilita a terem hoje uma vida muito differente d'aquella a que antigamente eram constrangidas. Em Constantinopla, muito especialmente a condição das mulheres tem melhorado rapidamente, havendo um jornal de senhoras publicado n'aquella cidade, editado e escripto por jornalistas turcas, cousa que seria decididamente impossivel ha vinte ou mesmo dez annos.

O sultão, como a maior parte dos soberanos, é muito madrugador, e depois de ter feito a sua *toilette*, e repetido as orações impostas

pela sua religião, toma uma chicara de café e fuma o seu primeiro charuto, o primeiro dos muitos que fuma durante o dia, porque Abdul Hamid é um fumador incorrigivel. A comida do monarcha é em extremo frugal, e como um bom musulmano não usa de bebidas alcoolicas. Toma a sua primeira refeição substancial á 1 hora, que consiste de carne, legumes e fructas, seguida de arroz cosido servido com um molho semelhante ao caril. Manda collocar a sua meza de jantar junto d'uma janella, para poder gosar do panorama do jardim e do ar fresco. A comida do sultão chega á meza em travessas de prata, cobertas e sel-

ladas na cosinha e são abertas na meza á vista do soberano, para evitar, diz-se, a possibilidade de qualquer tentativa de envenenamento no caminho entre a cosinha e a meza imperial. Este é um traço denunciador da monomania de perseguição que assoberba o espirito de Abdul Hamid, tara hereditaria e característica da familia. O seu olhar inquieto parece esquadrinhar todo o recanto onde possa occultar-se um imaginario assassino; a expressão de fadiga, não de enervamento, impressa na sua face, revela o esforço constante do seu espirito, a tensão permanente da sua vontade.

Entre o seu café da manhã e o almoço da 1 hora, o sultão recebe os ministros e despacha negocios de estado. Abdul

Hamid tem um fraco pela intriga mundana. Interessa-se vivamente em ouvir as minuciosidades que possam contar-lhe sobre a vida particular, os costumes e habitos das pessoas reaes, como tambem o interessam os eccos dos escandalos de sociedade que possam chegar á sua deliberada clausura, dentro do seu palacio de Yldiz.

Entre as diversas muralhas, estão construidas as casas dos officiaes da cõrte, dignitarios do estado, e de toda a gente pertencente á cõrte, assim como as salas onde se effectuam os serviços publicos. E' um enorme recinto pois ha centos de pessoas ligadas ao palacio, as quaes todas teem residencia para dentro d'essas muralhas. A muralha exterior tem só



O SULTÃO ABDUL HAMID II

(O sultão, que conta hoje sessenta annos de idade, tem publicado apenas o presente retrato)

trez portas, uma simplesmente para uso do sultão; outra para as mulheres do harem e qualquer visita pessoal do sultão, como por exemplo embaixadores estrangeiros ou pessoas reaes; e a terceira é a entrada commum para o palacio.

O theatro imperial, que tambem está dentro das muralhas, é uma construcção verdadeiramente curiosa, não dando idéa alguma da sua applicação. O camarote real está no centro da casa, ficando de cada lado os lugares das damas do harem que se sentam n'uma especie de gaiola atraz de grades douradas. A platea do theatro fica em geral completamente vazia, visto que não é permittido occupar qualquer lugar adeante do monarcha.

O sultão que é um dos homens mais diligentes do mundo, passa muitas vezes noites inteiras reflectindo nos negocios do Estado e pouco tempo lhe resta para descançar e divertir-se. Todos os que o tem encontrado ou visto, soffrem a sensação immediata de que Abdul Hamid é um soberano muito mais adiantado do que os seus subditos, e os seus deveres, por consequencia são muito mais penosos dos que os dos outros monarchas que podem seguir com a corrente geral os successos politicos.

A igreja mais interessante em Constantinopla é a Agia Sophia, um enorme monumento, que comquanto não seja exteriormente tão bello como as outras mesquitas, tem um magnifico interior.

No cume do «Cornes d'Or» ergue se a villa de Eynab, onde está situada a mais santa mesquita, onde cada sultão tem de entrar antes de subir ao throno, para cingir a espada de Osman. Não é permittido ao christão approximar-se d'aquelle sitio.

Da primeira visita a Constantinopla fica sempre na memoria a vista e o encanto da esplendida capital turca. A Ponta de Serralho, com o antigo palacio branco, com os seus curiosos telhados verdes e janellas de rotulas, as esplendidas alamedas de cyprestes, alindando os terrenos que rodeiam e os mysteriosos caminhos que pelas portas do cerca-

do conduzem por entre as muralhas do castello ao Bosphoro, trazem-nos á memoria todos os contos phantasticos das «Noites Arabicas», e quantos homens e mulheres encontraram o segredo da morte n'aquellas limpidas aguas azues.

Ha o quer que seja de subtil, como um perfume, de leve como uma renda, de suggestivo, em nomear tão sómente estes logares privilegiados. Fallar em Constantinopla, em Stamboul, em Galata, na torre do Seraskier, na Ponte, em Pera é acordar logo na imaginação um mundo de recordações phantasiosas, esbatidas, mal definidas no contorno, mas gra-

ciasas, suavemente coloridas, mysteriosas sempre, que ficaram das narrativas orientaes, bem gravadas na memoria, quando ouvidas em creança nas longas noutes de inverno, a povoar de desejos e de aspirações o somno juvenil, ou quando lidas mais tarde nas paginas scintillantes da litteratura de viagens, desde Lamartine até Amicis. E, notavel reacção do espirito, difficilmente se corrige a comprehensão, por vezes falseada, que involuntariamente teima em apreciar, sob determinado criterio, as cousas e os homens d'aquelle paiz.

Assim, talvez por causa d'este daltonismo intellectual, as intenções governativas, os planos

de grandeza, a traça diplomatica, as resistencias calculadas de Abdul Hamid tenham soffrido tão encontrada e diversa interpretação na critica politica. Accusam-no de illusão panislamica, que o fanatismo de alguns cheiks despertou no espirito do sultão, querendo aproveitar na renascença do antigo poderio musulmano a mesma corrente moral que circola ao longo das costas do Mediterraneo, desde o Bosphoro até ao estreito de Gibraltar. Censuram-lhe como enganosa em seus principios, contraproducente nos seus resultados, inutil nas consequencias, a sua politica do califado, quando tornou real, pela effectiva influencia religiosa no supremo mando e na sujeição das consciencias, o seu titulo popular de «sombra de Deus».

Todavia, no afago carinhoso da idéa panis-

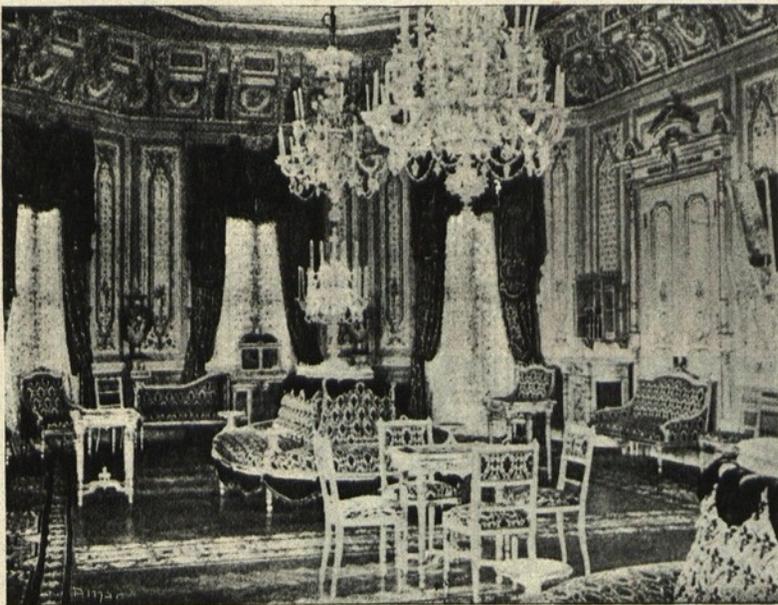


DAMA TURCA EM COSTUME DE INTERIOR

lamica, parece que Abdul Hamid aspirava naturalmente a renovar, se possível fosse, a

d'estes procedimentos provém mais da apreensão exterior ao meio e opposta nos interesses que affectam extranhos, do que da observação imparcial, independente e justa das intenções que os determinam.

Bem claro está que des agradasse á complexa diplomacia a resistencia passiva que o sultão oppõe á teimosa interferencia dos extranhos na vida intima do imperio. Em legitima defeza do seu poder ameaçado, Abdul Hamid procura desenvolver os meios d'acção propria, fundando-os no espirito religioso ou fanatico dos seus numerosos subditos, cedendo, porem, pouco a pouco n'uma intenção conciliadora com os interesses e com as mal disfarçadas ambições que se degla-

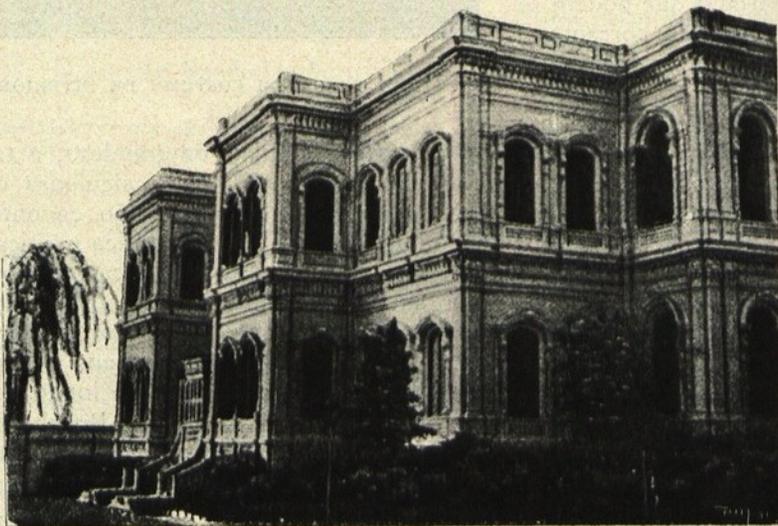


SALA DE RECEPÇÃO DO SULTÃO

grandeza e o poder dos crentes de Mahomet; como na pretensão de reunir na sua pessoa a supremacia religiosa, retirando-a praticamente ao cherif de Meca, verdadeiro califa, segundo a mais orthodoxa interpretação dos textos religiosos, que a um tempo são administrativos e civis, estava a natural defeza d'um soberano, perante uma propaganda separatista de funções supremas que, na apparencia apenas religiosa, lhe podia trazer, se ella tivesse exito, consequencias politicas de uma gravidade excepcional. Depreciam-o ainda mais fortemente no conceito geral, apontando-o como intolerante em materia tão fortemente discutida, quando era natural que o sultão desenvolvesse toda a actividade em abafar a corrente de discussão sobre tão melindrosa limitação do seu poder. Por ullimo, tornam-o responsavel de todos os defeitos experimentados e de todos os desastres nacionaes, visto que Abdul Hamid inaugurou uma politica pessoal, tão exclusiva, e tão centralisada em suas mãos, que assombra a força de vontade e o poder de trabalho necessarios para a manter. Todavia, a critica

diam na esperança de herança valiosa... De transigencia em transigencia, sem quebra da sua supremacia sobre o islamismo, tem procurado impulsar o progresso e a transformação interna do seu mesclado imperio.

Como bom turco, que nunca diz não, contentando-se em não dizer sim, o sultão oppõe delongas habeis ás imposições occidentaes e a custo concorda em resoluções definitivas; mas applica á administração corrente dos negocios



PALACIO DE YLDIZ

internos a mesma resistencia, e mesma passividade de que usa para com extranhos. As-

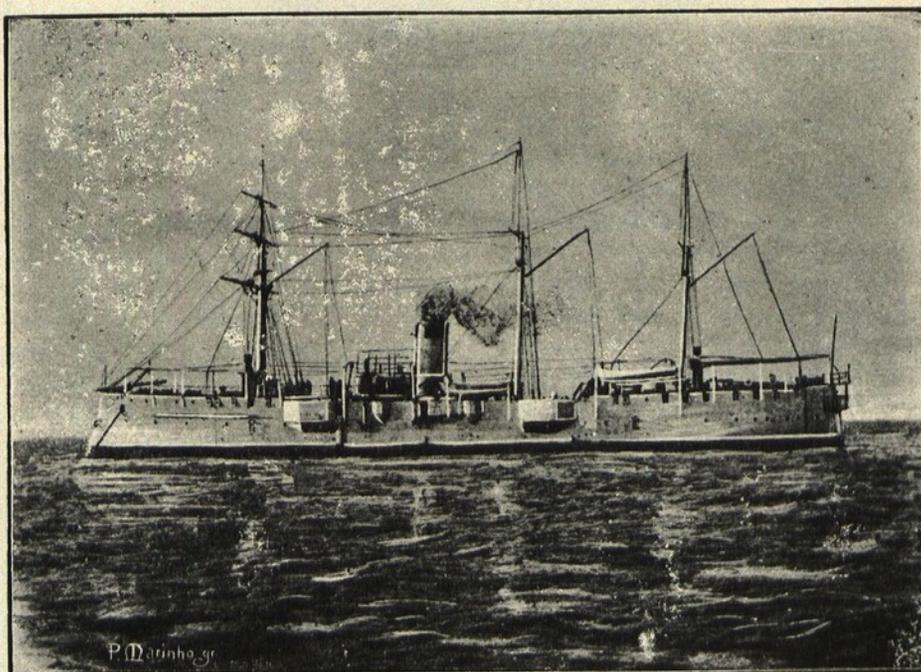
sediam-o constantemente exigencias que elle afasta com aquelle mesmo systema de addiamentos no desfecho, e incorre na censura de não permittir o desenvolvimento do seu proprio paiz. Houve tempo, não mui remoto, que em volta da sublime porta se apertavam pressurosas e avidas innumerables pretensões de extranhos a solicitar concessões e negocios, querendo todos felicitar o enfermado imperio. A sublime porta, que sob o reinado do actual sultão se consubstanciou na sua personalidade, sendo os seus ministros meros executores das suas ordens, permanecia fechada a tão instantes solicitações. Entretanto formulavam-se exigencias, exerciam-se pressões diplomaticas. Abdul Hamid illudiu a difficuldade remettendo os pretendentes e todos os requerimentos recebidos para uma commissão especial de exame mas tão activa no trabalho que mereceu o cognome de «agencia funeraria» como allusão ao papel que ella desempenhava pela rejeição systematica dos projectos submettidos á consideração ministerial. Afinal cedeu ao impulso invasor da especulação que espreitava momento opportuno e talvez agora mesmo se lastime da condescendencia havida.

Abdul Hamid centralisa todo o movimento administrativo; porque examina elle proprio todos os negocios, desde as mais altas questões diplomaticas que possam surgir nas suas relações com as potencias até aos minimos

processos das multiplas pequenas resoluções administrativas que todas dependem para a execução da sua assignatura. Para este fim, o sultão fez transportar para dentro das muralhas do palacio Yldiz os archivos ministeriaes.

E' notavel a disposição systematica, ordenada que elle desenvolve na arrumação e na consulta de todos aquelles papeis e processos; mas por maior que seja a sua deligencia e actividade, a delonga no despacho é fatal. Conta-se o seguinte exemplo. Um dia a Inglaterra desejou comprar 15 cavallos para dotar as suas caudelarias da India. O embaixador inglez formulou o pedido; intercedeu junto do sultão, que accedeu prontamente, mas occupado na solução de varios negocios, levou mais de tres mezes a que chegasse occasião de ver o processo relativo aos cavallos para lhe dar expediente. São innumerables os casos similhantes.

Mal se comprehende o esforço de trabalho, a continua tensão de espirito de que precisa usar Abdul Hamid para manter esta permanente inspecção superior sobre todos os negocios do seu vasto imperio, e a ella se attribue a mudança frequente que elle realisa no pessoal do seu ministerio, dos seus grão visirs, porque não é facil a um homem politico, exercendo aquellas altas funcções, ter sempre uma perfeita uniformidade de pensar com o seu soberano.



O CRUZADOR S. GABRIEL



Antonio Lera

† AOS 6 DE AGOSTO DE 1901



A ultima vez que o vi...

A ULTIMA vez que o vi — faz hoje exactamente quinze dias — malcuidava que para tão cedo me reservava a Providencia dos designios insondaveis o desgosto de o perder. Não que o não achasse ferido, como um dia achara Oliveira Martins, a que Elle no reccado desenlace do mal de que enfermava tanta vez se comparou, ferido, e bem ferido, da aza do terrivel anjo que o levou agora. Mas o anjo apartara-se e, ao que parecia, para longe, para tão longe que minha sobresaltada amisade lhe não entrevia a sombra naquella physionomia de expressão dura tanta vez, quasi rispida, que eu contemplava amaciada agora pelo soffrimento silencioso e intimo, e pela luz do sol que principiava a descer ao longe no horizonte triste, — triste da minha tristeza que então me parecia — e já me não parece — delle.

Sou para os que amo, em casos taes, incorregivel optimista. Tanta vez depois me arrependo de o ter sido! Fui assim com Sousa Martins; assim com Barros Gomes; agora assim com este. Cheguei a ter — parece-me hoje incrível — a segurança de cabal victoria. Se o via emfim sentado á meza, vestido, como se veste um doente, é certo, mas vestido, com alguns livros abertos, livros de cousas leves e d'estampas que não o eram menos sem duvida, mas livros, que sua mão tenuemente desmaiada, de modo nenhum recomida pela febre — apertei-lh'a longamente — folheava distrahida!

«E' para não estar a pensar, disse-me. Tenho pensado tantas cousas! Hei-de-lhes contar depois, quando fallar sem custo.» Referia-se assim a Antonio Candido, o qual, em visita anterior que ambos lhe fizemos, lhe lembrara affectuosamente que fosse convalescer um tempo a Candemil, e a mim que, ao desejo expresso de ambos, respondera com a formal promessa de acompanhal-os nessa digressão de festa, que o fôra, e grande, para os três.

Mas que cousas seriam essas, cogitadas em

momentos de dor ou desalento, de fugaz esperança ou presentir amargo, que sua amisade se propunha confiar-nos! O que me disse da confidencia, annunciando-m'a e parecendo logo recatal-a de mim proprio, deu-me a principio o desejo de nada saber della. Almejava esperanças e temia desalentos. Veio logo porém a convicção de que seriam conceitos vãos, ideias loucas, meras creações da phantasia, aquelles *cegni somnia* de que falla o poeta, em que se desatava agora seu tão forte, seguro e reflexivo espirito. Elle que sabia querer, que procurava sempre sujeitar á disciplina da razão e da vontade os impulsos do sentimento e as creações da phantasia vívida, envergonhava-se do dominio que, pela duração e alcance o humilhava, desse sentimento, dessa phantasia, em horas de doença e por conseguinte de fraqueza, sobre sua razão e seu querer. D'ahi o recato, d'ahi a reserva da confidencia, do proprio assumpto della, para quando se sentisse bem, para quando pudesse resgatar com a evidencia de cabal victoria a desfeita recebida, e extinguir com frases de quem de novo quer e pode emfim o sorriso de piedade affectuosa, mas de piedade, que affrontava a energia, que era consolo e orgulho do seu amplo espirito.

Ora nessa energia da alma e da vontade estava um seu predicado maximo. Era dom que o assignalava entre os que pelo vigor e elevação mental se lhe podiam pôr a par. Possuía essa qualidade soberana que caracteriza os homens de acção, e possuía-a na intensidade que sobra a honrar e esclarecer um nome. Perguntem-o a seus mais intimos, perguntem a seus companheiros de lida e de triumpho, em tantos lances difficeis como poucos, como nenhuns quasi, do seu commissariado, por exemplo, da Africa.

Mas não era Elle simplesmente isto — que seria tanto. Era homem tambem de phantasia e sentimento — um cabal artista. Tinha pois a um tempo o condão summo por que os fortes são fortes e são heroes os heroes, e o que

faz o encanto dos fracos — dos fracos d'uma fraqueza que vale tanto quanto a melhor força, e constitue a graça e o enlevo que nos dominam nos artistas, nas mulheres e nas creanças. É essa união raríssima que forma a originalidade de seu espirito. As duas tendencias — e eis mais um privilegio de que o quiz enriquecido a Providencia — nunca se confundiam n'Elle ou para lhe estorvar a acção premeditada ou para lhe desmerecer o brilho da palavra. Se se uniam alguma vez — e alguma vez se uniram — era para completarem a obra realisada. Assim é que se devia á primeira o acerto no conceito, o aviso no conselho, a presteza e segurança na acção, que lhe não faltavam quando era preciso ordenar ou cumprir; e era a segunda, tão ingenita e viva quanto aquella, que o fazia capaz de tanto, de sentir, por exemplo, o que havia de grande e bom onde quer que fosse, o que o tornou apto e pronto a estimar ou admirar o que era credor de admiração ou estima. Deste predicado, que é tambem um jubilo, não o quiz privado carinhosa a Providencia. Para os que a benevolencia, a rectidão ou a perspicacia de seu espirito desejava admirados tinha sempre uma palavra boa a que a sua penna, a penna de um artista consummado, dava relevo e valia quasi unica.

No seu livro sobre as campanhas de Africa exemplifica-se com summo brilho a união feliz das duas prendas. Cada pagina desenha, esculpe, avulta-lhe as grandes qualidades de governo e mando. Mas a quem se não revela tambem nellas o escriptor original e potente — escreve intencionalmente estes dous epithetos a minha penna habituada a escrever o que quer —? Tão espontaneo mesmo era nelle tal condão que ás vezes o não sentia seu perspicaz e claro engenho. Desejou a sua amisade, sempre viva e deferente para mim, que eu percorresse numa leitura rapida algumas das paginas desse nobre livro que se achava ao tempo em provas. E com a correcta cortezia que nunca despedia de seus modos e dizer mais intimo, mas no tom da mais singella convicção, desculpou-se do enfado que suppunha dar-me em tal leitura. «Essas paginas, dizia-me, nada tem de literarias.» Quizeria simplesmente narrar e explicar cousas que convinha deixar explicadas e narradas. Nada de literarias, paginas traçadas por uma penna que não valia menos que o valente engenho ou a rija vontade que concebera e executara o que ella narrava e explicava com tão superior maestria, vigor e brilho tanto! A essas paginas está por certo reservada toda a duração na estima e no geral applauso que constitue a unica perpetuidade nas cousas do homem.

É innegavel porém que das duas prendas, ou por lhe parecer a primeira superior em si ou por se lhe figurar de maior rareza, Elle presava menos a segunda. Procurou sempre — nem sempre o logrou, ainda mal, é certo — ser justo com os outros. Comsigo era, bem se vê, muita vez sympathicamente injusto...

Levara-me o acaso nesta segunda e ultima visita ao pobre enfermo de Queluz em dia e hora em que Elle, depois de gravemente doente, comia pela primeira vez. Que comida! Um pouco, um pouquissimo, um nadinha de peixe que lhe appetecera, que fôra autorisado a comer, e que sua filha e ao mesmo tempo desvelada enfermeira lhe trouxera. Emquanto Elle com os olhos devorava o appetecido, appetecivel e minusculo acepipe, que aliás só desfibrava lentamente e lentamente ia mastigando; e emquanto eu, defronte, lhe contava mil cousas leves, insignificantes, sem me demorar em nenhuma, fugindo as que podiam prendel-o muito, fallando quasi exclusivamente para o não deixar fallar, receioso que a applicação e o esforço fatigassem aquelle espirito ainda ha pouco tão robusto e seguro e são, ia pensando cá por dentro pouco mais ou menos as cousas que ahi deixo ditas e considerando dolorosamente a que reduz e em pouco abate o mal ainda aos de mais rija tempera.

Consumira uma hora, medida com largueza, com o pobre amigo que procurara carinhosamente demorar-me. Levantei-me porfim, prometti-lhe para breve uma nova visita e de mais dura, essa, abracei-o, e sahi acompanhado até á porta do quarto por sua filha que gentilmente me agradeceu o bem que a minha visita fizera ao seu querido enfermo. Voltei-me a vel-o ainda uma vez e Elle sorriu tristemente á minha saudação amiga.

Sahi esperançado. Puz-me a combinar comigo o dia em que de novo viria vel-o. Achal-o-hia então muito melhor. A tarde declinava na suave melancholia de que se embebe todo termo proximo. Eu subia a passos intencionalmente lentos a suave ladeira que da casa do amigo que sem saber via pela ultima vez nesta desconsolada terra, leva á estação da via ferrea. Sósinho, comecei de sentir-me — porquê? — a pouco e pouco immerso na tristeza infinita das sombras que desciam. E embalado pelo ramalhar das arvores na viração da tarde, que me não parecia menos triste, recordei a subitas o: venha, venha! affectuoso e amargurado com que Elle respondera á minha pergunta por escripto se, doente como estava, me queria ver; reflecti que o homem com quem estivera não era emfim o que eu conhecera e

admirara, tão esmorecido, tão desmaiado o vira pelo mal que por impiedosa ironia — não tem para nós só lagrimas as cousas — ou no empenho de adormecer-nos n'uma esperança enganadora, não lhe esmorecera o olhar nem desmaiara as faces; e perguntei

a mim proprio, n'um relance de magua e de saudade, se aquelle transmontar — ia sumindo-se já o sol no occaso — era o unico transmontar a que eu assistira nesse dia... Não era.

7 de agosto

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO

EM MEMORIA

Não é quando a estatua está erecta e firme sobre o pedestal que a vista mede com justeza a sua altura; a illusão, que lhe apouca as dimensões, esvae-se quando ella jaz cahida sobre a terra. Por antiga e repetida a comparação não perde o merito de verdadeira. A estatura dos homens que em vida dominam sobranceiros, pela força do engenho e pela pujança das suas faculdades intellectuaes, só encontra na morte craveira exacta. Trivial é o conceito; mais uma vez a observação se repetiu com Antonio Ennes.

No dia seguinte ao fallecimento do amigo, a cuja memoria tributo aqui sómente a expressão d'uma saudade intensa, li n'um jornal da noute, que dirige penna experiente e voluntariosa, a seguinte phrase de justa apreciação sobre a preponderante influencia publica de Antonio Ennes: — «com ser indirecta, esta sua intervenção na marcha dos negocios publicos tornava-se, por vezes decisiva». — Era, com effeito, este o seu grande e particular valor.

D'onde lhe provinha? Da pluralidade de amigos que o rodeassem valorosos e aguerridos? Não; que amigos teve-os, sim, devotados, mas dispersos, sem a cohesão de partidarios que pesassem na balança das decisões politicas, admiradores das excellencias do seu talento e dos primores do seu character, congregação de sympathias intellectuaes.

Do predominio naturalmente exercido por quem, desempenhando cargos de autoridade permanente, reúne dependencias reciprocas

ou locaes que constituem força indiscutivel? Não; que por elevadas e excepçoes as commissões publicas, que exerceu, tiveram sempre a característica de accidentaes, passageiras no tempo, embora perduraveis nos resultados e nas consequencias.

Da expansibilidade pessoal, dispersiva, maleavel que na vida se insinua com habilidades de proceder e que leva, a reveses, ao supremo mando? Não; que de sua natureza reservado e susceptivel se concentrava affastado do que se chama o mundo, a sociedade brilhante dos salões, guardando apenas a cortezia de visita sem a frequencia de familiaridade.

D'onde lhe provinha, pois, aquella força de intervenção decisiva? Do seu alto valor pessoal. Antonio Ennes foi na vida portugueza contemporanea a manifestação provativa mais completa do que vale um escriptor de acção; de quanto pode, quan-

do quer, sobre as paixões em lucha, sobre os interesses em conflicto, sobre os egoismos em desafio, a reflexão lucida d'um espirito cultivado e independente, a projectar sobre o revolto embate o feixe de luz irradiante que dimana d'uma meditação fria e serena, d'uma energia intellectual vivissima. Bello exemplo, consolador estimulo, para os que cheios de vigor e de convicções luctam desprovidos de amparos afortunados.

Em Antonio Ennes, o engenho a tudo suppria e a todas as forças oppunha equilibrio, annullando-lhes o effeito, se não lhes vencia a resultante. N'um dado momento,



ANTONIO ENNES, NA EDADE DE 11 ANNOS

os milhões do banqueiro que servilizam consciencias, os manejos da intriga que entretecem dramas, as extensas propriedades productoras onde germinam com a riqueza os votos, as habilidades de especuladores que instigam a procedimentos inconfessaveis, as congregações de interesses que assoberbam partidos, todos os elementos da vida politica, tomados de subita' paralyisia, cahiam inertes ou fulminados pelo choque ousado e certo que um simples artigo de Antonio Ennes lhe vibrasse, como se do fio de raciocinios se desprendera a energia d'uma corrente d'alta tensão. Quantas vezes tive ensejo de verificar este effeito durante os longos annos que o acompanhei na sua vida de jornalista!

Se esta era a acção efficaz no alvo attingido, não era menor a impressão produzida no ambiente onde se propagavam, como ondas concentricas sonoras, as idéas e os conceitos que elle fizera explodir. E todavia não era popular, idolo amado pela multidão. O applauso das plateas que elle soube, como nenhum outro contemporaneo, despertar em thusiasta, vehemente, coloroso, a avidéz de leitura que fazia accelerar a machina do jornal em milheiros de tiragem, nasciam mais da subjugação potente do espirito e do sentimento que o escriptor exercia, do que da espontanea sympathia das multidões. Entre estas e o escriptor havia por vezes um accordo completo no pensar e no sentir; mas tambem, não raro, entre ambos se estabelecia um conflicto de opiniões, irreductivel pelo sentimento e todavia inconsistente perante a razão lucida, perante a argumentação cerrada e concludente que vencia e contrariava a um tempo. Com effeito, Antonio Ennes foi sempre, como escriptor de acção, um vencedor.

D'onde derivava o exito? Em muito, da autoridade moral, da independente opinião, do desinteresse provado, que predispunham em seu favor os que o liam, aquelles que curiosamente procuravam conhecer-lhe o pen-

samento. São estas, sem duvida, qualidades primaciaes que do proprio character descem ao escripto, para lhe imprimir cunho soberano, dar relevo e estabelecer quilate inconfundivel. Mas ainda, aquelle exito potente, em muito tambem derivava dos processos artisticos que o escriptor reflectidamente, por deliberado proposito e psychologia individual, empregava na elaboração interna e na expressão externa do conceito.

Como a palavra e a idéa, o pensamento e a phrase estão indissolavelmente ligadas, pensar era n'elle pronunciar phrases interiores, era escrevel-as na mente, desenhá-las na imaginação, precisando-lhes o contorno, colorindo-as com toda a gama de tons que a sensibilidade pessoal e o saber adquirido pôde compôr e escolher. Escrever era portanto para Antonio Ennes exteriorisar este trabalho silencioso e intimo do pensamento, conservando-lhe todas as qualidades primitivas da emoção que o despertara, da visão que o reconstruira, da cõntroversia interior que o definira, e da reflexão perfeita que o acabára.

Um artigo de jornal era assim a graphica d'uma elaboração anterior, traslado exacto da composição intellectual. Um capitulo d'um livro seu era a reviviscencia dos factos que coordenára na memoria, das emoções que a sua fina sensibilidade guardava intactas para as restituir

em momento opportuno quando a vontade firme as chamasse novamente á consciencia. Por isso, na sua prosa havia uma vibração de vida, de sentimento, de intensa commoção, como havia tambem a calculada disposição de argumentos, o ponderado equilibrio, o premeditado alcance, e a lucidez suprema que traduzia o acabamento cuidadoso. O seu original seguia sobre os quartos de papel n'um cursivo miudo, apertado, de myope, sem o mosaico das emendar que se nota em muitos escriptores de talento, os quaes em virtude d'uma outra psychologia carecem de incrustar as phrases depois de vistas e de relidas, de as lapidar em preocupação da forma defi-



ANTONIO ENNES, NA EDADE DE 27 ANNOS

nitiva na aspiração de justiça absoluta, inal-teravel, por ultimo insusceptivel de modifica-ção, segundo a convicção propria.

Isolava-se para trabalhar, precisava de silencio em volta para escrever. Queria ouvir apenas o proprio pensamento, escutar as vibrações subtis da officina cerebral para transportar da memoria ao papel a idealisa-ção successiva, mas seleccionada, criticada, já depurada; de sorte que raras vezes o vi relêr um artigo, antes de composto na imprensa, porem muitas o vi rasgar, serenamente, des-apidadamente, artigos longos, trechos de capitulo, escriptos dias antes, postos em re-serva, sem os ver de novo. A reparo meu em caso semelhante, respondeu-me: — Não podia estar bem; fui muito interrompido, quando o escrevi. — Era, na verdade, esta attenção intensa, constante, reflexiva que, aproveitando todos os recursos do seu ta-lento e do seu saber, imprimia superioridade indiscutivel ao que a sua penna traçava, quer em fugitivo artigo de jornal, quer em perdu-raveis paginas de livro.

Era este estudo meticuloso das questões, era esta visão interior dos assumptos, era este calculado alcance dos effeitos, era esta vida intellectual das phrases, que davam á prosa de Antonio Ennes aquelle masculino vigor, aquelle brilho, aquella commoção, aquella força attractiva, aquella intensa cla-ridade no conceito que faziam recordados os seus artigos, como hoje obrigam, ao cul-tor de letras portuguezas, a relêr as paginas dos seus livros.

Todavia o seu vocabulario era simples, em-bora escolhido; era correntio, embora delica-do. Tinha uma superior qualidade; era extre-mamente proprio, preciso, adequado á contex-tura dos periodos encadeados n'uma deduc-ção admiravel. Prescindia de todo o atavio archaico, de toda a tecnologia especialista; utilisava singelamente a sua erudição vas-tissima; porém sabia ser suggestivo na des-cripção que não era dispersiva, embora abun-dante de pormenores; sabia commover pela sinceridade dos sentimentos, imaginoso no colorido sem excentricidades de impressionis-ta; sabia pintar quadros em prosa, com a exu-

berancia d'um Rubens, ou com as sombras intensas d'um Ribera.

Fazendo a comparação com os mestres da côr, não quero definir o estylo de Antonio Ennes, a sua forma d'arte para revestir o pensamento, classificando-o exclusivamente no grupo dos escriptores plasticos, concre-tos, dominadores da palavra que constran-gem, docil e expressiva, a figurar completa-mente os factos, os aspectos que elles con-templaram. Havia no estylo de Antonio Ennes tambem uma indefinida emoção mu-sical, rythmica, alguma cousa que vibrava mysteriosa. Havia n'aquelle estylo, que rea-lisava e suprema difficuldade do artificio que produz a simplicidade, uma deliberada mes-cla das duas tendencias literarias; e n'isto encontro a sua maior e distincta originalidade. Nascera romantico pela impressionabilidade d'artista, desenvolvida em sua primeira cultu-ra intellectual. Fizera-se positivista pelo des-envolvimento progressivo do estudo, d'uma leitura proficua e profundamente meditada. E d'este conflicto intimo, d'esta dualidade intellectual, soube deduzir a sua propria for-ma d'arte.

Memorando aqui o amigo e o escriptor que ainda continua abrilhantando as paginas dos SERÕES com a impressão posthuma do seu ultimo livro, não pretendo mesmo de leve esboçar a biographia psychologica do pensa-dor, politico, dramaturgo, historiador e jorna-lista que foi Antonio Ennes. E' cêdo talvez para obra tão necessaria. Delineal-a na mente é desde logo antever o trabalho de historia po-litica e litteraria d'uma época extremamente curiosa da vida nacional, sobre a qual Anto-nio Ennes influiu com o seu pensamento e a a sua acção, e dentro da qual elle soffreu n'um amargo conflicto dos idcaes concebidos em sonho de justiça e das realidades brutali-sadas pelo interesse e pelo egoismo. A vida de tão finas e susceptiveis intellectualidades é por vezes um doloroso soffrimento que es-gota a mais saudavel energia n'um dispendio extraordinario de força, que afinal encurta a existencia, e entrega sem defeza o organis-mo ás primeiras investidas d'uma doença traiçoeira.



De Lisboa a Moçambique

POR ANTONIO ENNES

CAPITULO V

Moçambique — As Cabaceiras — O Mossuril — Os macúas (Continuação)

MUITOS dos edificios espalhados nos palmares attestam que Moçambique foi rica no tempo da escravatura. Apesar da barateza do trabalho do escravo, devem ter custado avultadas quantias. O seu typo é identico ao das construcções similares da cidade. Não têm nada de oriental, nem tambem de campestre, a não serem os quintaes. Os quintaes, porém, em vez de darem desafogo ás habitações, entaipam-n'as, porque são fechados por altos muros, que fazem pensar em prisão e em fortaleza. De feito, serviam para prender os escravos no recinto que vedavam, e serviam tambem para proteger esse recinto contra assaltos de ladrões e escaladas de inimigos.

D'entre esses edificios distingue-se, não pela architectura, mas pela situação e pelo destino, a chamada *residencia* da Cabaceira Grande, que ha annos foi comprada pelo governo, para casa de campo dos governadores, a José Vicente da Gama, herdeiro do proprietario que a construiu em 1847. E' solida, vasta, cómoda, higienica, relativamente fresca, bem provida d'agua por uma cisterna que tem a particularidade de não ser subterranea, é de pau ferro o grosso vigamento dos seus tectos, os pavimentos oppõem á *muchen* espessas camadas de cimento, as portas interiores têm humbraes e vergas de pedra, as salas e alcôvas são espaçosas e arejadas, sobre os terraços levanta-se um mirante, a casa de jantar é prolongada por uma galeria aberta, cuja cobertura assenta sobre columnellos, a que se encostam ramarias exteriores. Nas trazeiras, uma dupla escadaria desce do patim alpendrado para um pateo sombreado por arvoredos gigantes; pelo lado da frente, as rasgadas janellas deitam para a praia, toda ajardinada pelo *mangue*, que só vingam onde o rega a agua salgada, e vêem o panorama inteiro de Moçambique e uma vastidão de oceano, alongada para além das ilhas de Gôa e Sena. Ficam-lhe adiante um dos pharolins vermelhos que dão o enfiamento da barra e a pequena casa do pharoleiro; mas estas construcções humildes não a affrontam.

Dos lados e por detraz, os seus unicos vizinhos são coqueiros e palmeiras bravas, acacias e figueiras da India, moitas de arbustos e relvados de capim; não passa perto d'ella nenhum caminho; pelo portão do quintal sae-se para uma extensa avenida bordada por coqueiros e cafezeiros. Gosa-se alli uma tranquillidade solidão, no regaço fecundo da natureza e face a face com o mar.

Apesar de ser assim aprazivel, raramente é habitada. Vão lá fazer *pic-nics* domingueiros os habitantes da cidade, e por isso, antes de eu me hospedar n'ella, as peças capitaes do seu recheio eram uma grande mesa de jantar, louças, e um velho piano, mudo de muitas teclas, medonhamente desafinado de todas as outras. A causa principal d'este abandono é o banco d'areia (sempre o maldito banco!) que só no preamar d'aguas vivas deixa desembarcar perto de casa. O sitio de Morangulo, menos inaccessivel, fica distanciado por longos caminhos arenosos, que aconsellham machila; do Mossuril á Cabaceira Grande é uma jornada. Mais uma segurança, é certo, para quem quer viver só, longe das intrigas da cidade; mais uma difficuldade, todavia, para a alimentação d'esse solitario, que tem de receber de Moçambique os generos mais indispensaveis á gente europêa. Quantas vezes tive eu de pedir pão emprestado á vizinhança!

Quem se alonga da residencia seguindo a praia por baixo dos palmares, vae esbarrar em ruínas, ruínas de casas nobres, herdadas por familias cahidas em tanta decadencia ou em tão africano descuido dos proprios interesses, que não puderam ou não quizeram defendel-os dos estragos do tempo. Se nada rendiam! allega-se. Um d'esses montões de ruínas, abeirado da praia, conserva vestigios de sumptuosidade; chamam-lhe os negros a *casa dos phantasmas*, e crêem-n'o habitado por abantesmas, porque ouvem-se lá dentro extranhos ruidos das aves nocturnas e dos reptis, a que serve de albergue, franqueado como ficou a todas as intrusões pelo desabamento d'uma parede inteira. De outro lado

a vegetação encobre alicerces e escombros, onde os indigenas vão roubar madeiras e alvenarias, e mais para o interior ainda se aguenta de pé uma moradia, meia sumida em muros e arvoredos, que o prelado ultimamente comprou para restaural-a e convertel-a em séde de missão. Perto d'alli, a curta distancia do mar e no fim d'um palmar alinhado, onde as grandes marés deixam aguas empoçadas, fica a antiga igreja parochial de Cabaceira-Grande, da invocação de Nossa Senhora dos Remedios, que já teria dado consigo em terra, como deu ha muito toda a obra de christianisação dos povos de terra firme, se não lhe houvessem feito muros tão solidos e tão escorados por gigantes. Tendo-lhe cahido a parte principal, está offerecida ás injurias dos tempos e dos transeuntes; estes, porém, apesar de mouros e gentios, respeitam-n'a mais do que quem a deixa em tamanho desamparo, e nem sequer lhe roubaram ainda a sineta de bronze, que pende a um lado da fachada, soltando badaladas queixosas quando a sacodem vendavaes. Não fossem elles selvagens! Dentro não se entra sem atravessar uma nuvem negra de morcegos espavoridos, que traçam vertiginosos circulos em volta das cabeças dos invasores, e nos vôos batem com as azas duras nos taboados dos forros, como para lhes metterem medo. Os esconderijos predilectos d'estes noctivagos são os ornatos da talha do altarmór e as suas columnas torcidas de madeira; sobre as lousas das sepulturas jazem esqueletos de cabritos, e no monturo de caliças desagregadas, que obstroem o baptisterio, cresceramervas e acoitam-se lagartos. Muitas coisas diz de nós este pobre templo a esboroar-se alli, defronte das janellas das salas ricas do palacio de S. Paulo, e á vista dos pegões da ponte de Morangulo! Reptis e morcegos que o povôam, plantas parasitas que lhe alluem as paredes, coqueiros altivos que lhe campeiam em volta, tudo são allegorias sarcasticas para quem se senta debaixo do seu alpendre a pensar na historia da nossa administração ultramarina.

Para as bandas do Mossuril accentuaram-se menos as decadencias e os abandonos. Lá estão de pé, e bem conservadas, a igreja e as casas annexas, que Balthazar Pereira do Lago doou por escriptura publica, em 1769, juntamente com um palmar e cinco familias de escravos, a Nossa Senhora da Conceição, encarregando a administração d'estas propriedades aos governadores da provincia, e, quando elles a não quizessem acceitar, ao senado da Camara de Moçambique. Os governadores nunca declinaram o encargo: desfructam a casa, e no dia 8 de dezembro de cada anno,

festejam a senhoria, que nunca lhes pede contas, com mais ou menos pompa, conforme a devoção e a munificencia de cada um. Esta festividade annual é pretexto de uma romaria, mais foliona do que piedosa, a que se associam os proprios indigenas não catholicos, com os seus batuques.

Balthazar do Lago tambem mandou edificar no Mossuril uma fortaleza, com aquartelamento para tropas, prisão, depositos, e uma ermida; e tendo sido estas construcções arrasadas pelo gentio no ultimo quartel do seculo passado, outros governadores restauraram a fortaleza e os quarteis, que ainda existem. A' sombra da protecção das auctoridades e da força publica, que se installaram n'esse edificio, e aproveitando as relativas facilidades de communicacção do logar com Moçambique, estabeleceu-se no Mossuril uma população numerosa de negros e asiaticos, e as antigas casas de campo dos europeus, dispersas nos palmares, têm escapado ao abandono que depreciou e arruinou quasi todas as da Cabaceira Grande.

Os dois sitios são ligados por uma estrada velha, hoje quasi intransitavel, a que modernamente se emprehendeu substituir outra, de melhor traçado e construcção mais conformada com os processos da engenharia moderna, a que devia dar serventia a ponte de Morangulo. Mas a estrada teve sorte parecida com a da ponte; não se concluiu. Apenas se fez, e conserva-se em bom estado, um lanço de alguns kilometros, proximo ao projectado desembarcadouro, do lado da Cabaceira Grande, e esse lanço não leva a povoado algum. Apenas beneficia algumas casas e fazendas isoladas. E', porém, um bonito passeio, arborizado, em parte aberto entre palmares, em parte, em certas épocas de cada mez, corrido á margem d'um grande lago, que passadas essas épocas se transforma em secco areal amarello, só pintado ás manchas pelo mangal. E' que nas marés d'aguas vivas o mar entra pela terra dentro, espalha-se e deposita-se a um lado do aterro em que assenta o leito da estrada, tornando estas inundações o sitio mais pittoresco e menos salubre.

E' este, em todo o continente fronteiro a Moçambique, o unico trêcho de caminho feito em épocas recentes pelas obras publicas da provincia, em condições, por que assim diga, scientificas. Fóra d'ella, as vias de communicacção consistem nas estreitas fachas de terreno limpas de arvoredo e mato, onde os poucos carros que por ellas transitam cravam as rodas em areia solta ou em lama, ou em carreiros de pretos apenas traçados pelo piso.

Perto do Mossuril, á margem do esteiro, ha

bôas salinas, que hoje estão em posse do Banco Ultramarino. Esta povoação é a sede da *capitania mór das terras firmes de Moçambique*; entidade a um tempo militar e administrativa, tradicional e modernizada, com attribuições mal definidas e pouco coherentes, que, sob a immediata direcção do governador geral, constituia a principal, senão a exclusiva representação da auctoridade portugueza nas terras marginaes da bahia em que campeia a capital da provincia. O capitão-mór exerce o seu confuso e incerto mando no Mossuril, nas Cabaceiras, em Ampapa, em Ampoense, em Sancul, com o auxilio de dois ajudantes e de

chefes e sub-chefes de *districtos*, que têm ás suas ordens cabos de terras; dão-lhe força e apoio alguns pequenos destacamentos do batalhão de caçadores n.º 1 e grupos de cipaes. Esses seus subordinados são indigenas ou asiaticos, auctoridades baratas, regedores de povos a 96\$000 e 48\$000 réis por anno, escolhidas, as mais graduadas, entre os proprietarios que maior prestigio exercem sobre os vizinhos. O *chefe* da Cabaceira Grande, por exemplo, era em 1891-1892 um indio de Damão, commerciante e fazendeiro, que mal sabia portuguez, trajava á moda oriental, e que apesar de ser relativamente illustrado, é de crêr que nem soubesse que existe um livro muito enfadonho chamado *Codigo Administrativo*; todavia, não era dos peores funcionarios, porque tinha bom nome, fazia tanto gosto nas suas funcções que até do proprio bolso pagava a cipaes e trazia-os limpos, com seus casacos de linhagem crúa enfeitados com alamares de côr. Assim procura a capitania-mór tirar da propria população, que lhe é sujeita, os agentes intermediarios da sua auctoridade, e este principio é applicado em mais larga escala fóra da estreita zona marginal em que ella tem jurisdicção effectiva; para além das áreas um tanto vagas, dos *districtos*, esses agentes são exclusivamente os régulos indigenas, ora

obedientes, ora reactivos, ás vezes abertamente rebeldes e, mesmo quando obedecem a determinados preceitos, absolutamente independentes tambem n'uma larga esphera de



EM CAMINHO DO MOSSURIL

acção. Servida por este pessoal, a administração nos *districtos*, isto é, nas orlas do continente, tem um caracter patriarchal: faz o que pode, pelos processos e pelos meios que parecem mais praticos; impõe-se aos europeus, que n'essas regiões têm domicilio ou bens, usa de largas tolerancias com os indigenas, que não são passivos; cobra tributos de propriedades, exige que os vendedores tirem licenças, mas ainda não se affoitou a cobrar dos negros o *imposto de palhota* ou alguma taxa equivalente; cumpre os mandados de justiça e faz policia até onde chegam o poder e a força — e não chegam muito longe — dos destacamentos e dos cipaes, uns macúas de *cofió* vermelho e fardamento sujo, com muita mais aptidão para pegar em canas de machilas do que para velar pela ordem e proteger os direitos individuaes, entre os quaes apreciam especialmente o proprio direito natural de dormir ao sol de barriga para o ar. E mais para o interior não ha, de facto, nem administração, nem policia, nem regimen tributario, nem sequer dominio effectivo: ha melhores ou peores relações com os potentados, que, quando estão de bom humor, entregam algum criminoso que se lhes pede, deixam passar os vizinhos pelos seus territorios, vivem em paz com os rivaes; e ha commercio com os seus subditos, que veem á

costa ou mesmo a Moçambique trazer e permutar mercadorias.



Essas gentes assim refractarias á dominação europêa, que tambem fornecem á ilha o principal elemento da sua população indigena, chamam-se a si proprios *macuas*, e por *macuas* os conheceram os primeiros povoadores portuguezes, tendo-as pelo povo mais

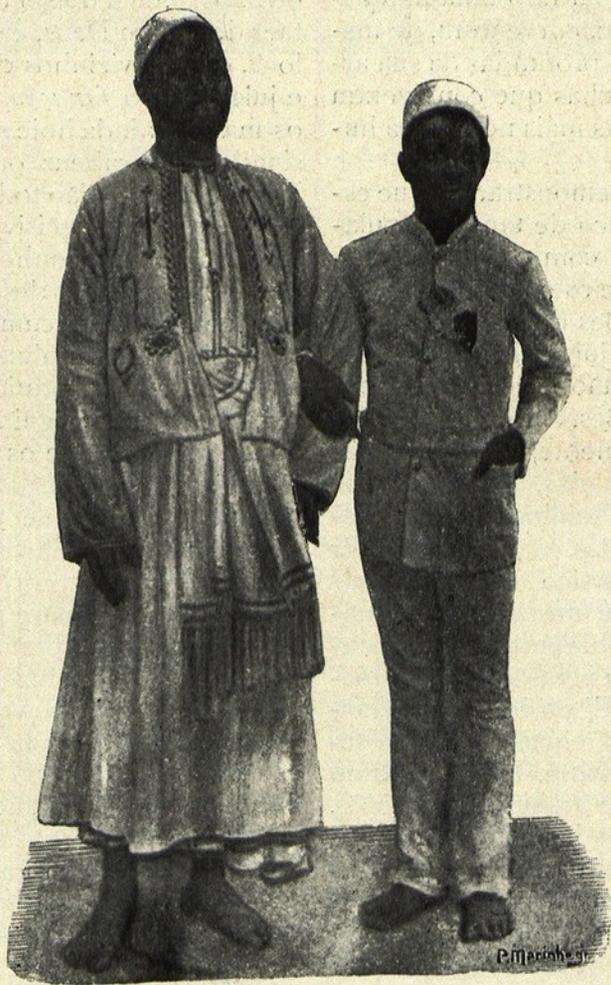
feroz d'aquellas costas. Eram anthropophagos, no dizer dos nossos chronistas, ladrões como ratos, e ferozes consigo mesmo, pois que, além de fazerem incisões em todo o corpo, furavam «ambas as queixadas das «pontas das orelhas quasi até á bocca, com «tres ou quatro buracos de cada parte, por «cada um dos quaes cabe um dêdo, e por elles «lhe apparecem as gengivas e os dentes, e «lhe corre de ordinario humidade e cuspinho «da bocca.» N'esses orificios mettiam rolhas de páu ou de chumbo, e n'outros, que tambem abriam nos beiços e nas orelhas, introduziam páus. Limavam os dentes para os aguçarem. Os mais pudibundos, e esses eram raros, cingiam aos rins uma pelle de buzio. Não trabalhavam. Deixavam-se governar por feitiços e feiticeiros. Andavam em continuas guerras com os vizinhos, e os portuguezes não puderam subjugal-os pelas armas, e só os amansaram pelo commercio.

Se esta descripção era exacta, os macuas modificaram muito o character e os costumes no decurso dos seculos.

O paiz a que a geographia applica ainda hoje a denominação generica de Macuana sem lhe dar uma delimitação precisa, abrangge, dentro da provincia de Moçambique, quasi todo o littoral desde o Rovuma até os

limites meridionaes de Angoche, extendendo-se para oeste até o rio Lugenda e o lago Chirua. No estado actual da ethnographia e da philologia africana, não é possivel determinar com exactidão as origens dos habitantes d'este paiz, nem as suas affinidades com as outras populações africanas; passa, porém, em julgado que os macuas pertencem ao grupo a que Bleck ligou o nome de *bantu* e cuja área de habitação inclue quasi toda a Africa intertropical, e, recentemente, o estu-

dioso philologo jesuita, padre J. Torrend, incluiu a lingua que elles falam n'um ramo a que chamou *moçambicano*, e que comprehende os idiomas *quelimanense*, o *tugulu* falado na ilha e em roda da ilha de Moçambique, o *gunda*, das margens do rio Licungo, o *mbwabe* e o *mêdo*, do interior do districto de Cabo Delgado, e o *masasi* do norte do baixo Rovuma. Este mesmo investigador declara ter encontrado intimas analogias do ramo linguistico de Moçambique com o *chivana*, falado em Bechuanaland, Basutoland, no Transvaal, no Estado livre de Orange, nas margens do Zambeze acima das cataractas Victoria, e — o que mais espanta, — com o *mpongwe*, das margens do rio



MOÇAMBIQUE — MACUAS

Ogoué e do Gabão, na costa occidental de Africa.

Pela sua parte, os ethnographos vão-se firmando na opinião, que o progresso dos estudos provavelmente confirmará, de que a maioria das populações que hoje habitam na costa oriental do continente negro não são autochtonas, ou pelo menos precederam d'um cruzamento das populações autochtonas com diversas e copiosas torrentes de immigração. As tradições biblicas, o testemunho de viajantes e geographos gregos e arabes, fazem crêr que os povos que aquellas tradições personalisaram em Kusch, e que deram á Assyria, á Ethiopia

e a parte da Palestina e da Arabia os seus habitantes anteriores ás invasões dos semitas, estenderam-se tambem pelo littoral da Africa até muito ao sul, e que os *negroides*, hoje estabelecidos n'esse littoral, em cuja pelle acobreada ha vestigios da tez vermelha dos egypcio-berberes, descendem d'esses kuschitas, que repelliram para o occidente e para o sul os aborigenes, os *negros* propriamente ditos, de que são genuinos representantes os hottentotes e as tribus da Guiné. E se esta theoria é verdadeira, os macuas podiam reivindicar, tanto como os zulus, a honra de terem tido uma alta ascendencia não africana, e, porventura, de inscreverem nas raizes mais profundas da sua arvore genealogica patriarchas que conviveram na Asia com os das raças mais nobres da humanidade.

Se algum dia vier a demonstrar-se que estas relações de parentesco de tantas populações de Africa Oriental com o biblico Kam, e portanto com o primeiro cultivador da vinha, são meras invenções do monogenismo, que a sciencia christã se julga obrigada a professar, é de crêr que então prevaleça a theoria de que taes populações, embora sejam autochtonas fundamentalmente, foram modificadas, e quasi transformadas, por numerosas colonias, quasi sempre dominadoras, procedentes principalmente das margens do mar Vermelho e do golfo Persico. Essa colonisação não é uma theoria, é um facto documentado. Os portuguezes acharam a costa africana coberta de arabes, e a invasão d'estes *africanos* não era recente. E' positivamente historico que as contendias religiosas que se seguiram ao estabelecimento do Islam atiraram para a Africa bandos de arabes perseguidos, alguns dos quaes, de que ha noticia mais circumstanciada, senhorearam a ilha a que Mas'udi chama de Kamba-Eu, e que pode ser Comoro ou Madagascar, irradiando de lá para o continente até Sofala. A estas immigrações em massa associam-se as colonisações motivadas pelo commercio, e os interesses mercantis levaram á Africa, não só os arabes, senão tambem persas, indios, e diz-se que até chinezes, malaios e japonezes. O ouro, principalmente, atrahia ás plagas africanas gentes de todas as partes do mundo, e esses estrangeiros alteraram profundamente as camadas da população anterior, aborigenes ou não, embora não tanto que os descaracterisassem, e converteram-n'as n'uma maxinifada ethnica, em que os sabios descobrem face para apoio de todas as opiniões possiveis, e de que será dif-

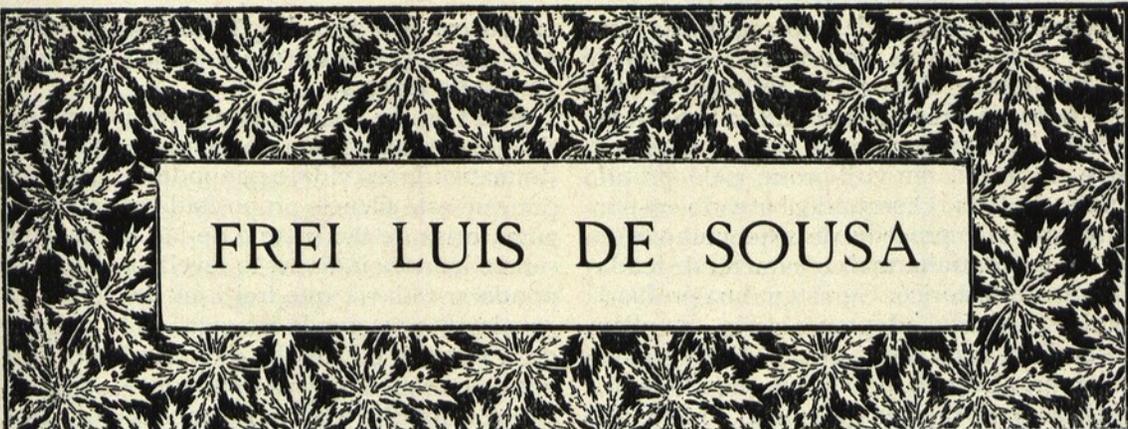
ficilimo apurar os verdadeiros elementos e reconstruir as acções e reacções d'uns sobre os outros.

De todo o modo, pode-se dar como assentado que os macuas não são representantes genuinos da raça negra. Tanto o não são que até fornecem argumentos aos theoristas que sustentam, se não o parentesco de alguns povos *bantu* com os kuschitas, ao menos a influencia exercida por estes e pelos semitas na Africa Oriental. Assim, o padre Torrend inclina-se a acreditar que a palavra *Moloku* ou *Moloko*, com que elles e outras tribus orientaes designam Deus, é uma corrupção de Molock, que os vizinhos dos hebreus adoravam, e julga que a *fanação* ou circumcisão, a que os macuas ainda hoje se sujeitam, lhes foi ensinada pelos sabeus ou por outros asiaticos. Esta ultima opinião todavia, tem contra si um argumento, não decisivo mas valioso. Fr. João dos Santos, que conheceu de perto os povos de Macuana e lhes descreve os costumes, não diz que elles se circumcissassem, e esta omissão é significativa n'um padre, naturalmente attento a todas as praticas dos selvagens a que se podia attribuir significação religiosa; é, pois, muito possivel que os macuas aprendessem essas praticas modernamente com os catechistas musulmanos, que tantas conquistas teem feito entre elles, e não em tempos remotos como os sabeus ou outro povo.

Tambem o illustre philologo dá á palavra *ma-kua* uma interpretação que os nossos velhos chronistas induzem a repudiar. Segundo elle, *kua* é *Gôa*, pronunciada cafrealmente, e assim os *wa-ugwana* de Zanzibar, os *Bechwana* do Limpôpo e os *Ma-kua* ou *Ma-kwana* de Moçambique, chamam-se a si proprios *gente de Gôa*, «evidentemente porque «os seus senhores foram por muito tempo indios, indiscriminadamente incluidos por elles, juntos com os brancos, na denominação «generica de *goanos*». Aquelles nomes de povos seriam, pois, um testemunho de influencia portugueza na Africa oriental, por isso que foram os portuguezes que de *Gôa* governaram em Moçambique e de *Gôa* encaminharam para lá indios e brancos; mas a realidade é que, antes d'essa influencia se ter firmado, já os macuas se appellidavam macuas, e se é certo que entre elles se tinham, desde largo tempo, estabelecido indianos, esses não senhoreavam o paiz nem havia motivo para serem genericamente denominados *goanos*, pois que procediam de muitas regiões da India.

(Continua)





FREI LUIS DE SOUSA

DOMINADOS pelas leis fundamentaes do romantismo, tanto Garrett como Herculano, recortaram as personagens das suas obras de imaginação no fundo lendario da historia patria ou das tradições populares. E' claro, todavia, que cada um procedeu a esta operação, segundo a natureza do seu organismo. Herculano era um espartano, Garrett era um atheniense: um mais philosopho, o outro mais artista; Herculano, na sua psychologia peninsular, quando amasse, seria o mais intenso apaixonado; Garrett era um enamorado, como quem aprendera na sociedade ingleza os suavissimos encantos do *flirt*. Herculano era um espirito medieval; Garrett era um espirito da renascença: é por isso que o primeiro foi aos campos de batalha, ás côrtes dos reis mouros e dos reis godos, aos claustros, á burguesia e á plebe evocar as figuras dos seus dramas. Garrett, sem desprezar em absoluto estes elementos, foi nos vultos litterarios que encontrou os mais perfeitos modelos dos caracteres que tão bem desenhou. Camões, Bernardim Ribeiro, Gil Vicente, frei Luis de Sousa, eis as grandes figuras que surgem radiantes na sua galeria, simbolizando assim a soberana alliança do cavalleiro e do poeta, do sentimentalismo e da mentalidade.

Frei Luis de Sousa, apesar de ser considerado o mais puro e mais delicado burilador da prosa portugueza, está longe, sob o ponto de vista litterario, de hobrear com Camões podendo todavia pôr-se a par de Bernardim Ribeiro na suavidade do estylo. A frei Luis de Sousa faltava a *vis* ou força creadora. Tinha o segredo da harmonia, combinava a phrase como um dos mais habeis musicos da palavra, possuia, como ninguem, a elegancia da oratoria, tinha no olhar a medida exacta das proporções graciosissimas, sabia ser sublime sem nunca perder a singeleza e a simplicidade, os dois grandes e indispensaveis attributos de to-

da a obra d'arte. Tanto na vida do *Arcebispo* como na *Historia de S. Domingos*, frei Luis de Sousa não foi propriamente o inventor, o architecto; achou já os materiaes reunidos e o edificio quasi traçado, mas foi o canteiro que ajustou com toda a pericia as pedras e as lavrou maravilhosamente.

Assim como ha dois nomes para designar o homem e o frade, Manoel de Sousa Coutinho e frei Luis de Sousa, assim, no mavioso escriptor dominicano, ha duas individualidades distinctas, dois temperamentos oppostos. Antes de entrar no claustro, Manoel de Sousa Coutinho é o cavalleiro, o fidalgo de estirpe, o nobre cheio de altivez. Como tal, elle retrata-se admiravelmente no prologo em latim ás obras de Jayme Falcão. Parece tel-o escripto com a ponta da espada n'outra lamina d'aço. O seu genio fogoso transparece ali com toda a hombridade do pundonor offendido. O irritado cavalleiro não vacilla em tomar nas mãos o facho incendiario e de communicar com elle o fogo ao seu palacio de Almada. Aquellas labaredas crepitavam como a sua vingança. Era o seu coração que ardia a trasbordar em ira. A lava d'esse vulcão corre nos periodos incisivos da sua prosa romana.

Ao entrar no convento, ao descingir a espada de capitão de cavallos, ao envergar o habito dominicano, Manoel de Sousa Coutinho, transformado o nome em frei Luis de Sousa, como que passa tambem por uma variação identica na sua natureza. Vinha já o peso dos annos, vinham já os desgostos da vida, vinham já os desenganos do mundo, e tudo isto, alquebrando-lhe o corpo, lhe abrandára tambem a rijeza do espirito.

Dois pontos culminantes da vida de frei Luis de Sousa escolheu Garrett para as scenas mais commoventes do seu drama: — o incendio da casa d'Almada, ateiado, n'um momento de pundonorosa ira contra os governadores do reino, que n'ella queriam ir residir,

e a aparição inesperada do peregrino de Jerusalem dando novas do primeiro marido de D. Magdalena Tavares de Vilhena. D'estes dois factos, o primeiro era authentic, transmittido á posteridade, com toda a vehemencia e elegancia, em viril prosa, pelo proprio auctor do feito. O segundo, baseado em narrativa que não procedia de testemunho occular ou coevo, tinha mais o caracter de lendario que de historico. Garrett na sua profunda intuição artistica, adoptou-o assim, ampliando-o ainda mais, convertendo o mensageiro no proprio D. João, pois d'outro modo, se lhe applicasse os rigores da critica, teria ganho com isso o raciocinio, mas ficaria prejudicado o sentimento. O dramaturgo empolgou o philosopho.

O subitaneo apparecimento de D. João de Portugal ou do seu mensageiro não repugna, em absoluto, admittir-se e não ultrapassa as raias do verosimil, mas as circumstancias concomitantes é que suscitam algumas duvidas de pezo no meu espirito. Como se explica que o guerreiro d'Alcacer-quivir, considerado morto na batalha, estivesse tantos annos silencioso, sem que nunca tivesse chegado ao reino a suspeita da sua existencia? Em que remotas paragens ou em

que obscuro captiveiro jazeu elle, que não tivesse por quem mandar um aviso a sua familia? N'aquelle tempo ainda os portuguezes circulavam por toda a parte, e eram frequentes as viagens da India a Portugal por terra, atravez da Persia e de outros paizes. Além d'isso, os judeus da nossa raça estavam dessiminados por todo o mundo, e eram excellentes meios de transmissão. Como é que D. João de Portugal não encontrou um recoveiro, que lhe trouxesse uma carta ou um recado de bocca? E com que fim se apresentou elle, peregrino mysterioso, como querendo personificar um castigo providencial, uma d'estas personagens da fatalidade antiga? E se a sua aparição nos deixa surpreendidos, maior surpresa nos causa o seu desapparecimento depois de ter proferido o *ninguem*, que Garrett por conta propria lhe pôz

na bocca. Em que alçapão theatral se sóme esta figura, perfeitamente talhada por um figurino de magica?

Frei Luis de Sousa guarda o mais profundo silencio sobre esta phase profundamente dramatica da sua vida, o que poderia fazer supôr que este silencio propositado envolvia alguma coisa de tão triste e de tão intimo que seria criminosa indiscrição revelal-a. Deve-se ponderar todavia que frei Luis de Sousa foi igualmente reservado em quasi tudo que lhe dizia respeito e á familia de sua mulher. Para mim, o motivo que determinou Manoel de Sousa Coutinho a abandonar o seculo, a trocar o seu nome e a entrar no claustro teve

outras causas mais naturaes, que me levam a seguir, n'este ponto, o parecer do douto e sensato bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo. A suggestão, para me servir de uma phrase tanto em moda, é que actuou no espirito de Manoel de Sousa Coutinho e de sua esposa. Um facto identico succedera n'aquelle epoca e o exemplo não ficou sem proselytos. O conde de Vimioso, D. Luiz de Portugal, amigo intimo do nosso escriptor, metterase a frade, sendo baldados todos os empenhos da familia para o dissuadir do intento. A mulher entrára



NINGUEM... — QUADRO DE MIGUEL ANGELO LUPI

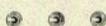
Scena do drama do Visconde d'Almeida Garrett
FREI LUIZ DE SOUSA

em outro mosteiro da mesma ordem. Manoel de Sousa Coutinho enamorou-se do procedimento do seu amigo e tão imitador quiz ser do seu exemplo, que, até no professar, tomou o seu nome, Luis.

Outros factores predominariam ainda de certo: — a indole da epoca, o caracter das personagens. Manoel de Sousa Coutinho era uma organização ardente, como o provam alguns actos da sua vida, e a ardencia do temperamento casa-se perfeitamente com o mysticismo. Sua mulher devia ter um genio semelhante, revigorado por uma educação especial. Conhecemos hoje quem era sua mãe, graças ao retrato, copiado do natural, que nos deixou um frade hespanhol, na dedicatória que lhe consagrou do seu livro *Nôrte de idiotas*, cujo titulo singular, nos daria uma ideia bem original do seu auctor, se outras obras lhe não

proclamassem o merecimento litterario. Chamava-se elle o dr. Francisco de Monçon, theologo hespanhol, e fôra um dos professores mandados vir por D. João III para ensinar na Universidade. Além de alguns opusculos theologicos e asceticos, compoz um notavel tratado da educação dos principes, em que ha curiosos traços phisionomicos de D. João III, e pormenores interessantes ácerca de cousas portuguezas. O dr. Francisco de Monçon pinta-nos a casa de D. Maria da Silva, mãe de D. Magdalena de Vilhena, como uma especie de recolhimento ou mosteiro em que as virtudes e a devoção christã se praticavam exemplarmente, sendo a creadagem não menos applicada e perfeita n'estes exercicios. O pae de D. Magdalena, apesar de ter guerreiado longos annos na India, em vez de nos deixar as memorias das suas proezas militares ou as de seus companheiros, compoz um livro mystico, ainda hoje bastante apreciado pela sua linguagem e pela sua raridade bibliographica, intitulado *Doutrina espiritual*.

Ora n'estas condições, quando o palacio era uma succursal do convento, e vice-versa, quando a sociedade elegante consumia quasi todo o seu tempo nos palratorios conventuaes, quando por toda a parte, se respirava uma atmosphaera de sachristia, que admira que Manoel de Sousa Coutinho dissesse a sua mulher — *abandonemos o mundo!* — e que esta, sem repugnancia, antes gostosamente, n'uma inclinação hereditaria de familia, acceitasse desde logo o convite?



A vida de frei Luis de Sousa tem sido superficialmente explorada, e por isso são muitos os enigmas que o acompanham desde o berço ao tumulo. E no entanto o eminente escriptor bem merecia que o seu vulto se apresentasse nitidamente exposto á luz da verdade historica. O douto bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, foi quem mais aprofundou a biographia e o exame critico das suas obras, mas a *Memoria*, que a este proposito nos legou, deixa bastante a desejar, pois que não se serviu de documentos, que lhe ministrassem novos factos, e se limitou a reunir o que andava disperso por diversos auctores, sujeitando-os todavia a uma analyse rigorosa, acceitando só aquillo que não repugnava ao seu criterio prudencial. Desde então, e são decorridos aproximadamente tres quartos de seculo, nada, ou quasi nada mais, se tem adiantado. Graças a documentos que tive ensejo de encontrar no Archivo Nacional, posso hoje fornecer á curiosidade publi-

ca alguns dados ineditos que nos apresentam Manoel de Sousa Coutinho em mais d'um lanço da sua vida intima. O resultado d'estas minhas pesquisas exarei-o n'uma noticia, que destino á collecção de memorias da Academia Real das Sciencias, a qual concluirá com a serie dos documentos comprovativos. Aqui, apenas me limito a fazer o extracto de alguns pontos mais importantes d'essa monographia.

Não se sabe, e hoje seria difficilimo averiguar, se o casamento de Manoel de Sousa Coutinho seria devido mais á conveniencia e ao interesse material que á paixão amorosa. Elle não era filho primogenito, e por conseguinte não viveria em desafogada situação financeira, como geralmente succedia aos filhos segundos das familias fidalgas. Pelo contrario, D. Magdalena Tavares de Vilhena possuia avultados bens patrimoniaes, como se prova pelo seu dote e pelas arrhas de casamento que lhe deu seu primeiro marido, D. João de Portugal. Esses bens foram augmentando com heranças successivas, de modo que a sua casa não seria das menos cobiçadas. Não existem tambem, que eu saiba, os retratos ou miniaturas dos dois conjuges, e por isso ignora-se o quanto a belleza physica teria sido causa primordeal no affecto que os uniu. Quanto se pode ajuizar, pelos seus actos e pelas suas obras, Manoel de Sousa Coutinho, o brilhante capitão de cavallos, deveria ser um primoroso typo de fidalgo, valendo pelas armas, valendo ainda mais pelo talento, um d'estes cortesãos dignos de figurar na côrte de D. Manoel, cingindo airosamente a espada e manejando a penna, podendo collaborar no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Rezende se o seu estro poetico se traduzisse na linguagem de Bernardim Ribeiro, em vez de se manifestar na lingua veneranda do Laceo.

D. Magdalena Tavares de Vilhena, ou se consorciou muito cedo com D. João de Portugal, ou já não era *menina e moça* quando contrahiu nupcias pela segunda vez. Durou dez annos, pouco mais ou menos, o periodo do seu primeiro noivado, e d'elle restaram tres filhos, duas meninas e um varão, D. Luis, que foi servir uma commenda a Tanger e morreu muito moço em Africa. N'estas condições, a viuva de D. João de Portugal deveria ser ou muito formosa ou muito rica, para conquistar o coração do poeta soldado, que se chamava Manoel de Sousa Coutinho. E quem sabe se, por excepcional mimo da fortuna, ella não possuiria conjunctamente estes dotes?

Restrinjo-me a estas hypotheses, pois em materia de paixão amorosa é arriscadissimo sempre ir além das conjecturas.

Manoel de Sousa Coutinho gostava estre-mecidamente do sitio de Almada para onde

ia veranejar todos os annos, attrahido pela amenidade do sitio, d'onde, além d'isso, se disfructava o esplendoroso panorama de Lisboa. Almada, n'aquelle tempo, era um dos suburbios da nossa capital, que a nobreza escolhia de preferencia, e onde havia quintas deliciosas. Estou convencido que as casas onde Manoel de Sousa residia não eram d'elle, mas faziam parte da fazenda de sua mulher. Uma prova evidentissima de quanto os dois esposos eram affeiçãoados áquelle sitio é o contracto que elles celebraram, a 10 de julho de 1595, com os frades do convento de S. Paulo de Almada, cuja capella mór compraram para jazigo da sua familia. Não foi por diminuta quantia que se effectuou a transacção. Os compradores obrigavam-se a dar um padrão de juro de cinquenta mil réis annuaes ou a sua equivalencia em trigo, e para segurança e garantia, hypothecavam umas casas que possuíam ás Portas do Mar, em Lisboa, as quaes trazia de aluguer por oitenta mil réis Simão de Pina, descendente talvez de Ruy de Pina, o chronista. Este contracto ministra-nos outras circumstancias curiosas, entre as quaes avul-

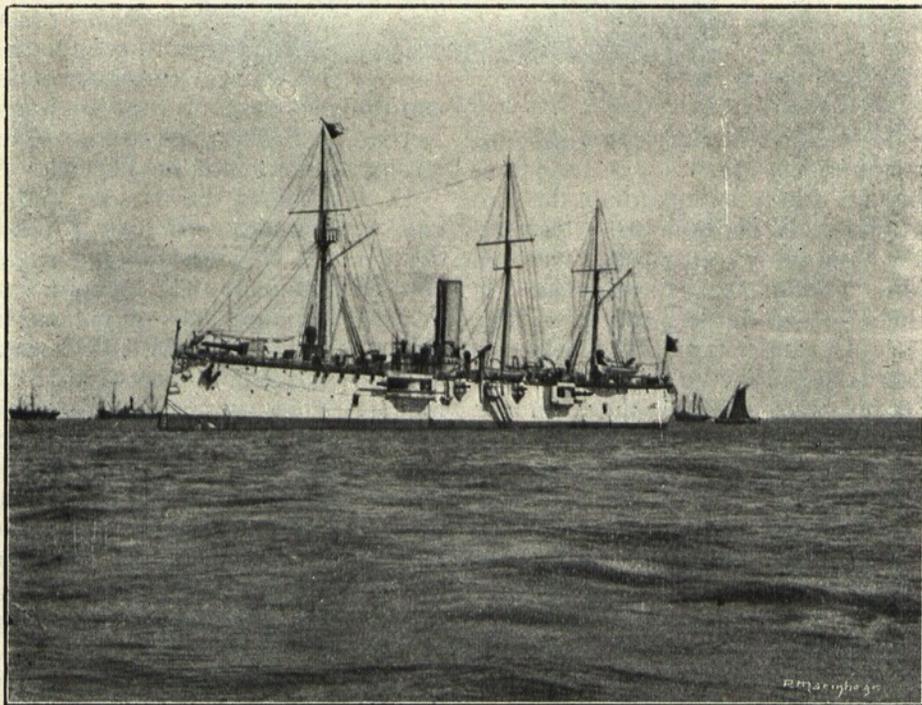
ta a de que Manoel de Sousa Coutinho tinha a sua moradia senhorial em Lisboa, na rua de S. Roque, freguezia do Loreto. Vivesse eu n'aquelle epoca e seria seu visinho. A falta de outras glorias caiba-me esta de morar na mesma rua em que habitou Frei Luis de Sousa.

O contracto, passados quatro mezes, (16 de outubro) foi substituído em parte por outro em que se faziam algumas modificações, entre ellas a de que o jazigo da capella mór do convento de S. Paulo ficaria constituindo parte do morgado dos Sousas Tavares.

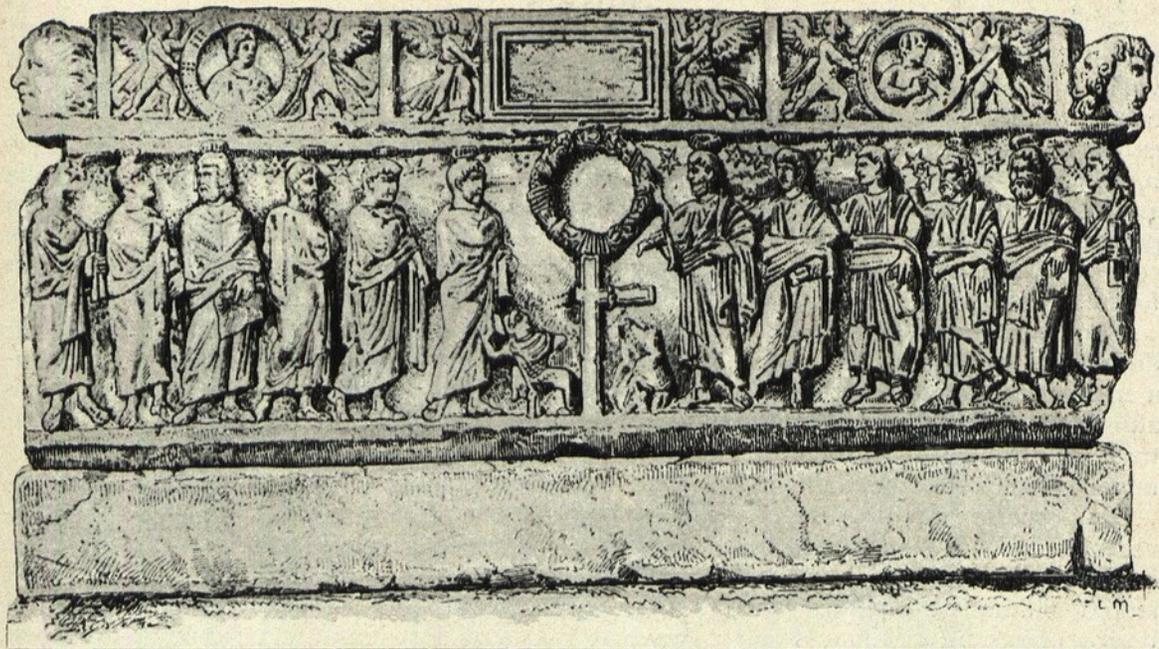
Nada disto porém chegou a ter effeito. A vontade dos homens, por mais firme que seja, obedece, como sensível catavento, ao sopro do destino. Manoel de Sousa Coutinho e sua mulher D. Magdalena Tavares de Vilhena não poderam dormir o somno eterno, um a par do outro, sob a mesma lousa sepulchral. Quem sabe se, além-tumulo, já se terão encontrado, realisando o seu proposito de 1595, ou se o *ninguem* de Garrett se terá outra vez interposto, não permitindo sequer que elles sejam as phantasticas personagens da funebre ballada de Soares de Passos!

Cascaes 19 de julho de 1901.

SOUSA VITERBO.



O CRUZADOR S. RAPHAEL



OS APOSTOLOS — BAIXO RELEVO D'UM SARCOFAGO

OS MARTYRES

EPISODIO DA PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECIANO

CAPITULO I — A MANHÃ DE SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO

A LUZ duvidosa do crepusculo da manhã mal começava a fundir-se na claridade suavissima do plenilunio, e já os passos pesados de gente armada resoavam nos laggedos das ruas d'Antiochia, de ordinario ainda desertas áquella hora.

Eram os soldados da antiga decima legião fretense, tismados, robustos, espadaudos, coiraca articulada resguardando o peito, lança ao hombro, escudo no braço, ao commando de Asclepiades, prefeito do pretorio, saídos da caserna do palacio imperial, na ilha do bairro de Callinicus.

Abria a vanguarda uma columna armada de alavancas, escadas, machados, picaretas e outras ferramentas de destruição, como se se tratasse d'um trabalho de sapa, ou do ataque a uma fortificação altamente murada. Nada faltava para que aquella marcha parecesse uma expedição de guerra, senão a turba dos escravos conduzindo bestas de carga com as bagagens, e a multidão dos traficantes de toda especie de mistura com o mulherio; mas em seu lugar seguia no coice um grupo variadamente togado.

Pelos lictores que precediam algumas das personagens togadas, e dos quaes mal ainda se divisavam no lusco-fusco as laminas dos machados entalados nas varas, reconhecia-se

que iam alli tribunos e magistrados judiciais, acompanhados de agentes do fisco; e até tunicas de purpura indicavam a presença de varios flamines.

Caminhavam em silencio a tropa, a justiça, a religião e o fisco, tal qual se dirigissem a uma surpresa de guerra, ao longo da estrada que subia para o sul, na direcção da parte montanhosa da cidade. A' maneira que a comitiva avançava ia despertando uns desgraçados que dormiam ao abrigo do relento nos vãos dos porticos, e principalmente nas columnatas da Grande Avenida, mal embrulhados em mantos velhos de côres esvaídas.

Ao chegar á embocadura da rua de Singono, a ultima de alinhamento regular no sopé da montanha, e que dava nome ao bairro, parte da tropa seguiu-a até a porta de Daphné, e outra foi occupar alguns carreiros das vertentes, fazendo levantar em alvoroço revoadas de mulheres caídas na ultima abjecção, que fugiam á pressa dos gradins do theatro, onde as tinha deixado o ultimo dos noctambulos, que lhes pagara uma ceia de molle peixe do rio, asperamente condimentado, ou repartira com ellas a pobre pitança de figos seccos, tamaras e azeitonas em troco de torpes caricias.

Asclepiades tem dado voz de alto, e feito

marchar um troço da sua tropa para uma viella que subia em rapida inclinação até um edificio sem grande apparencia monumental exterior, a não ser o seu comprimento, contrastando na sua severidade sombria com os graciosos arrebiques e linhas combinadas dos porticos e peristyls do resto das construcções, principalmente do theatro, do circo e do forum.

Era a igreja christã, conhecida pelo titulo de basilica apostolica, quasi defrontando com a massa enorme do Pantheon coroado por alto zimbório, e na qual, segundo ensinava a tradição, discutiram, ensinaram e catechisaram Pedro, Paulo e Barnabé.

No percorrer das ruas tinha chegado por vezes aos ouvidos dos legionarios, alem do latido quasi incessante dos cães, o echo abafado dos ultimos cantos das ceias, os ultimos berros, vivas e aclamações dos convivas ebrios nos prostibulos; ou então os urros das feras presas nas jaulas do circo, que perturbavam a calma d'aquella madrugada verdadeiramente encantadora.

Agora eram outros os sons que se ouviam. Misturada com os uivos das hyenas, que vagabundeavam nos arredores por entre a penedia e montes da serra, acompanhada pelos murmurios brandos das quedas d'agua, que se veem precipitando dos altos rochedos, formando veloz regato, chegava aos ouvidos d'aquella gente, em côros alternados de vozes nazaladas, capridolentes, tremulas, uma toada monótona, entrecortada de recitativos de uma só voz, ou de canticos breves em unisono largo e profundo, como que saíndo em soluços e brados afflictivos do peito da gente opprimida, encerrada na igreja que a tropa acabava de circuitar.

A um signal do prefeito avançaram dois soldados e com breves machadadas fizeram a porta em estilhaços.

Aos primeiros golpes os canticos cessavam; e quando a porta caiu resoou, seguido logo d'um silencio sepulcral, um formidavel: — *Kyrie eleison!*

Morna baforada, na qual se mistura o perfume do incenso com o cheiro do azeite queimado das lampadas e o fetido de gente pouco limpa, saíu lá de dentro, e deteve por um momento Asclepiades e a comitiva que o seguia. Agitaram o ar com a ponta das togas, para desfazerem a nausea sentida, e entraram, achando-se numa especie de atrio, onde se escondiam a um canto alguns individuos vestidos com tunicas brancas, que foram logo expulsos; seguiram por um corredor, e a poucos passos ei-los num grande recinto, que esse corredor como que dividia na sua continuação.

A um lado viram grande numero de pobres mulheres verdadeiramente aterrorisadas, quasi todas vestidas com longas tunicas escuras, atadas na cintura por grosseiros cordões de lã, e véu pardacento, que lhes caía da cabeça aos pés, destacando-se d'ellas, num pequeno estrado, outras quatro ou cinco com os vestidos muito afogados, seios cobertos com toalha e véu caído sobre os olhos. Do lado opposto algumas dezenas d'homens, trazendo uns longas tunicas brancas, sob mantos gregos, outros curto *sagum*, cobrindo os hombros com restos de mantos, e todos encostados a um bordão terminando em T.

Eram nuas de qualquer vistosa ornamentação as altas paredes, e apenas na parte superior d'ellas, como cornija, e ao centro, como friso, lhes corriam duas linhas de phrases evangelicas em varios idiomas. Acima do espaço onde se juntavam os homens, erguia-se, afastado para a direita, o alto *ambon*, que, alem d'um pulpito na parte superior, tinha outros dois em differentes planos, cada um d'elles mais baixo. Cercava-o uma balaustrada, onde em espigões de ferro ardião cirios grosseiros, espalhando no ambiente um clarão avermelhado, que subia a juntar-se com o que produziam umas dezenas de pequenas lamparinas collocadas ao redor d'um lampadario formado por um grande circulo de bronze, suspenso do tecto por enfumadas correntes. Para alem do *ambon* uma mesa coberta com alva toalha de linho, atrás da qual uma cadeira sobre um estrado. Assentos rasos noutros estrados lateraes, e na parede curva do fundo um armario saliente, velado por duas cortinas, e em cima, na concha que disfarça a empena, recortadas em chapa d'oiro, faiscando com o reflexo das luzes, as duas letras que formam o monograma de Christo.

Aqui a linha d'inscrições era substituida por um renque de doze palmeiras com outros tantos *AA* á sua sombra.

Mais cirios se achavam collocados ao redor da mesa e illuminavam de luz extranha um rapaz na força da vida, vestindo ampla planeta de linho listada de purpura, que lhe descia abaixo dos joelhos, e cuja roda levantavam nos flancos os braços cruzados sobre o peito.

Era a hora da quarta vigilia da noite, a da alva, cujos primeiros reflexos doirados já começavam a diffundir-se na parte enfumada e superior do recinto, e os christãos alli reunidos commemoravam a Paixão de Jesu-Christo, que se celebrava naquella sexta feira 13 do mês de abril de 351, da era de Cesar.

Extranhou o prefeito encontrar tão reduzido numero d'elles, entrando mesmo em



OS MARTYRES — AGUARELLA DE PAUL PUJOL

Acompanhando com illustração, tanto quanto possível documentar, a bella e suggestiva narrativa, na qual, sobre um episodio punjente d'um velho martyriologio, Lino d'Assumpção reconstroe uma época, levantando-a do pó dos seculos, intercallamos esta aguarella celebre que n'um estreito espaço e n'uma concepção feliz, o pintor soube representar a grandeza romana, a viva fé christã, a crueldade dos perseguidores, symbolisados no arco triumphal, na estatua de Cesar, no grupo dos martyres que ampara a visão dos anjos, no circo onde a multidão applaude a morte do santo, que o touro arrasta e nas victorias apteres que pousadas na archivolta do arco encimam a majestade da composição.

(NOTA DA RED.)

conta com os neophytos que tinha expulso logo á entrada; mas um dos flamines, com um sorriso de satisfação, observou-lhe que se de tantos christãos que avultavam numa cidade de quinhentas mil almas, tão poucos eram os que se reuniam na sua principal egreja, é que por certo tinham sido efficazes as noticias do primeiro edicto de Diocleciano, o degredo do bispo Cyrillo para a Panonia, e a presença de Galero em Antiochia, resolvido ás ultimas medidas contra aquella ignobil seita.

E assim fôra.

Os syriacos, fraços de character, pusilanimes, sem consistencia nem perseverança nas idéas, assim que viram banido o chefe e dispersos os ministros do culto que lhes mantinham a cohesão e davam força, começaram por arrancar dos hombros e das tunicas as callicolas ou rodellas de metal e de purpura por que uns a outros se reconheciam como fieis e irmãos; correram em bandos de *lapsi* a sacrificar aos idolos os padres, os diaconos, os acolytos e leitores; outros, os ricos, convertiam-se em *libertarios* pela compra d'um falso attestado de que tinham sacrificado; chusmas de *traditores* entregaram os manuscritos que continham os evangelhos, os actos dos apóstolos, os rolos com a correspondencia das diferentes egrejas, os dipticos onde se achavam inscriptos os nomes dos santos, martyres, cathecumenos e dignidades do culto, os vasos sagrados, os utensilios liturgicos, e alguns até as roupas destinadas aos pobres. Assim os diaconios, onde os ministros se paramentavam, estavam vasio; nos triclinios dos agapes nem uma fatia de pão, os ciborios ermos, as oblatorias nuas, e raros concorriam ainda ás egrejas, onde a eucharistia se conservava, não já nas ricas e preciosas pombas de ouro ou de prata, mas em grosseiras caixas de vime.

Pois esse mesmo refugio das egrejas lhes ia ser tirado.

Aconteceu que por aquelle tempo, sabendo-se em Cesarea, na Palestina, a que degradação chegara a christandade de Antiochia, o diacono-exorcista Romano resolveu partir para aqui, a fim de insuflar novo animo nos fieis. E, ao longo da costa, seguindo o mesmo itinerario que, quasi tres seculos antes, seguira S. Paulo, indo de Tiro a Sidonia, d'aqui a Beryta, depois a Byblos, a Tripoly, a Antaradus e Daodicea, sempre evangelizando, sempre soccorrido por seus irmãos, alguns tão pobres, que só lhe podiam dispensar o fraternal cuidado de lhe lavarem os pés, chegara a Antiochia, quasi ao mesmo tempo que Galero; e por meio da predica, das supplicas, das ameaças conseguira unir

uma centena dos menos fracos, e leva-los naquella noite a juntarem-se na basilica, para commemorarem os passos da Paixão. Eram poucos pois.

Na abside achava-se só elle. Elle diacono sem padre a que assistisse, sem acolyto que o ajudasse! Entre as mulheres apenas quatro diaconisas, almas temperadas na instrucção dos cathecumenos, no trabalho dos enfermos pobres, tinham acudido ao chamamento, e com tristeza viram quão poucas foram as christãs que entraram na egreja pela porta confiada á sua guarda!

Era portanto Romano o homem que se via de pé, junto da cathedra, atrás da mesa collocada a meio da abside, que outra coisa não era senão o altar, a ara de Deus, tão abandonado e pobre, que nem sequer houve quem colhesse flôres, numa terra onde o matto era de rosas, para formar uma grinalda com que o enfeitasse.

Asclepiades dirigiu-se para elle e perguntou-lhe:

— Como te chamas?

— Romano, diacono.

— Deixaste de o ser.

Romano sorriu d'aquella exautoração.

O prefeito, fazendo certo signal acompanhado de inclinação de cabeça a um dos flamines, deu-lhe a palavra.

Este, deixando cair as dobras da *lena*, e extendendo para o diacono um pequeno bastão, disse-lhe:

— Entrega-me as escripturas da tua lei; e todos os mais escriptos.

— Os escriptos estão vasio d'elles, respondeu Romano.

— Mas, se não estão aqui, algures devem existir, objectou o flamine.

— E' possivel que alguns existam em poder dos leitores.

— E onde moram os leitores?

— Os teus viadores que os procurem. Não sou denunciante!

— Entrega-me então os vasos sagrados.

— Não os recebeste já das mãos dos *lapsi*?

E num tom d'acerba ironia continuou: — Os teus homens do fisco, prefeito e tribunos, devem dar a madrugada por perdida, porque nada encontrarão que arrolar. Podes despedir os carregadores, que nada terão que transportar. Aqui só ha que fazer para os demolidores e para os algozes, se assim o entenderem.

Asclepiades ordenou que um magistrado e seus officiaes visitassem todas as dependencias do edificio, emquanto outro, puxando a cathedra, se sentava á mesa para lavar o auto.

Romano com um movimento rapido arrebatou a toalha.

— Podem-na arrolar; mas não a profanarão sobre o altar.

E continuou:

— Se queres escreve: Das secretarias desappareceram as venerandas encolpias com as reliquias dos martyres; o carbona, rico thesouro, está vasio d'alfaias e de vasos sagrados; as annulas, onde se guardava o vinho do sacrificio, estão seccas, e das acerras acabamos de tirar o ultimo grão d'incenso. Se ainda brilham as *lychni* no lampanario, é com um resto d'azeite que trouxe do de Jerusalem. No atrio só encontrarão agua, onde todos lavamos as mãos antes de entrar, e oxalá lavassemos tambem as almas.

O magistrado mandado na busca entrou e declarou que nada achara. Mas Asclepiades, desconfiando d'um esconderijo, de novo exigiu que Romano lhe entregasse os livros para os queimar.

— Não os tenho, já disse. Mas, ainda que os tivesse, preferiria que me queimassem a mim, porque mais vale obedecer a Deus do que aos homens.

— A vontade do imperador deve prevalecer á tua.

— Mas a de Deus prevalece á dos homens.

— Pensa bem!

— Já pensei.

Asclepiades fez novo signal indicando o armario do fundo, o sacrario, onde se guardava a eucharistia, na esperanza de ahi encontrar algum vaso precioso.

Um apparitor arredou as cortinas, e com espanto viram a porta do sacrario aberta e que lá dentro nada havia!

Um grito d'horror resou no amplo recinto, acompanhado d'um clamor de «Misericordia!»

O prefeito deu ordem para que os christãos fossem todos expulsos d'allí para fóra, e ao mesmo tempo revistados um a um.

A alguns foram encontradas pequeninas caixas de madeira com particulas de pão; outros, principalmente as mulheres, traziam por debaixo das estolas, pendurados ao peito, rolos onde estavam escriptos os evangelhos.

Todas estas coisas foram arrebatadas com violencia, e lançadas no acervo que os soldados já tinham feito e continuavam fazendo com os estilhaços das portas, a cathedra, os pulpitos, os estrados, o altar, e tudo quanto podia ser reduzido a cinzas.

Os christãos dispersaram-se pelas encruzilhadas e semedeiros da serra, em debandada, e d'ahi viram os soldados subidos aos telhados da igreja começarem a obra do arrazamento, e ao mesmo tempo outros largarem fogo aos destroços amontoados, que reben-

tou aos primeiros raios do sol despontando detrás das altas muralhas. das fortificações, levantando negra fumarada que ia subindo d'encontro aos alcantins da montanha, tocada pelo vento, até bater e desfazer-se d'encontro á estatua de Caronte, o barqueiro do inferno, alli erguida sobre um fragão a lembrar aos antiochenses a morte e a necessidade d'uma vida justa.

A tropa dividiu-se em varias columnas que desceram para diversos pontos da cidade, ao commando de subcenturiões, a fim de arrazar as outras egrejas christãs. De caminho os officiaes inferiores arrancavam os retratos dos santos e martyres, que a maioria dos christãos, como era seu costume, collocava sobre as vergas dos portaes em desenhos, que muitos se tinham esquecido de esconder, avultando entre estes o do bispo degredado.

Quando a fogueira consumiu o mobiliario e utensilios do culto que nella lançaram; quando a derrocada das paredes tinha feito da velha basilica um montão de perpianhos e caliça, a turba miserrima rapidamente se dispersou, escoando-se em todas as direcções, levando no coração o remorso da sua pusillanidade, e no animo supersticioso o fermento d'uma duvida terrivel:

— Quem teria aberto o sacrario e d'elle arrebatado a eucharistia?

E, entregues uns aos seus misteres quasi todos caseiros e sedentarios, outros carregando liteiras, alborcando, fazendo recados, correndo a cidade á procura do imprevisto, que lhes dêsse de comer naquelle dia, mercê da sua penetrante actividade, ou refugiando-se os mais timoratos nas grutas e cavernas, que como colmeias enchiam os flancos alcantilados da serra, escondidas pela vegetação, pensavam todos no caso mysterioso.

Uma mesma idéa germinou em quasi todos os espiritos. Não seria aquelle desaparecimento um novo milagre do Bom Jesus?

Depois encontraram-se alguns e affiançaram que antes dos soldados terem invadido a igreja, e, quando ao ruido das primeiras machadadas na porta, todos transidos de medo se calaram, um sopro rapido passara na assembléa, e com elle correram, como nos tempos apostolicos, as palavras: *Maran atha*, o Senhor vae chegar!

Effectivamente, diziam elles, o Senhor passara por alli, porque outros viram um raio de fogo faiscar detrás das cortinas, e esse raio luminoso, rapido, doirado como a luz da aurora que ia nascendo, não podia ser senão o relampear da espada do anjo, sempre presente aos sacrificios, e que arrebatara o corpo do Salvador, para que não fosse profanado pelos pagãos.

O QUE DIZEM AS ONDAS

(A Ada de Campos Pidwell)

VALSA POR

IZABEL DE CAMPOS PIDWELL

AUCTORA DAS VALSAS: NOSTALGIA (EXGOTADA), ESTIMA E LEONILDE, EDIÇÕES DA CASA SUÉCA DE A. ENGESTROM

Moderato

Piano

Tempo de Valsa

MUNESON-SIGA-DES.

First system of musical notation. The right hand (treble clef) contains a melodic line with eighth and sixteenth notes, marked with a *cresc* (crescendo) and a *p* (piano) dynamic. The left hand (bass clef) provides a harmonic accompaniment with chords and single notes.

Second system of musical notation. The right hand continues the melodic line with various rhythmic patterns. The left hand maintains the accompaniment with chords and moving lines.

Third system of musical notation. The right hand features a melodic line with a *cresc.* (crescendo) marking. The left hand accompaniment includes some chords with a fermata over the first measure.

Fourth system of musical notation. The right hand has a melodic line with a *poco rit.* (poco ritardando) marking, followed by a *tempo* marking. The left hand accompaniment consists of chords and moving lines.

Fifth system of musical notation. The right hand continues the melodic line with a *tempo* marking. The left hand accompaniment features chords and moving lines.

Sixth system of musical notation. The right hand has a melodic line with a *tempo* marking. The left hand accompaniment consists of chords and moving lines.

The first system of music consists of two staves. The treble staff begins with a melodic line of eighth notes, followed by a half note and a quarter note. The bass staff provides a harmonic accompaniment with chords and single notes.

The second system continues the piece. The treble staff features a melodic line with a fermata over the final note. The bass staff includes a *cresc.* marking and a fermata over a chord. The system concludes with a double bar line.

The third system introduces triplet markings in the treble staff. The treble staff contains four measures, each with a triplet of eighth notes. The bass staff continues with a steady accompaniment.

The fourth system continues the triplet pattern in the treble staff. The treble staff contains four measures with triplet markings. The bass staff provides a consistent accompaniment.

The fifth system continues the triplet pattern in the treble staff. The treble staff contains four measures with triplet markings. The bass staff provides a consistent accompaniment.

The sixth system continues the triplet pattern in the treble staff. The treble staff contains four measures with triplet markings. The bass staff provides a consistent accompaniment.

First system of a musical score. The right hand features a melodic line with several triplet markings (indicated by a '3' above the notes). The left hand provides a harmonic accompaniment with chords and single notes.

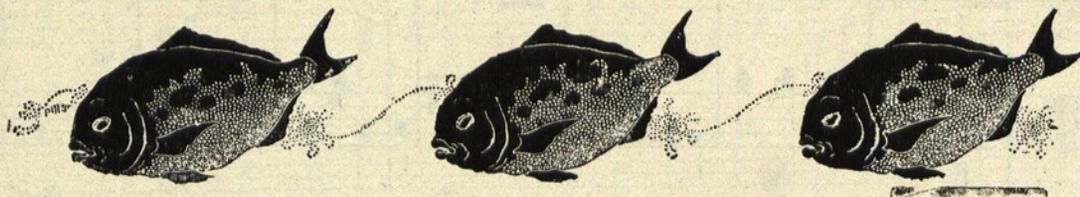
Second system of the musical score. The right hand continues the melodic line with some rests and eighth-note patterns. The left hand maintains the accompaniment.

Third system of the musical score. The right hand has a melodic line with some rests. The left hand features a bass line with a *cresc.* marking below it, indicating a gradual increase in volume.

Fourth system of the musical score. The right hand has a melodic line with accents (>) above the notes. The left hand has a bass line with a *cresc.* marking and a *f* (forte) dynamic marking at the end of the system.

Fifth system of the musical score. The right hand has a melodic line with accents (>) above the notes. The left hand has a bass line with a *cresc.* marking and a *f* (forte) dynamic marking at the end of the system.

Sixth system of the musical score. The right hand has a melodic line with accents (>) above the notes. The left hand has a bass line with a *ff* (fortissimo) dynamic marking at the end of the system.



UM DRAMA SUBMARINO

As recentes manobras navaes e o exercicio de ataque dos torpedeiros á esquadra fundeada tornam opportuno o artigo que segue e onde, sob a forma de narrativa phantasiosa, se descrevem as difficuldades actuaes do problema dos submarinos e onde se anteveem os combates futuros da invenção scientifica, transportando para debaixo das aguas do mar a lucta que hoje se trava á superficie entre o projector de luz e a velocidade sagaz do torpedeiro.

I. — O SONHO DO CAPITÃO FLAUBERT

ERA já o terceiro dia depois das manobras em Cherbourg, e o capitão Leão Flaubert, da commissão de estudos e experiencias da armada franceza, ainda não pudera conciliar o somno trez horas consecutivas.

Elle era um entusiasta da navegação submarina. Acreditava firmemente que a nação que conseguisse pôr no mar a primeira, e realmente effectiva, esquadra de submarinos, essa poderia á vontade dispor das esquadras das nações rivaes, conquistar os oceanos. As costas do mar seriam territorio exclusivo d'essa feliz nação. Para qualquer outra pessoa menos entusiasta, pareceria isto um sonho louco; para elle, contando com a resolução de algumas difficuldades previstas, e com mais algumas descobertas, a realisação d'aquelle sonho era simplesmente uma questão de dinheiro e de aturado trabalho.

Os exercicios de Cherbourg haviam provado tres cousas. Os submarinos poderiam submergir e permanecer abaixo da superficie das aguas; poderiam alli navegar vertical ou lateralmente; mas, logo que estivessem a cerca de trez metros de profundidade, ficavam cegos como morcegos á luz brilhante do sol.

Além d'isso, quando os pharoes electricos funcionassem de noute, debaixo d'agua, uma especie de luminoso nevoeiro, atravez do qual seria impossivel ver alem d'um circulo de poucos metros, irradiava em roda d'elles, e assim reflectir-se-hia na superficie da agua uma mancha semi-phosphorescente, que infallivelmente denunciaria a proximidade do submarino aos caça-torpedeiros e ás vigilantes canhoneiras. Então, o lançamento de um par de libras de dynamite com mar-

cha regulada de explosão deveria ter consequencias bem previstas para a gente do submarino, não havendo poder humano que a livrasse da morte certa e horrivel.

Foi o receio de tornar sabido este inconveniente maximo que excluiu tão cuidadosamente da area das experiencias os espectadores curiosos. Outras experiencias, realizadas á luz do dia, tinham provado anteriormente que a fusca mancha luminosa na profundidade das aguas se destacava ainda mais do que na escuridão da noute. Em resumo, a unica probabilidade de exito no ataque cifrara-se em vir á superficie fazer observações provaveis do alvo a attingir, depois submergir e descarregar o torpedo á aventura. Ainda assim, esta operação poder-se-hia effectuar com alguma probabilidade de exito n'um mar sereno. Com tempo apenas moderadamente aspero seria absolutamente impraticavel.

Foram estas difficuldades, junctas a outras mil desesperadoras, penosas e technicas particularidades, que fizeram perder o somno ao capitão Flaubert trez noites consecutivas. Ora, elle era incontestavelmente o melhor engenheiro submarino da França. Os submarinos provavam não ser praticamente efficazes. A França, portanto, contava que elle os obrigasse a ser.

As graves questões de politica internacional de que se occupava a diplomacia, a questão do Oriente, a questão do Mediterraneo, a herança do imperio marroquino, o panslavismo, a partilha da China, emfim qualquer incidente, arremessando uma pequena faisca na fabrica de polvora europea, poderia determinar uma explosão formidavel; e entre a Alliança dupla, republico-csarista, e o imperio britanico poderia dar-se uma collisão. A

armada da Gran-Bretanha havia de se pôr em movimento e acção immediata. Em poucas horas as suas orgulhosas esquadras estariam desfechando rapidos e terriveis tiros sobre o inimigo mais proximo—a França. E comtudo, se elle podesse fornecer olhos submarinos que vissem bem atravez das aguas, a França poderia mandar uma armada invisivel que arruinasse as esquadras inimigas antes de sahirem dos portos, destruísse os seus mais poderosos couraçados, e os seus mais velozes cruzadores, antes que ellas podessem disparar um tiro; e assim em poucos dias, limpos os mares e os estreitos, far-se-hia a invasão de Inglaterra pelo irresistivel e poderoso exercito da França. Depois, quebrado o encanto da inviolabilidade da orgulhosa Ilha, ficaria para todo o sempre anniquilado o famoso poderio da Gran-Bretanha.

Era um esplendido sonho—mas apenas sonho cuja realidade elle via muito ao longe n'um vago desenho de estaleiros onde se construiam os maravilhosos submarinos.

Estava justamente apparecendo a madrugada do terceiro dia, quando um raio de inspição luminosa penetrou no perturbado cerebro, meio adormecido, meio acordado, de Flaubert, entre o sonho e a realidade em que a sua alma se estava embalando.

Ergueu-se de sobresalto, sentou-se na cama, encruzou as mãos atraz da nuca, e sem saber se estava a dormir ou acordado, ouviu dizer a sua propria voz:

—*Nom de Dieu*, é isto mesmo! Que tolo não ter pensado ha mais tempo n'uma cousa tão simples! Se não podemos vêr, podemos e devemos sentir. Fios electricos combinados e escolhidos de forma a terem o mesmo pezo da agua — equilibrio indifferente de Ludion em garrafa de creança—dez, vinte, cincoenta, cem metros de comprido em volta do barco, de pôpa á prôa, de bombordo a estibordo! Os navios d'aço são magneticos, tanto que d'ahi vem a maneira especial de acertar as bussolas. Na extremidade de cada fio deve haver um electro-magnete de estanho. A bordo elles hão de se reunir e ligar a indicadores, agulhas magneticas, delicadamente montadas, quatro pelo menos, na prôa, na pôpa, e de cada bordo; e como o *Vengeur*—hei de chamal-o assim, em memoria de Trafalgar e de Fashoda—o meu submarino aproximar-se-ha dos navios inimigos occulto na profundeza dos mares, então aquelles fios, como os tentaculos de octopus, hão de estender-se attrahidos até a sua preza! Quanto mais proximo chegar, mais elles hão de convergir para o navio que estiver mais perto e fôr maior. Quando mergulhar por baixo d'este, os fios hão de dirigir-se para cima.

Quando estiverem perpendiculares, estará determinada a direcção do torpedo a lançar. Os seus magnetes hão-de ligal-o ao navio condemnado. O *Vengeur*, mergulhará mais fundo, obedecendo sempre aos avisos da sonda indicadora, e procurará uma nova victima ou lugar seguro para subir á superficie. Em dez, quinze, vinte minutos, como eu tiver resolvido, o torpedo ha-de explodir, o navio de guerra ou o cruzador abrir-se-ha e afundar-se-ha, não sabendo que causa desconhecida o destruiu. Perfida Albion, tu estás já vencida! E's apenas a senhora dos mares enquanto o *Vengeur* não principiar a sua obra. Quando concluida, não mais haverá armada ingleza. Os soldados da França hão de vingar Waterloo no solo de Inglaterra, e Leão Flaubert será o grande homem, o maior da historia. Mercê de Deus, fiz uma descoberta que conquista um mundo. Agora posso adormecer.

Descahiram da nuca as mãos encruzadas; as palpebras cerraram-se sobre os olhos doridos; o corpo oscillou d'um lado para o outro, até que cahiu para trás. Como a cabeça se recostasse na almofada, uma longa e funda respiração sahiu dos seus entreabertos labios e em breve trecho um satisfeito resonar echoava no pequeno quarto, simplesmente mobilado, onde se resolvera a ruina da Inglaterra.

II. — UM JANTAR EM ALBERT GATE

Coincidencia curiosa: enquanto o capitão Flaubert mortificava a imaginação com o problema de vêr debaixo da agua e tinha aparentemente resolvido a difficuldade substituindo pela sensibilidade de fios electricos o emprego de raios de luz que tinha provado mal, o sr. Wilfred Tyrrell chegára a uma conclusão favoravel sobre o mesmo assumpto, ao cabo d'uma serie de experiencias que fizera.

O sr. Tyrrell era filho do sr. Wallace Tyrrell, um dos lords mais recentes do almirantado inglez. Tinha 29 annos. Obtivera uma distincta graduação nos estudos em Cambridge, depois fora a Heidelberg completar a sua instrucção, e voltara para Londres onde fizera a sua entrada no mundo como o mais novo doutor em sciencias que em tempo algum houvera sahido dos jardins de Burlington.

A sua vida no continente tinha-o emancipado de todas as limitações forçadas a que o sujeitava o pae, aliás um homem muito intelligente e considerado. Como o capitão Flaubert, elle era um crente na possibilidade da navegação submarina, e como o seu des-

conhecido rival francez, tambem tinha ficado preocupado com o problema da fatal cegueira submarina. Atacou-o por um ponto de vista opposto ao do capitão Flaubert, differença de methodo que praticamente traduzia a differença entre os genios das duas nações. O capitão Flaubert illudira a questão, substituindo por fios electricos a luz. Wilfred Tyrrell optara por esta, que dava a vista directa, e tinha já todos os dados precisos para acreditar no exito incontestavel.

Na noite anterior áquella em que Flaubert cahiu em somno profundo nò seu quarto de Cherbourg, houve um jantar intimo em Albert Gate, em casa de Wilfred Tyrrell. Aos olhos d'este a mais importante convidada

ria dos intellectuaes, nunca ousara fazer-lhe decidida côrte. Por direito de successão havia de ser condessa; algum dia havia de herdar meio milhão de propriedades, muito mais com a renovação dos arrendamentos, portanto Wilfred Tyrrell considerava-a destinada a casar-se talvez com um duque, ou pelo menos com um principe europeu. Com elle, não.

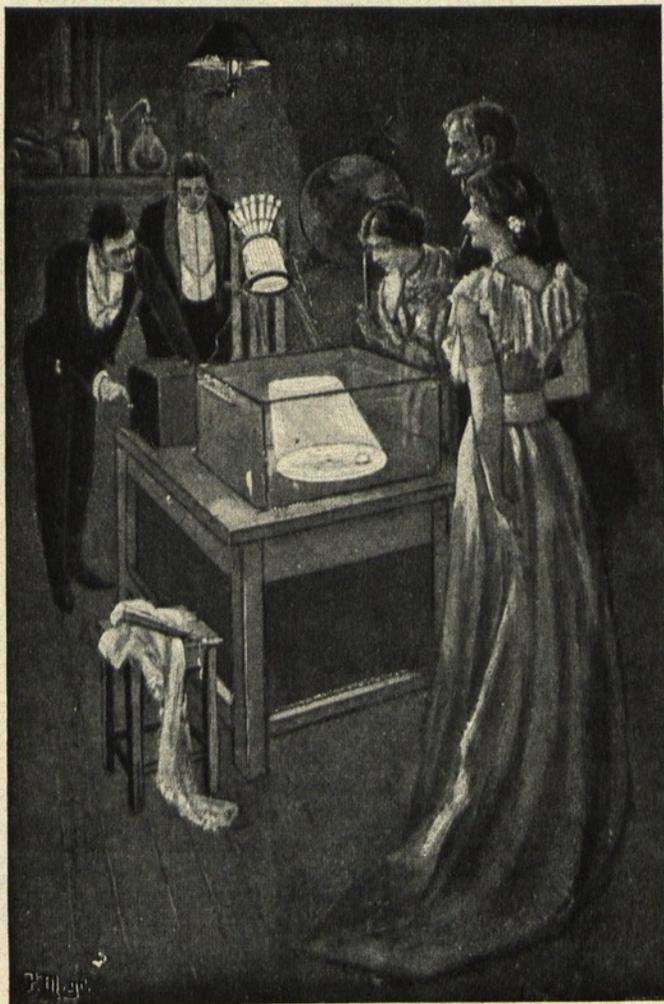
Todavia, Wilfred deveria calcular a opinião de lady Ethel sobre este assumpto pela recusa feita a um duque, dois viscondes, e uma alteza serenissima allemã que se haviam proposto como pretendentes, quando ella apparecera na sociedade. De resto, ella nunca se cançava de ouvir falar Wilfred Tyrrell — o que lhe seria bem significativo, se a sua modestia lhe permittisse ver.

Emquanto estava sentado ao lado d'ella á meza do jantar, n'aquella noite memoravel, pareceu a Wilfred muito menor a distancia social que os separava. Até ao presente a sua carreira fôra brilhante mas inutil. Estudara, distinguira-se; outro tanto muitos tinham feito, e acabavam na mediocridade. Mas agora elle fizera alguma cousa de grandioso — uma descoberta que o mundo inteiro apregoaria em poucas semanas. Resolvera o problema da navegação submarina, e, como preliminar defeza, descobrira meio rapido de averiguar a presença de um submarino destruidor.

Wilfred era um d'estes caracteres reservados e prudentes que possuem o dom do silencio, nos momentos criticos; o que, diz-se, tem servido a muitos diplomatas quando estão pezando na balança os destinos dos imperios.

Assim, tendo conseguido guardar o segredo do seu amor por tantos annos, tambem soubera reservar aquelle que era maior ainda, cuja narração poderia ferir n'uma paralytia de incredulidade official os distinctos convidados que se sentavam em volta da meza do pae. Filho de funcionario, sabia bem que semelhante revelação prematura poderia

provocar, não só o sorriso sceptico, o que lhe não importava, mas tambem revelações semi-officiaes para a imprensa, o que seria de grande importancia para elle. Por isso, quando principiavam a despedir-se os convidados, segredou á mãe: — Desejava que minha mãe, o pae, lady Ethel e lord Rivers



Sobre uma meza estava um tanque de vidro...

era lady Ethel Rivers, filha unica do conde de Kirlaw, uma linda e tentadora *brunette* com promettedores prospectos financeiros. Wilfred amava-a em segredo, quasi sem esperança, havia cinco annos.

Comquanto ella já se tivesse apercebido d'aquella inclinação, elle, timido como a maio-

fossem ao meu laboratorio depois de todos terem sahido. Póde acaso conseguir-me isto que lhe peço, mãe?

Lady Tyrrell fez um signal com a cabeça de assentimento e de promessa.

O laboratorio de Wilfred Tyrrell estava installado no alto da casa n'um comprido sotão, o que fora evidentemente escolhido para estar bem isolado.

Como iam subindo as escadas, Wilfred, seguro do seu proximo triumpho, ousou adiantar um pouco o passo e, encostando a mão levemente no braço d'ella, disse-lhe baixinho:

—Lady Ethel!

—Oh! interrompeu com o braço um tanto tremulo sob a pressão da mão d'elle — não esqueça o que me quer dizer, mas diga-me primeiro o que nos vae mostrar?

—Uma cousa que olhos humanos, excepto os meus, ainda não viram; uma cousa que sempre me deu a esperança de ser digno de lhe fazer um pedido que outros...

—Sei o que quer dizer — respondeu em voz baixa mas decidida, e olhando para elle com ternura nos seus bellos olhos que se riam. Mas agora?

—Agora? . . . Estamos chegados. Em breves minutos julgará com os seus proprios olhos, se a mereço ou não.

III. — OS RAIOS D'AGUA

O laboratorio estava disposto com a habitual desordem apparente de similares aposentos. Ao centro, sobre uma grande meza de pinho, tosca, manchada de acidos, estava um tanque de vidro cheio de agua, uma especie de aquario com as paredes de cristal muito branco e limpo. A agua de que estava cheio tinha uma côr verde desmaiada, como se fôra agua do mar. De cada lado, achavam-se collocadas umas caixas como as dos apparatus electro-magneticos e respectivas pilhas, e em comunicação com tubos de vidro, montados em um suporte de madeira, convergindo todos para a abertura d'um outro tubo muito maior de vidro azul pallido. Na extremidade d'este, estava ajustada uma grossa e dupla lente convexa, tambem de côr azul pallido. Estava collocada de módo que o seu eixo incidia sobre a superficie da agua do tanque n'um angulo de trinta graus.

— Bem, Wallace, — disse o sr. Wilfred em quanto seu filho fechava cuidadosamente a porta do quarto. O que é isto? Alguma nova invenção? Alguma cousa mais que

queres que eu apresente aos lords do almirantado?

— Justamente, e d'esta vez penso que esses senhores de Whitehall hão-de reconhecer que ha aqui algum valor. Em todo o caso, estou persuadido de que, se algum almirante



...deu-se um terrivel caso em Solent...

francez ou russo estivesse n'este quarto e visse o que vão vêr, eu poderia obter facilmente um milhão de libras esterlinas pelo que está sobre essa meza.

— Mas, de certo, não pensa fazer tal, — disse lady Ethel que estava em pé do lado da meza opposto ao arranjo dos tubos de vidro.

— De certo.

— Bem sei que o sr. Tyrrell era incapaz de vender aos seus inimigos qualquer cousa util ao seu paiz, interrompeu lord Kirlew, voltando-se para sir Wilfred —, mas se eu vejo que isto vale alguma cousa e o almirantado não o tomar em consideração, eu o tomarei. Portanto deixe-nos agora vêr o que é.

Entretanto Wilfred abriu para illuminar o quarto alguns bicos de gaz. Voltou para junto da meza, olhou de relance para lady Ethel,

tossiu ligeiramente, como faz o conferente quando principia, dirigindo-se á assémbla, examinou em volta as phisionomias expectantes, e disse com um ar propositalmente comico de cathedratico:

— Isto, minhas senhoras e senhores, é um apparelho de que tenho todos os dados para acreditar que remove a ultima e unica difficuldade da navegação submarina.

— Muito bem — disse lord Kirlew, ajustando o seu *pince nez* e inclinando-se sobre o conjuncto dos tubos, — creio ter já percebido o que quer dizer. Descobriu, se me permite antecipar-me, uma especie de raios de luz ou de Rontgen ou outros, que permitem vêr através da agua, não é assim?

— Justamente — disse Tyrrell. — Sabe que de facto a grande difficuldade, o insuperavel obstaculo ao progresso da navegação submarina tem sido a cegueira dos navios submergidos. Não podem vêr para onde vão além da distancia de alguns metros quando muito. Com este apparelho vêr-se-ha não só a distancia debaixo de agua mas tambem poderá um navio, vasculhar o fundo do mar como o holophote esquadrinha a superficie e portanto descobrir o submarino destruidor. Vou mostrar-lhes tambem que se póde fazer uso d'isto tanto de dia como de noite; primeiro farei experiencia com a luz do gaz.

Entretanto que dizia isto, voltou umas poucas de manivellas ou commutadores nas caixas lateraes. As baterias começaram a zunir serenamente. Os tubos principiaram a luzir com uma extranha e intensa luz que possuia duas curiosas propriedades: era distinctamente visivel á luz do gaz, como se o quarto fôra escuro, e era absolutamente restricta aos tubos. Nem um vislumbre se extravasava, permitta-se a expressão, além das superficies exteriores dos vidros. Depois o grande tubo azul começou a brilhar, tornando-se verde pallido. Instantes depois uma irradiação, como que uma labareda de luz verde sahiu da lente e um feixe de raios directos projectou-se para dentro da agua. Momentos seguidos, os olhos admirados dos espectadores viram penetrando na agua do aquario aquella luz então absolutamente branca na apparencia, e algumas pedras, areia e cascalho, que tinham sido deitados no fundo, distinguiam-se com magica clareza onde tocavam os raios de luz. A agua restante, illuminada apenas pela luz do gaz do quarto estava escura e indistincta.

— Agora vamos experimentar ás escuras. Lord Kirlew, teria duvida de fechar essa luz que está do seu lado? Pae, fecha essa luz que está ao pé de si, se faz favor?

Apagaram as luzes silenciosamente. Pes-

soas intelligentes ficam em geral silenciosas perante novas revelações. Todos os olhares se dirigiram para o aquario através da escuridão. Os tubos brilharam com a sua luz singular, mas o quarto continuava immerso em trevas. Aquario e agua tinham desapparecido. Viam-se apenas as pedras sobre as quaes incidia no fundo a extranha luz.

— Veem, disse Tyrrell, que o raio de luz não se diffunde. E' absolutamente directo, e é uma das suas mais valiosas propriedades. As luzes electricas que usam os submarinos espargem uma luz viva. A superficie da agua aqui, como vêem, é perfeitamente escura. Ha outra vantagem: o raio de luz é absolutamente invisivel no ar. Vejam.

Puchou para traz o apparelho de tubos para que o raio de luz sahisse da agua e n'esse momento o quarto ficou em perfeita escuridão. Voltou-o de novo para o aquario e outra vez o leque de luz brilhante tornou-se visivel na agua.

— Agora, continuou elle — nada mais ha que ver e podemos accender o gaz.

— Bem, Wilfred, — disse lord Kirlew quando voltaram para a bibliotheca, — parece-me que podemos felicital-o por haver resolvido um dos maiores problemas da época, e se o almirantado não approvar a sua invenção, como supponho que assim hão de fazer — hein Tyrrell! — você conhece-os melhor do que eu! — vou-lhe dizer o que tenciono fazer; comprarei ou mandarei construir para si torpedeiros que ficarão ás suas ordens, e emquanto não entrarmos em guerra naval com qualquer nação, o sr. poderá emprender um cruzeiro scientifico e usará o seu raio de luz para descobrir desconhecidos baixios e talvez um velho navio thesouro submergido. Creio que ha ainda alguns milhões de libras no fundo da bahia de Vigo.

IV. — EM SOLENT

Uma vez, pelo menos, o almirantado britanico mostrou espirito claro. A posição official do sr. Wilfred Tyrrell, e a immensa influencia de lord Kirlew concorreram de certo para estimular o intellecto official; mas em todo o caso, um mez depois da demonstração no laboratorio, uma commissão de homens competentes examinavam, e maravilhosos approvavam, o apparelho de raios de luz na agua, e o torpedeiro *Scorcher* era posto á disposição de Tyrrell para uma serie de experiencias decisivas.

O *Scorcher* fundeara na South Dock, em Chatham, vigiado pela policia da doca que não deixava aproximar ninguem, além da distancia de 50 jardas, sem uma licença ex-

pressa do quartel general. O *Scorcher* apresentara-se com quatro installações de raios de agua, uma á pôpa, outra á prôa e uma dupla ao meio do navio para bombordo e estibordo, e afóra o seu usual armamento de tubos de torpedo e artilheria respectiva, levava quatro torpedos de typo Brennan que podiam deitar-se á agua sem fazer a minima deslocação, dirigiveis de bordo, navegando sempre na direcção dos raios de agua.

De tudo foi, é claro, guardado o mais rigoroso segredo e a marinagem do *Scorcher* jurou individualmente não relatar o que visse ou ouvisse durante as experiencias. Eram homens escolhidos com provada dedicação e integridade. Qualquer d'elles daria a vida por honra da armada, portanto não havia receio que divulgassem o segredo.

Entretanto seguiram-se acontecimentos internacionais com maxima rapidez e aquelles que conheciam os bastidores da politica dos dois lados do Canal souberam que a guerra era uma questão de semanas, talvez mesmo de dias.

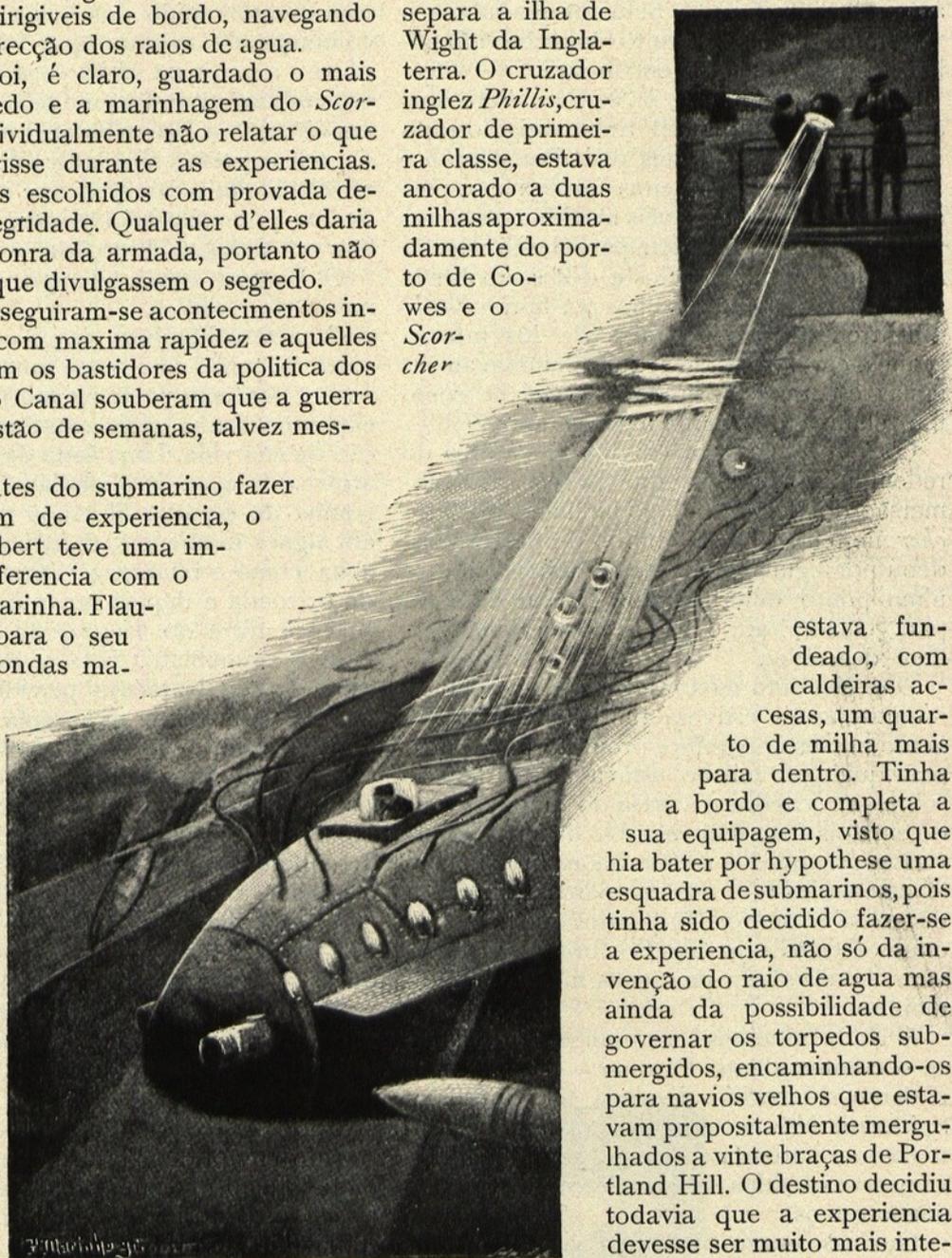
Um dia antes do submarino fazer a sua viagem de experiencia, o capitão Flaubert teve uma importante conferencia com o ministro da marinha. Flaubert aperfeçoara o seu systema de sondas magneticas, e o *Vengeur* estava fundeado em Cherbourg e aparelhado para seguir na sua missão destruidora. Vinte barcos eguaes estavam-se construindo com toda a pressa nos arsenaes de Cherbourg, Brest e

Toulon. O *Vengeur* tinha correspondido a todas as experiencias exigidas e para a marinha franceza os dias da armada britanica já estavam contados.

—N'uma semana talvez, meu capitão— disse o ministro, levantando-se da cadeira e apertando-lhe as duas mãos—haverá declaração de guerra ou, alguns dias mais tarde.

Prove que pôde fazer o que diz, e a França ha de saber recompensal-o. A victoria pertence hoje áquelle que primeiro obtiver uma vantagem e ella será sua, se lhe der o golpe previsto e decisivo.

Uma semana depois d'esta conversação, á meia-noite occorreu um terrivel caso em Solent, canal que separa a ilha de Wight da Inglaterra. O cruzador inglez *Phyllis*, cruzador de primeira classe, estava ancorado a duas milhas aproximadamente do porto de Cowes e o *Scorcher*



estava fundeado, com caldeiras accesas, um quarto de milha mais para dentro. Tinha a bordo e completa a sua equipagem, visto que hia bater por hypothese uma esquadra de submarinos, pois tinha sido decidido fazer-se a experiencia, não só da invenção do raio de agua mas ainda da possibilidade de governar os torpedos submergidos, encaminhando-os para navios velhos que estavam propositalmente mergulhados a vinte braças de Portland Hill. O destino decidiu todavia que a experiencia devesse ser muito mais interessante do que no caso

escangalhado d'um vapor, coberto de ostras.

Aos quinze minutos depois da meia-noute, quando Tyrrell e o seu immediato Farquar passeavam no estreito convez do *Scorcher*, sentiram que o barco se erguia com um empuxão debaixo de seus pés. Todavia as aguas estavam perfeitamente serenas.

—O que será isto? exclamou Tyrrell, em

quanto ambos parados olhavam para o mar. Succedeu que ambos dirigiram as vistas para o *Phyllis*, e justamente a tempo de o verem levantar-se sobre uma montanha de agua es-cumosa, quebrar-se em duas partes e desaparecer.

—Uma mina ou um submarino!—concluiu o commandante Farquar. Aprompte o seu apparelho, sr. Tyrrell. Será um dos submarinos francezes de que tanto temos ouvido falar? Se o podessemos encontrar?

Em vinte segundos, o *Scorcher* tinha des-amarrado, o seu pharol tinha dirigido rapidos e successivos signaes para Portsmouth e Southampton, as caldeiras fumegavam, pela chaminé e suas admiraveis machinas estavam prontas á primeira ordem para desenvolver a força de dez mil cavallos e deslizar sobre a agua a trinta e cinco milhas por hora.

Entretanto, quatro raios de luz intensa branca em fórma de leque illuminavam as aguas escuras e profundas de Solent como um relampago illumina a densa noite.

O *Scorcher* navegou em direcção á area do redemoinho da agua que provocara a submersão do *Phyllis*. O fogo luminoso do *Scorcher* metteu-se até ao fundo do Solent, ondeou por alguns momentos e depois fixou-se n'um ponto determinado. Os que olharam para baixo viram o que as palavras não podem descrever.

O esplendido navio de guerra que poucos minutos antes estivera fundeado, todo elegante no seu apparelho, prompto para partir para qualquer missão estava agora deitado sobre os rochedos e a areia do fundo, dividido em dois, feito n'um montão de ferros recurvados. Alguns dos seus canhões tinham sido arremessados fóra dos anteparos e atirados á distancia de metros. Corpos dos que ha pouco eram officiaes e marinheiros britanicos, boiavam a meia altura das aguas, ainda em redemoinho.

—Nada podemos fazer aqui sr. Tyrrell, disse o commandante Farquar.—Isto foi obra d'algum submarino. Deveria ter vindo por Spithead. Não se teria atrevido a vir por outro lado e naturalmente sae por onde entrou. Conserve os raios de luz e vamos a ver se o encontramos.

Ouviu-se outro tilintar na casa da machina. O *Scorcher* virou em direcção ao oriente e começou a navegar em zig-zag, a quarto de velocidade, para Spithead.

Com effeito, o capitão Flaubert tinha decidido praticar um acto inesperado, de rematada loucura, impellido pelo obcecado desejo de provar a efficacia do seu invento, approximando na sua imaginação febril o caso desgraçado e accidental do *Maine*.

O *Scorcher* navegou por entre os fortes, illuminando a agua para todas as direcções a uma distancia de duzentos metros, durante uma hora, mas nada descobriu. Afinal deliberou mudar de direcção.

O timoneiro seguiu firme no leme, a campainha do quarto da machina na prôa deu signal de velocidade maxima. Com o movimento rapido dos helices formavam-se columnas de escuma que corriam para a pôpa e a pequena embarcação voltou n'uma esplendida curva, e seguiu pelo Solent abaixo, em direcção a Hurst Point com a velocidade de um expresso. Passado o Ryde diminuiu a velocidade a um quarto, e os quatro raios de luz principiaram a procurar no fundo do mar em todas as direcções.

O *Vengeur* estava-se approximando justamente de Needles.

O capitão Flaubert, de pé no zimbório de vidro da torre, com o seu immediato, illuminados por uma pequena lampada electrica, experimentou a mais extraordinaria sensação da sua vida. Uma setta de luz metteu-se atravez da agua. Era afiada e brilhante como lamina de espada. Fluctuou por aqui e por alli alguns momentos, dardejando atravez da agua como o relampago atravez das nuvens de trovoada e depois repentinamente cahiu sobre a torre do *Vengeur*. O capitão olhou para o immediato. Estava branco como a neve. Instintivamente percebeu que a sua propria cara estaria na mesma.

—Com mil bombas!—segredou entre os labios tremulos, apesar de toda a sua força de vontade — O que é isto, immediato? Será possivel que estes maldictos inglezes, tivessem descoberto o meio de vêr debaixo d'agua? Ou peor ainda, que tenham um submarino que possa vêr?

—N'esse caso — replicou o immediato quasi em segredo — comquanto o *Vengeur* tenha feito o seu trabalho, receio que elle não acabe o seu passeio de experiencia. Olhe — continuou, apontando para bombordo — o que é aquillo?

Um corpo côr de prata offuscada de cinco pés de comprido, ponteagudo nas extremidades, guiado por um rapido movimento de helice tinha-se afundado na direcção da estrada luminosa de agua. Como se fosse ente humano de livres movimentos, vagarosamente se dirigia para o *Vengeur*, chegando-se cada vez mais perto, polegada a polegada, e principiou para o capitão e seu immediato a sensação mais horrivel que dois entes humanos nunca experimentaram.

Ambos eram bravos, dignos das tradições do seu paiz e da sua profissão; mas estavam presos n'uma fabrica de aço, trinta pés abai-

xo da superfície do mar á meia noite, e este horrivel e estranho objecto approximava-se cada vez mais. Subir á superfície significava não só a captura mas tambem a morte ignominiosa para todo o homem de bordo; porque a guerra ainda não estava declarada e o capitão e a marinagem do *Vengeur* seriam considerados piratas fóra das leis da guerra e da civilização. Ficar onde estavam era a morte pelo terror, um destino a que não era possível escapar.

— E' um torpedo, disse o immediato, pronunciando as palavras com voz tremula — um Brennan. Só lhe basta tocar-nos e . . .

Um encolher de hombros, mais expressivo do que palavras, disse o resto.

— Sim, replicou o capitão Flaubert, é verdade . . . Mas como foi que o não soubemos? Estes inglezes devem ter tido denuncia . . .

Emquanto fallava tocou n'um par de botões de signaes de bordo. O *Vengeur* ergeu-se quinze pés, accelerando as machinas e dirigiu-se para o mar largo com a maior velocidade. Passou para fóra da direcção do raio de luz por um minuto ou dois. Depois tres novos raios convergentes encontraram-o e de novo o illuminaram. Outra fôrma prateada desceu, d'esta vez pelo lado de estibordo.

Então o *Vengeur* virou de bordo, em direcção a Spithead. Navegou em zig-zags, em curvas, mas não houve meio. Os quatro raios faziam-lhe um circulo para onde quer que fosse, e os dois torpedos seguiam-o sempre um de cada lado, em constante ameaça.

O immediato era um bravo, mas desmaiou dez minutos depois. O capitão Flaubert impassivel permaneceu no seu posto, com uma mão no governo do leme e com os dedos da outra nos signaes de bordo. Nada mais podia esperar do que ser enforcado como um criminoso. Tinha-lhe fallado o exito.

O fio do seu destino apresentara-se-lhe bem fino. As vidas do immediato e de cinco

homens deviam ser salvas. Tomou uma resolução rapida. Instantes depois Tyrrell e o commandante Farquar viram do *Scorcher* um grande objecto, parecendo as costas de uma balêa, boiar sobre a superfície da agua.

Na extremidade dianteira havia uma pequena torre terminada por uma redoma de vidro. O *Scorcher* navegou em direcção ao *Vengeur*. A redoma de vidro cahiu para trás e descobriu a cabeça e os hombros de um homem com o uniforme da armada franceza. Quando o feixe de luz do pharol o illuminou, a sua phisonomia parecia cadaverica.

Depois, em correcto inglez disse para bordo do *Scorcher*:

— O *Vengeur* rende-se para salvar a sua tripulação. Eu sou o unico culpado. A França nada sabe do que succede. Para mim está tudo acabado.

A bordo do *Scorcher* viram luzir na mão de Flaubert perto da cabeça um objecto de metal e em seguida o corpo do capitão desaparecia.

O *Vengeur* foi levado para Portsmouth. O caso do *Vengeur* foi apresentado perante o governo francez, que teve de pagar uma indemnisação avultada.

Algumas semanas depois, em recompensa dos serviços prestados, o almirantado inglez punha o cruzador *Venus* de terceira classe á disposição do sr. Wilfred e de lady Ethel Tyrrell para o seu passeio de lua de mel no Mediterraneo.

A declaração de guerra em que o ministro tinha fallado ao capitão Flaubert como provavel ficou em segredo diplomatico, e o desgraçado incidente de que resultou a perda do cruzador em tempo de paz, foi publicamente admittido pelo governo francez como sendo um acto de desautorizada pirateria pelo qual os culpados já tinham soffrido a penalidade do seu crime. E o plano de invadir a Inglaterra entrou mais uma vez na vasta região das cousas que podem ser sonhadas.



A palavra transmittida atravez da terra

Dia a dia se regista um novo invento, uma nova applicação d'um principio anteriormente estabelecido, a attestar a intensidade de trabalho investigador que caracteriza a época actual; e de tal sorte que, quasi simultaneamente, nos pontos mais oppostos, apparecem os resultados do espirito inventivo applicado ao mesmo assumpto. Naturalmente multiplicam-se no campo dos phenomenos electricos que n'este momento mais chamam a attenção dos estudiosos. No capitulo especial das communicacões, e antes de chegar á telepathia deliberada que muitos prevêem como phantasia scientifica, os progressos da telegraphia e da telephonia são tão grandiosos que seriam assombrosos, se a vulgaridade das cousas que outr'ora pareciam milagrosas não tivessem preparado o espirito a recebel-os friamente.

• • •

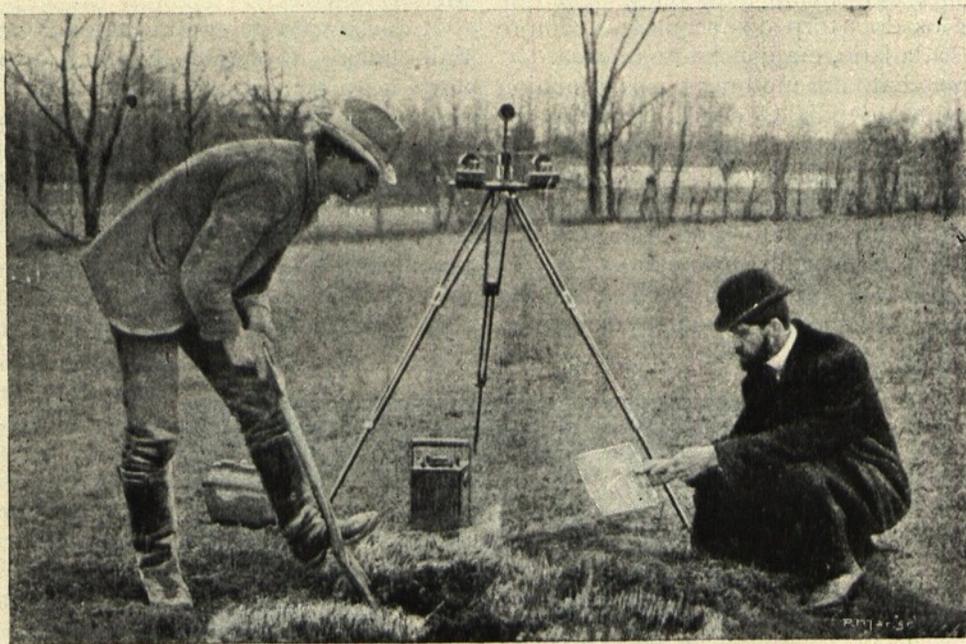
UM moço engenheiro de Philadelphia, Frederico Collins, inventou, ha pouco, um meio de transmittir a distancia palavras pronunciadas, sem necessidade de fios intermediarios, não atravez do ar mas, atravez da terra.

Não é a *telegraphia* sem fios de Marconi; é a *telephonia* sem fios, tão admiravel como aquella. Collins pôde tambem, como Marconi, transmittir as linhas e os pontos do alfabeto convencional pelo mesmo apparelho; porém, em quanto que pelo systema italiano tem de haver na estação de partida um mastro d'alguns metros d'altura e outro no ponto de re-

portar em qualquer caixa de commodas dimensões, semelhante áquellas que servem para transportar vestidos.

Chamam-se *antennas* áquelles mastros, por comparação com os órgãos do tacto dos insectos, porque elles tambem tacteam e reconhecem na athmosphera as *ondas electricas*, as *oscillações hertzianas* que passam. A sua altura tem de augmentar em dadas proporções com a distancia a telegraphar.

Não é só a extrema simplicidade do systema do novo telephone o seu unico merito. Ouvese mais claramente um recado, uma mensagem mandada por um telephone sem fio, do



cepção, cada um fornecido com o respectivo fio correndo do tope dos mastros até o chão, o apparelho do systema apresentado pelo sr. Collins é tão extremamente pequeno que se pôde dobrar todo em cinco minutos e trans-

que fallada pelo rudimentar *fio* do telephone usual. E com a invenção de Collins pode cada qual telephonar para onde quizer, sem os encargos actuaes. O que exige agora milhas e milhas de custoso fio, centenas de postes

dispendiosos, milhões de libras para installações, compra de terrenos, direitos de passagem, o sr. Collins conseguiu obrigar a terra a produzir, não só tão bem, mas ainda melhor e de graça.

E' tão extremamente barato, tanto na installação como no funcionamento o systema americano, que parece estar destinado a facilitar o uso do telephone na casa do menos abastado chefe de familia, como no palacio dos opulentos, em qualquer parte, no campo ou na cidade.

De mais a mais, o engenheiro Collins não póde arrogar-se o direito á descoberta de nenhum novo principio scientifico ; o que fez foi simplesmente aproveitar o sabido factó de que a terra é um abundante reservatorio de electricidade, percorrido por constantes correntes, e conceber a idéa de utilizar essas correntes naturaes para encaminhar de um ponto para o outro as vibrações sonoras da voz humana. Parece, segundo vemos noticiado, que simultaneamente, em Paris, um engenheiro russo, coronel Pilsoudski, inventou um apparelho quasi identico, nos principios e na forma, ao do engenheiro americano, tendo sido realisadas no Vesinet experiencias muito parecidas com as da America, sem comtudo se affirmarem tão positivas como estas. Os apparelhos foram construidos nas officinas de Duret.

Como succede á maior parte dos inventores, o sr. Collins possuia pouco dinheiro seu ; mas tinha bastante energia e resolução, e em duas semanas conseguiu reunir doze capitalistas que formaram uma companhia e forneceram capital necessario para fazer experiencias practicas e theoricas decisivas.

Felizmente a sua theoria deu bom resultado. Em poucos mezes o sr. Collins construiu um telephone sem fio para dar principio ás experiencias fallando da extremidade d'um grande edificio official de Philadelphia para o outro ponto opposto. Um anno depois, elle telephonou sem fios atravez o rio Delaware em Philadelphia a distancia de cerca de um kilometro. As palavras foram ouvidas tão claras e vibrantes como se fossem pronunciadas por alguém que estivesse a alguns metros de distancia.

Para demonstrar que o novo systema funciona tão bem por terra como por mar, o sr. Collins convidou, entre outros, dois engenheiros auctorisados no assumpto para assistir, no seu laboratorio e terras, a experiencias em Narberth, Pensylvania. E' da narrativa d'estes que extractamos estas informações.

O sr. Collins escolheu sobre o terreno o local onde havia de assentar o novo instrumento. A installação fez-se rapida e simplesmente.

Sobre um tripé ordinario de machina photographica aparafusou-se uma pequena taboa quadrada, d'um lado da qual se elevava na extremidade d'uma vareta de metal uma espe-

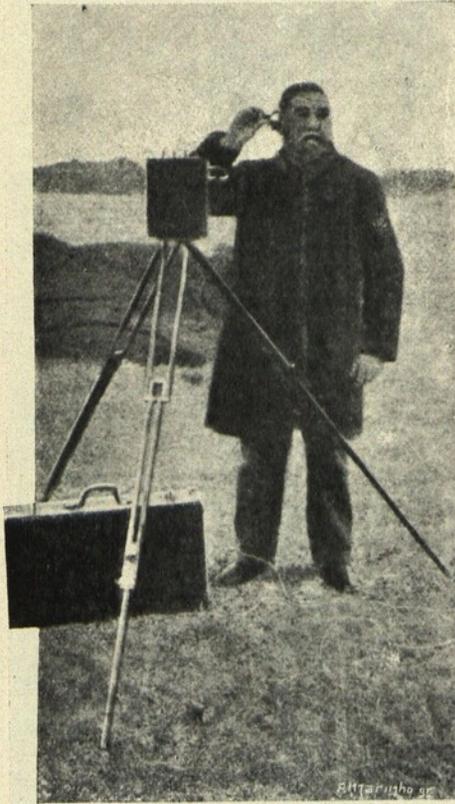


cie de campanula que é o transmissor tal como se usa nos telephones ordinarios. Sobre a taboa do tripé foram collocados dois pequenos apparelhos accumuladores, conjunctamente com bocados de chapa de cobre, constituindo uma especie de condensadores, que no apparelho do engenheiro russo tem similhanças com a garrafa de Leyde.

Na perpendicular do tripé escavou-se no chão um buraco pouco profundo no qual foi enterrado uma pequena placa de zinco. Feitas as ligações necessarias com fio metallico a installação do transmissor estava completa.

Na distancia de uma milha pouco mais ou menos, assentou-se um segundo tripé ao qual foi aparafusado uma pequena caixa contendo todo o mechanismo «receptor». Escavou-se um segundo buraco, e uma segunda placa de zinco foi enterrada no chão, ligada por um fio curto ao mechanismo que estava dentro da caixa receptora ; restava apenas para o funcionamento do telephone sem fios, ligar o

apparelho transmissor com a bateria electrica. Feito isto, os sons passaram atravez do transmissor e ouviu-se na estação receptora, a uma milha de distancia, tão distinctamente como atravez d'um telephone ordinario.



Emquanto os dois aparelhos se conservam ligados apenas ás correntes naturaes da terra que sulcam a superficie, tudo se conserva tambem em equilibrio. Mas desde que a electricidade artificialmente produzida na bateria e n'ella armazenada se descarrega sobre os aneis de intensidade, estes são percorridos por fortes correntes de alta tensão e esta enorme força corre para o chão atravez do fio que liga os aneis á placa de zinco enterrada, cujo duplicado está tambem enterrado por baixo do apparelho receptor. A oscillação electrica provocada é transmittida á placa do ponto de partida e levada quasi instantaneamente pelas correntes naturaes da terra na direcção da segunda placa. Esta intercepta a os-

cillação electrica, e atravez do curto fio que a une ao apparelho todo o movimento vibratorio é registrado n'um pequeno diaphragma de metal, occulto no interior da caixa receptora.

O pequeno diaphragma sensivel admite toda a infinitesimal variação nas oscillações, e então reproduz as palavras ou sons exactamente como no telephone vulgar.

O apparelho descripto não póde transmittir as mensagens em sentido contrario. Descrevemol-o assim, porque a invenção fica reduzida aos seus principios fundamentaes. Para se responder, ha necessidade d'um apparelho exactamente igual.

Na pratica o transmissor é construido com um receptor annexo, e o que recebe está por sua vez, provido de expedidor, de sorte que o telephone sem fio trabalha exactamente como os telhephones ordinarios.

Como já ficou dito, o sr. Collins póde tambem telephonar sem fios atravez da agua. As experiencias que elle recentemente fez atravez do Delaware River, reproduzem as que em pequena escala fez no seu laboratorio para demonstrar como trabalha a sua invenção quando a agua é usada como *medium* de transmissão. N'isto está a generalidade de applicação do novo invento.

Como todos sabem, o vidro era considerado como um mau conductor de electricidade, por esse motivo eram de vidro ou louça as campanulas usadas nos postes dos telegraphos e dos telephones. Mas as experiencias feitas pelo sr. Collins no seu laboratorio, parecem demonstrar o erro d'esta crença scientifica. Embora os pequenos fios que mergulham na agua quando se estabelece thelephone sobre este meio, sejam isolados d'ella por meio de garrafas de vidro onde se introduzem as extremidades, a transmissão das oscillações electricas dá-se da mesma fórma e as vibrações sonoras são integralmente recebidas.

O inventor collocou na parede do seu laboratorio, ao pé uns dos outros, tres pequeninos retratos de Edison, Marconi, e Tesla. Talvez, algum dia, em breve, outro qualquer inventor venha tambem a fazer o mesmo, augmentando a galleria com o retrato de Collins. Quer isto dizer que n'esta ordem de invenções ha sem duvida vasto campo ainda para novas produções e novas empresas.





No Altar do Tempo

CHEGOU o momento angustioso, cruel, inevitável.

Por muito tempo luctou contra a suspeita — suspeita que em breve se transformara em receio — da terrível verdade que se ia manifestando insidiosamente e que ella temia mais do que a propria morte, ameaçando roubar-lhe o que mais acariciava no espirito e mais adorava na vida — a adulação dos homens e a inveja das mulheres.

Porque ella era linda. Tinha sido; será melhor expressão: havia uma ou duas estações, toda a sociedade, o mundo, se extasiara perante aquella belleza, quasi sobrenatural pela harmonia da côr e da fórma.

Nas esplendidas horas da sua ascendencia indiscutível triumphara insolentemente dos homens e das mulheres. Nascimento, fortuna e intelligencia congregaram-se muitas vezes para a conquistar em supremo combate; mas nunca, um ou outro d'aquelles predados, pudera conseguir preferencia ou influir Rosa, condessinha d'Algubar, a mudar de estado. Para que? Por direito de herança, recebera nascimento e fortuna; por dadiua divina, intelligencia rara; e conjunctamente com estes dons, para coroar a irresistível trindade, sua quasi celestial formosura.

Os homens apaixonados por ella, as mulheres revoltadas contra ella — verdadeira lisonja para a sua vaidade. Seria difficil decidir o que ella mais apreciava; naturalmente a ultima, que aquella revolta dava-lhe uma nota mais maliciosamente aguda do que a admiração dos enamorados; era tributo arrancado ao maior inimigo da mulher — o sexo feminino.

Assim ella triumphou, riu do amor e acariciou a vida, enquanto a sua belleza gentil e fresca, e a sua graça attrahente irradiavam uma fascinação tão deslumbrante como irresistível.

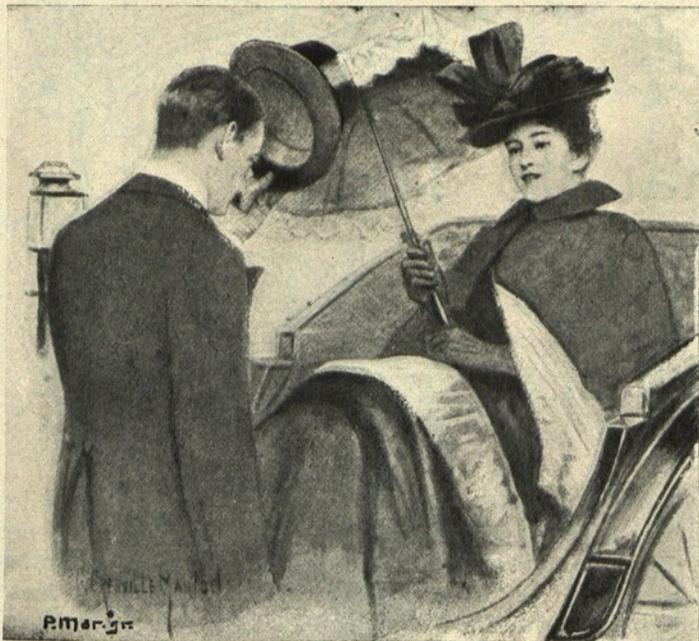
Mas os annos foram passando, como passam sempre, ainda que sobre veredas atape-

tadas de folhas de rosas; e durante elles apesar da appareção de outras bellezas nos bailes dos successivos invernos, nenhuma disputou a palma de superioridade á «Rosa de Sharon», como lhe chamavam em suggestivo *petit nom*.

Um dia, porém, subito sentiu em redor uma mudança levemente sombreada, vaga, intangível, e todavia pronunciada. Uma mudança semelhante á que se sente quando o vento gira no quadrante, arrefece com o findar do estio e cava com seus dedos crueis sepulturas que se encham no outono, embora o sol ainda brilhe no seu fulgor. Sentiu como que o pavor da morte.

E eram todavia ninharias as que lhe denunciavam a volubilidade do apreço social, arremedo de encrespadas ondasinhas na miniatura d'um lago. Para ella, a quem diziam respeito, eram alterosas como as do mar largo. Interpretava aquelles nadas microscopicos do convivio mundano como se tivessem sido projectados no céu em letras de fogo, n'uma ampliação colossal. Um pouco menos de attenção; já não tanta avides para obter um lugar ao seu lado; uma sombra de indifferença á manifestação d'um desejo seu; um desaparecimento, uma deserção dos seus admiradores do circulo attractivo, de homens cujo conceito sobre mulheres, vinhos e virtude era attendido como uma especie de revelação, dominando nos *clubs*, na grande roda; a deslocação de um satellite ou dois para a orbita de outro planeta; menos ambição em executar anciosamente os seus mais pequenos caprichos — bagatellas n'uma palavra, leves como a aragem, agudas como um raio de luz, mas para os versados nos signaes variaveis do barometro da vida do bom tom, confirmações tristes e fortes como a morte.

Assim chegou — o declinar da sua estrella propicia que tão longo e brilhante ascenso teve no céu da sociedade.



...offereceu-lhe um logar na sua «victoria»...

Com natural coragem e resolução, a condessinha d'Algubar encarou a amarga verdade, e examinou o inesperado facto com a maior serenidade possível; mas revoltou-se, como quando se sente uma dor phisica, ao notar as linhas amorticidas do seu rosto bello, os traços sombreados nas faces aveludadas e o cahir dos primeiros cabellos.

N'uma tarde, a passear de carruagem na Avenida, aconteceu encontrar-se com um dos seus mais dedicados admiradores; e como elle seguia para o novo bairro, no alto, ella offereceu-lhe um logar na sua *victoria*, um privilegio gratamente aceito.

Durante o caminho, Rosa contou-lhe que ia organizar um *pic-nic*, sobre o rio, na semana proxima, e convidou-o amavelmente, n'um enleio de galanteria gentil. O companheiro expressou-lhe porém o mais profundo pesar; mas... infelizmente... estas cousas succedem sempre assim... que pena!.. Pela primeira vez, Rosa d'Algubar, soffreu a indiferença de um homem em estimar a sua companhia.

Sorriu-se com o seu melhor sorriso de sociedade, um d'aquelles sorrisos que são uma suprema arte de mentira, e conduziu o seu antigo admirador á esquina da rua nova, lá no alto. Depois recostou-se para traz na sua *victoria*, a face pallida, os labios cerrados, o pensamento torturado de amarga dor e o coração ferido do mais pungente e excessivo desespero. Deu ordem ao cocheiro para casa, mas a passo, cruelmente, saboreando o sofrimento intimo; e n'aquelle triste regresso

do passeio, pareceu-lhe que ia acompanhando o enterro da sua propria gloria mundana.

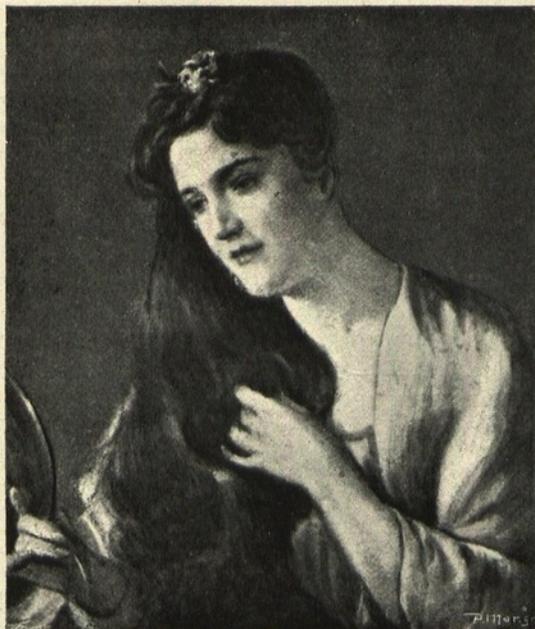
—Deus meu! ciciou entre os finos dentes, estarei envelhecendo?

Entrando apressada em casa, foi direita para o seu quarto; despediu a criada com o pretexto de que tinha uma forte dor de cabeça e desejava estar só. Fechou a porta, e depois com fervorosa anciedade examinou nitidamente o rosto ao espelho. Ou porque o proprio receio lhe perturbasse a apreciação ou porque a desordem mental que a enraivecia, se reflectisse no seu olhar desvairado e nas feições abatidas — duro é dizel-o — como um relampago, a duvida tornou-se certeza; o temor secreto, levado á realidade, tomou fórma; e então comprehendeu que passára o li-

mite que irrevogavelmente tira á mulher a sua primeira frescura e juventude!

Com um grito doloroso deitou o espelho ao chão e teve uma expansão tão forte de pesar que, a não ser n'uma mulher n'aquellas circumstancias, parecera absolutamente desproporcionado ao facto determinante.

Via-se só e desprezada, ou peor ainda,



...examinou o rosto ao espelho...

meramente consentida, onde outr'ora tinha sido cortejada, desejada e servida. Ella ia

vendo como n'uma visão de sonho, o semblante da sua individualidade morta, acompanhando as scenas onde sua antiga e radiante vida tinha reinado na supremacia do poder e na seducção da sua beleza.



...deixou-se cahir ao chão, convulsionada pelo choro soluçado...

Antesentira a profunda e penetrante punhalada na mal disfarçada intolerancia do homem por aquella que deixara de o atrahir: e marcou aquella indiferença passiva, aquella declarada fadiga de ir assistir a um simples *pic-nic*, como summula de todas as varias decadencias agora previstas.

A condessinha soffreu pela força da phantasia a amarga humilhação de vêr os homens evitar o seu convivio, receiosos de serem monopolizados com exclusão de mais novas e mais fascinadoras formosuras. Poderia ella supportar a indiferença onde sempre alcançara indiscutíveis homenagens? Poderia ella ter coragem de soffrer a lenta agonia, de aceitar, com os sobrolhos desfranzidos, os mil polidos desprezos que uma beleza que passou tem a esperar? Poderia ella encarar serena a negra tortura, a angustia roedora de ver outras claramente preferidas? Poderia acaso resignar-se áquella tão acerba realidade—terrível como a morte, cruel como o tempo—de maneira que o mais risonho aspecto da sua vida fosse já o passado e não o futuro?

— Santo Deus! Tudo acabou? Perdida a minha mocidade! E n'um excesso de desespero deixou-se cahir ao chão, convulsionada pelo choro soluçado.

A juventude, o prazer, a felicidade da vida continuariam a prepassar em volta, em farandola estonteadora, e só ella ficaria immovel, não desejada, quasi desprezada, para apanhar as flores emmurchecidas que cahiriam de mãos descuidosas durante a passagem.

Ella tinha vivido para si. Ninguem partilhara do seu calice de prazer; era certo que teria de lhe beber agora as amarguras, depositadas no fundo.

O canção deu-lhe serenidade, aquella serenidade que procede do desanimo, de quem espera o peor e está pronto a soffrer o mal, aquella firme serenidade do condemnado, que em mão recebe a sua sentença de morte. Depois de banhar o rosto, chamou a criada e

começou com o mais cuidadoso trabalho a delinear uma *toilette*.

— Quero parecer o melhor possível, esta noite — o melhor de que eu seja ainda capaz, porque em pouco estarei... Ia acrescentar «na prateleira,» mas um receio nervoso de que alguém pudesse descobrir o seu pensamento, que tomasse fórma e substancia no espirito dos outros, fez-lhe morrer nos labios a terminação da phrase.

Deitou abaixo o guardaroupa para escolha do vestido, mas com a maior surpresa da criada não quiz nenhuma das brilhantes obras-primas da arte de modista, que se ostentavam nos numerosos cabides. A penultima selecção recahiu n'um vestido branco ou preto. Optou finalmente pelo ultimo, e quando acabou a sua *toilette* parecia tão deslumbrante de real belleza, que a criada não pode deixar de lhe dizer:

— Na verdade, minha senhora, nunca me pareceu tão bem como esta noite.

— E' o que devia ser, respondeu-lhe com um suave sorriso.

Quando a condessa de Alugar entrou no magnifico salão de baile da duqueza n'aquella noite, todos os olhares convergiram sobre ella e um verdadeiro, audível murmúrio de admiração correu de grupo em grupo. A sua gentil figura sobressahia com grande vantagem no seu vestido preto, contrastando vivamente com a pura alvura do collo e dos braços. Rosa d'Alugar apresentava-se sempre com primor, mas n'aquella noite conduziu-se como rainha. O seu rosto um tanto pallido, — em contraste talvez com o tom negro do vestido cuja côr triste fora propositalmente escolhida para o realçar —; algumas rozas «Gloire de Dijon» e um alfinete de brilhantes no cabelo rematavam o enfeite. Os seus bellos olhos negros, brilhando como estrellas, rivalisavam com a preciosa joia.

Uma vez mais a condessinha foi aclamada rainha da festa; mais uma vez os homens a rodearam ciosos uns dos outros, dese-

josos de ouvir d'ella uma singela phrase, expressões de amarga amabilidade para o lado onde ella estava, e deitaram olhares invejosos para o objecto do seu rancor. Mais uma vez ellas cravaram o agudo punhal do desespero, tão fundo quanto puderam — e mais uma vez Rosa d'Algarbar supportou a admiração, o odio, o amor, e a inveja com a mais incomparavel insolencia e desdem. Antes de partir do baile, enquanto esperava que lhe annunciasssem a carruagem, sentou-se aparte, isolada, revendo-se ainda no effeito que produzira, certificando-se da victoria absoluta; e, quando a sua criada n'aquella noite se retirou do quarto despedindo-se, ella disse-lhe:

— Não me chames muito cedo, sinto que preciso de um longo somno.

E como ninguem depois encontrou na sociedade a condessinha Rosa d'Algarbar, parece que não mais acordou d'aquelle repouso pro-

ção, prontos a satisfazer obedientes os seus mais insignificantes caprichos.

Mais uma vez as mulheres arremessaram

longado, imposto pela decurso implacavel dos annos, resignado sacrificio no altar do tempo.



...sentou-se aparte, isolada, revendo-se ainda no effeito que produzira...





O CABAZ DE PECEGOS

Para aquelles que encadeiam a explicação dos factos historicos, precedendo-os nos fios tenuissimos do systema de causas futeis, encontram no artigo seguinte, em que se descreve a morte d'um papa celebre e a queda d'uma poderosa casa italiana, por se terem dado incidentes tragicos, em virtude da inopportuna interferencia d'um cabaz de excellentes pecegos, esquecido na meza ou armario da copa no Vaticano, terão no caso descripto uma confirmação do seu modo particular de ver; para aquelles, porém, que, não desprezando as indicações que a futilidade dos motivos fornece, ao contrario n'elles baseiam a investigação das causas mais poderosas que aproveitaram para o desfecho dos acontecimentos, a hypothese formulada para explicação do mysterio historico em seguida narrado, ser-lhe-ha tambem contraprova do seu criterio investigador; e em ambos os casos ver-se-ha como é inconsistente e instavel a grandeza humana e como são saõ fazeis as melhores combinações da astucia e da habilidade ao serviço do mal.

DURANTE dez annos, Roderigo Borgia, conhecido na historia pelo papa Alexandre vi, fôra o terror da Italia e da Europa. Seu filho Cesar, duque da Romagna, um perverso impulsivo de quem mesmo seu proprio pae se temia, tinha, para lhes herdar o throno, mandado matar uns apoz outros quasi todos os principes do territorio papal, e estava em vespera de se proclamar rei de Italia. Entretanto seu pae tomara a séde de S. Pedro no Vaticano, negociando com as potencias e com os cardeaes, sendo n'esta eleição poderosa e efficaçmente auxiliado pela influencia de D. Jorge da Costa, o conhecido cardeal d'Alpedrinha, illustre pelo seu saber e talentos e que tanta enterferencia teve na politica europea d'aquella época. Ao mesmo tempo foi accumulando, por meios inconfessaveis, enormes riquezas com o fim de auxiliar as ambições do filho. São conhecidos os amores de Alexandre com Rosa Vanozzo de quem houve quatro filhos e uma filha, que foi a tão celebre Lucrecia. Cesar era o segundo e, parece, o predicto dos quatro. *

A principal fonte d'onde lhe corriam quantias sommas era a das heranças. O papa estabelecera um regulamento prohibindo aos cardeaes disporem dos seus dominios por tes-

tamento. Em virtude d'esta ordem, mortos os cardeaes, toda a riqueza do Sacro Collegio reverteria naturalmente no papa como universal herdeiro. Alexandre vi tirou d'este estado de cousas largo proveito. Os cardeaes morreram a miude durante o seu pontificado.

Mas, com quanto morressem com frequencia assustadora, encontravam-se logo outros prontos a substituil-os, e a pagar generosamente os privilegios. Arcebispos opulentos, como o de Toledo que cobrava rendas d'um reino, enthesouravam por largos annos o dinheiro para poderem comprar a perigosa honra de usar alguns annos ao menos o barrete vermelho na côrte de Roma. Assim o papa aproveitava dolosamente de cada vacatura, e lucrava tanto com a morte como com a vida.

No anno de 1503, no dia da festa de S. Pedro, Alexandre vi tinha justamente nomeado uma fornada de nove cardeaes, de forma que os logares do Sacro Collegio estavam excepcionalmente preenchidos; por consequencia podia sem inconveniente dar-se a perda d'um ou dois dos seus membros. Roma inteira estava á espera, n'uma especie de curioso terror, de vêr a quem cahiria a sorte.

O mais rico membro do Sacro Collegio n'aquella conjunctura era sua eminencia, Adriano

* «A Providencia reservára á santa sé apostolica esta grande humilhação, permitindo que fosse eleito Roderigo Borgia, cujos adulterios, perfidia e crueza são bem conhecidos, não recuando perante o prejurio, o assassinio e o veneno para satisfazer suas paixões criminosas.» Historia Universal da Egreja, pelo dr. Alzog, obra approvada pelo arcebispo de Fribourg e pelo bispo de Beauvais.)

Castellense, vulgarmente chamado o cardeal de Corneto.

Possuia este uma *villa* fóra das portas de Roma, não muito longe do Vaticano. A *villa* estava situada n'uma elevação do terreno e era nomeada pelo delicioso panorama que d'ella se disfructava. Alexandre vi mostrara muitas vezes desejos de vêr aquella *villa*, mas nunca fixára dia certo para a visitar.

N'uma manhã, a 9 d'agosto, em que alguns cardeaes tinham vindo á recepção do Vaticano, sua santidade fez signal ao cardeal de Corneto para se lhe approximar.

— Cardeal, disse elle com o seu mais brando e mais doce sorriso — aquelle sorriso que enganara, para os perder tantos inimigos dos Borgias — ouço dizer que a sua *villa* tem um lindo aspecto n'esta época do anno?

O cardeal fez uma grande e profunda reverencia:

— Este elogio de sua santidade honra muito a minha pobre casa...

— Bem, proseguiu o papa; pensei em ir vel-a e julgar pelos meus proprios olhos de belleza tão fallada. Será conveniente a sua eminencia receber-nos allí, amanhã, de tarde?

Tal pergunta vinda d'um soberano era de



O cardeal fez uma profunda reverencia.

certo uma ordem. O cardeal de Corneto expressou sómente o seu agradecimento pelo

favor que lhe era concedido. Alexandre deitou a vista em roda do salão, e o seu torvo olhar avistou dois outros membros da opprimida côrte.

— Desejo que me acompanhem um ou dois amigos, observou. Espero que o cardeal Cospis e o cardeal de Casanova sejam meus convivas da ceia. Os dois cardeaes curvaram-se reverentes, ao mesmo tempo que agradeciam aceitando o convite.

— O Duque de Romagna ha de tambem ir, accrescentou o papa, olhando intencionalmente para o filho.

Ao mesmo tempo, os trez cardeaes trocavam entre si significativos olhares, manifestando sem querer um ligeiro mal-estar.

— Então está combinado, notou o papa; o meu mordomo partirá de manhã para fazer os preparativos necessarios.

— Se sua santidade permittisse deixar isso ao cuidado dos meus criados... — lembrou o cardeal de Corneto com uma certa anciedade na voz.

— De nenhum modo, replicou Alexandre vi com urbanidade mas decidido: daes a casa, eu os mantimentos.

O cardeal empallideceu. Os outros dois cardeaes que tinham sido tambem convidados, levantaram-se simultaneamente, como se tivessem sido movidos por algum secreto impulso. Todavia, similhante combinação proposta por sua santidade nada tinha de extraordinario e condizia com os habitos d'aquella época.

— O meu despenseiro recebeu justamente agora um casco de muito bom vinho das «Ilhas Afortunadas», continuou Alexandre. Dar-lhe-hei ordem de encher pelle algumas garrafas para nós.

Os tres cardeaes cravaram os olhos no chão silenciosamente, resignadamente como homens que tivessem ouvido a sentença de morte. Era habito dos Borgias usar d'este systema para com as suas victimas. Divertia os, e inspirava um verdadeiro terror aos assistentes. O duque de Romagna sorria sardonicamente, enquanto espreitava o estremecimento dos cardeaes, os quaes sahiram do salão, a passos vagarosos, pallidos, com o semblante desfigurado.

Acabada a audiencia o papa chamou o despenseiro, em quem depositava inteira confiança. O lugar era sem duvida um dos de maior importancia na administração da casa dos Borgias.

Quando o despenseiro entrou o duque de Romagna havia-se retirado; esta minudencia da narrativa é significativa para o seguimento d'ella.

— Traga-me duas garrafas cheias de vinho. fez e adoptou o expediente de voltar elle próprio ao Vaticano pela hora do sol, sob um calor das «Canarias» — ordenou Alexandre.

O despenseiro, que comprehendia seu amo muito bem, foi á adega, e immediatamente voltou com o vinho em dois frascos de vidro; collocou-os sobre uma meza e sahiu. Entretanto Cesar Borgia tinha entrado no aposento. No fim d'um curto espaço de tempo foi novamente chamado.

— Este vinho é muito escolhido, disse gravemente o papa, e tens de ter um cuidado muito particular com elle. Amanhã has-de levar estas duas garrafas para a *Villa Corneto*, onde hei de ir cear. Telas-has áparte do outro vinho, e offerecel-o-has sómente ás pessoas que eu designar.

O creado inclinou a cabeça respeitosa-mente, e retirou-se sem fazer a menor reflexão; porém mal chegou aos seus proprios aposentos levantou contra a luz os dois frascos, para os examinar e descobriu no fundo de ambos um leve sedimento, que não havia quando os encheram do casco. Não era esta a primeira vez que descobria qual aspecto em vinhos que tinham sido deixados nos aposentos de seu amo ou nos do duque de Romagna.

No dia seguinte os criados do papa chegaram muito cedo á *villa* do cardeal para fazer os preparativos da ceia. O dono da casa estava ausente. Tinha passado a noite no seu palacio em Roma, o qual estava situado perto dos de seus irmãos do Sacro Collegio.

Durante o dia chegou inesperadamente ao Vaticano um presente para o santo padre, um cesto de formosos pecegos. Devido, talvez á ausencia de outro criado, o despenseiro foi encarregado de cuidar em que aquelles pecegos fossem levados para a *Villa Corneto*, para fazer parte da refeição.

Mais tarde, depois do meio dia, o despenseiro partiu do Vaticano levando por suas proprias mãos os dois frascos de vinho sobre os quaes seu amo lhe tinha dado tão particulares instrucções. Entretanto o cardeal de Corneto chegava da cidade á *villa* onde numerosos criados estavam já incumbidos de preparar a cêa.

O despenseiro collocou cuidadosamente os preciosos frascos n'um aparador isolado. Subitamente recordou-se dos pecegos que elle estava encarregado de trazer, mas dos quaes se esquecêra. Este esquecimento nada de extraordinario offerece em si proprio; porém o resultado d'elle foi algum tanto surpreendente. Poderia mandar um seu subordinado buscar a deliciosa e appetecida fructa. Não o

fez e adoptou o expediente de voltar elle próprio ao Vaticano pela hora do sol, sob um calor



...has de levar estas duas garrafas...

ardente, buscar o cabaz dos pecegos, e fazer um trajecto e uma ausencia que o obrigava a entregar as duas garrafas—aquellas importantissimas garrafas—ao cuidado dos subalternos.

Chamando o seu immediato, recommendou-lhe muita attenção para os frascos, que estavam sobre o aparador, disse-lhe que eram para ficar separados do outro vinho, sendo especialmente reservados para uso do papa. Apparentemente, e n'um dado sentido, estas ordens eram perfeitamente exactas, mas a impressão que deixaram no espirito do encarregado foi de certo de que o vinho reservado era somente para o papa beber. O despenseiro partiu.

No caminho para o Vaticano, como se calcula immediatamente, crusou-se com o proprio Alexandre vi. Estando uma tarde muito limpa, sua santidade decidiu ir de passeio até á *villa*. A distancia não era grande e o Borgia não era ainda um velho tropego; ao contrario tinha sessenta e dois annos, e parecia ter todos os motivos para viver ainda longos annos.

A subida para o alto da montanha era um tanto arrebatada e o calor era ainda intenso apesar do adiantado do dia. O papa subiu vagarosamente ao cume, apoiando-se no braço do cardeal Caraffa, em quanto o filho caminhava a seu lado. Caraffa era empregado na admi-

nistração papal, e muito dedicado aos interesses dos Borgias.

Ao chegar ás terras da *villa*, Alexandre parou um momento para tomar folego. Metteu por acaso a mão no peito e tirou-a apressadamente com um grito de perturbação.

— O meu talisman! — e explicou aos companheiros que d'elle se acercaram ansiosamente — O medalhão de ouro que eu costume sempre usar á roda do pescoço, e que não trago comigo!

Ora o medalhão continha a hostia consagrada e um astrologo havia-lhe predicto que, em quanto o usasse á roda do pescoço, nunca morreria por violencia ou por veneno. Os talismans eram usados habitualmente pelos despotas da Italia na idade media, e o seu uso

sava-se a prophesia dos astrologos e a reputação d'estes objectos de superstição mantinha-se intacta.

Que Alexandre vi se encontrasse sem o medalhão n'aquelle momento seria provavelmente mais uma simples coincidência, como a do presente dos pecegos, e a ausencia do despenseiro?

O criado de quarto de sua santidade, seria talvez culpado d'um lapso de memoria igual ao do seu companheiro.

Alexandre ansiosamente supplicou ao cardeal Caraffa que voltasse ao Vaticano e lhe trouxesse o famoso talisman.

— Deveis encontral-o sobre a meza ao lado da minha cama. Trazei-o nas vossas proprias mãos; peço a vossa eminencia que volte o mais depressa possivel.

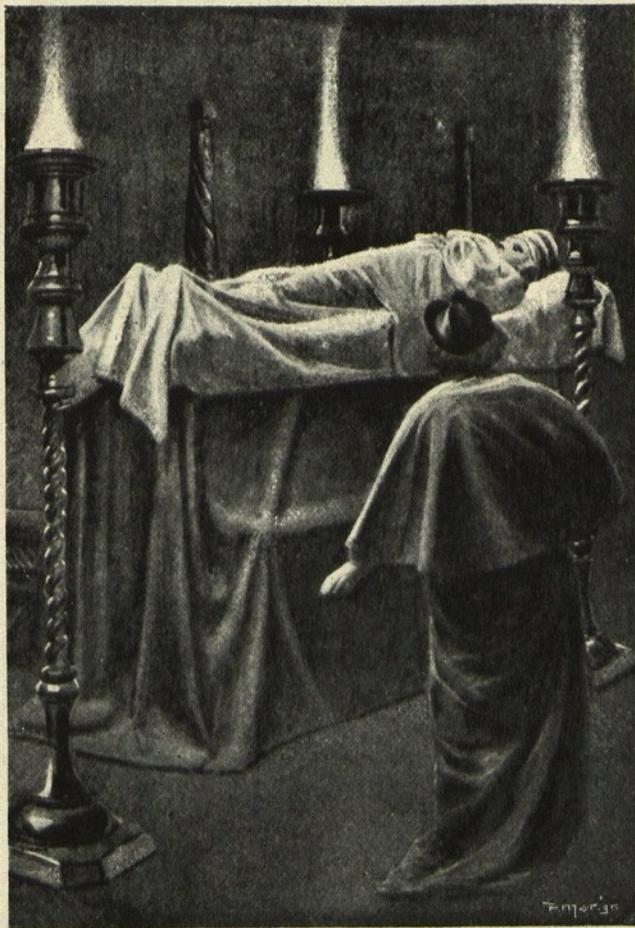
Caraffa immediatamente accedeu e dirigiu-se para o Vaticano. Alexandre e seu filho entraram nos jardins da *villa*.

Desapparecia o sol no horizonte quando o cardeal Caraffa descia a collina e atravessava as ruas da cidade leonina. Quando chegou ao Vaticano achou-o quasi deserto, visto que a maior parte dos criados tinham sido mandados para o festim da *Villa Corneto*. Mas o cardeal conhecia bem os aposentos particulares do papa, e podia seguir o caminho sem guia. Accendeu uma vela e encaminhou-se para o quarto de dormir de Alexandre vi.

Quando atravessava um corredor uma corrente de ar apagou a vela, que o cardeal trazia na mão. Comtudo continuou, apalpando o caminho e abriu a porta do quarto de dormir. Tinha apenas transposto o limiar, quando sentiu o coração parar-lhe de surpresa. Levantara-se-lhe deante dos olhos uma visão terrivel.

No centro do quarto, entre elle e a meza para onde se dirigia, levantara-se um triste catafalco illuminado em cada canto pela luz morticã de archotes. O ataúde estava coberto com um panno negro, e sobre elle estava estendido um cadaver amortalhado. O cardeal horrorizado reconheceu o vulto.

Era o do homem que elle acabara de deixar, a quem ha pouco prestara o auxilio do seu braço, era o de Alexandre vi, a cabeça espiritual da christandade, que jazia ali, morto! Tempo houve, e não remoto, em que esta visão do cardeal Caraffa teria sido levada, como o foi na critica historica, á conta de allucinação extravagante, sem significação positiva para o caso que succedia; porém hoje, perante o estado da sciencia moderna, aquella visão do dedicado amigo do Borgia, n'aquelle momento fornece informação attendivel e suggere gra-



...levantara-se um triste catafalco...

nem sempre provava superstição da parte do portador; usava-se mais para aproveitar a superstição dos outros do que para servir a propria. Quando se sabia que um Sforza ou um Medicis possuia um feitiço contra os seus assassinos, poucos seriam os que se atrevessem a tentar contra a vida d'elles. O primeiro cuidado dos que conspiravam era priva-los arteiramente do talisman temido, antes de dar o golpe que não queriam falhar. Assim reali-

ves suspeitas sobre a conjura que victimou Alexandre VI. Teria o cardeal Caraffa a presciencia do crime? O seu espirito sobresaltado, no pavor dos vastos aposentos desertos, cuja decoração constitue os melhores primores do celebre Pinturicchio e de sua escola, evocaria o espectro? N'esta hypothese, difficilmente o cardeal se aventuraria a contar o caso, como fez; portanto melhor será attribuir a apparição do fantasma vivo aos olhos de Caraffa á categoria de phenomenos que hoje se denominam allucinações veridicas (embora pareça extranho ou paradoxal a approximação d'estes dois vocabulos) as antigas coincidencias que as proprias leis do acaso, pelo calculo de probabilidades, recusam admittir, e que exigem explicação diversa. O cardeal Caraffa, acreditando que a visão tremenda era obra do espirito maligno, fez o signal da cruz quando ella lhe desapareceu da vista. Em seguida, o cardeal atravessou agitadamente o quarto, tomou do talisman que achou no lugar indicado por sua santidade, e fugiu aterrorisado, atravez dos corredores então desertos e escuros do palacio, apressando-se para assistir ao banquete, com bem tristes presagios no coração.

Nem na ida, nem na volta, nem mesmo dentro do palacio, sua eminencia encontrou o despenseiro, que o precedera na sahida da *Villa Corneto*. Este homem em torno do qual girava o governo de todas as coisas domesticas, tinha sahido em busca da fructa antes da chegada do papa Alexandre, e consequentemente antes da sahida de Caraffa. Não se póde facilmente imaginar que um criado levasse mais tempo do que um principe da igreja a percorrer a mesma distancia, nem é racional suppôr-se que o despenseiro gastasse mais tempo a achar os pecegos, sabendo onde os deixara, do que o cardeal Caraffa a encontrar pelas indicações do papa o medalhão. Comtudo, apezar do despenseiro ter deixado a *villa* antes de Caraffa, ainda d'ella estava ausente quando o cardeal voltou. Váe vêr-se immediatamente a importancia capital d'este factio.

Ao entrar nos jardins da *villa* os dois BORGHIAS, pae e filho, sentindo-se afogueados e sequeiosos pelo passeio, chamaram um criado para que lhes trouxesse vinho. Não estando presente o despenseiro, por uma *singular fatalidade*, como explica um escriptor francez, o criado levou a ordem ao substituto d'aquelle, o qual se lembrou das duas garrafas apartadas e para as quaes tinha sido particularmente chamada a sua attenção, como estando postas assim para uso exclusivo do papa. Encheu dois copos do vinho dos frascos reservados, e collocando-os n'uma bandeja de prata, entregou-os ao criado para que os levasse a seu amo. Corrige-se aqui um erro pequeno da narrativa dos au-

tores antigos que descrevem o fatal frasco de vinho collocado na propria salva e levado ao papa. Similhante asserção é inacreditavel. Seria attribuir imprevidencia demasiada e incompativel com a habitual precaução de dois dos mais astuciosos homens que tem existido, suppôr que elles não reconhecessem, por qualquer particularidade de feitio ou de marca, a garrafa cujo conteudo tinham deliberadamente preparado horas antes. A unica cousa que não previram, e que lhes annullou a traça dos seus projectos, foi a ausencia do despenseiro. Esta ausencia é com effeito a chave de todo este enigma historico.

O criado apresentou a bandeja com os dois copos a Alexandre e seu filho; momento culminante do drama, situação profundamente theatral. O cruel, deshumano e ambicioso papa, cujo simples nome fazia blasphemar e tremer, e o altivo, perverso e feroz Cesar, que arrancava vidas tão facilmente como qualquer cortaria flôres: — aquelles dois homens em quem se fixavam com medo e horror os olhos da christandade, estavam n'aquella occasião, n'um crepusculo esbrazado de agosto, debaixo da copa frondosa das arvores do jardim, olhando tristemente, na preocupação constante dos seus planos audaciosos, para as sombrias torres da Cidade Eterna, que elles governavam. Os tres cardeaes, a quem elles tinham sentenciado a morrer n'aquella mesma noite, já os cercavam anciosos, as faces empallidecidas, com dolorosa oppressão no coração. Pouco depois, chegado o vinho para refresco, Alexandre VI e Cesar Borgia estendiam a mão, seguravam no copo que continha o veneno preparado para os outros, e bebiam-o até a ultima gota.

Nenhum d'elles mostrou a menor apprehensão ao pousar o copo esvasiado. Diz-se ter sido o veneno usado por esta celebre familia um pó branco similhando assucar na apparencia e no gosto. Julga-se ter por base o aconito, que Ovidio já apontava como planta muito usada por Medea nos seus veneficios. Qualquer que fosse a sua natureza, não podia ser prontamente descoberto. Nem tão pouco fazia effeito immediato.

O cardeal Corneto ia na frente do grupo para fazer as honras da sua *villa*, e conduzia os seus hospedes de quarto para quarto, apontando-lhes as decorações e os objectos dignos de attenção. Durante esta visita aos aposentos observára-se que o papa ia empallidecendo extraordinariamente.

Annunciou-se afinal a cêa; e os convivas preparavam-se para se sentar á meza, quando o cardeal Caraffa, appareceu de volta do Vaticano.

Quanto ao despenseiro, não tinha de certo

regressado. Se o tivesse, outra deveria ser a situação. O seu primeiro cuidado, como ho-

duque foram levantados do chão e transportados para o Vaticano. Durante uma semana

Alexandre vi sofreu as maiores agonias, e ao fim d'esse tempo Roma teve noticia de que a egreja de Christo estava sem cabeça visivel na terra.

Assim morreu o homem cuja vida criminosa, dissoluta, e tristemente celebre, os proprios historiadores da Egreja severamente estigmatizam.

O nome de Borgia ficou nefando; comtudo Alexandre vi alguma coisa de bom ordenou sob o seu papado. Habil, intelligente, prote-



Cesar Borgia correu para junto de seu pae...

mem de inteira confiança, teria sido assegurar-se de que as duas garrafas pelas quaes elle deveria ter sobejos motivos de estar inquieto, continuavam intactas. N'um momento teria reconhecido que d'uma d'ellas já algum vinho tinha sido tirado durante a sua ausencia e não se pode suppôr que não tivesse perguntado anciosamente quem tinha tomado o vinho, cujo destino verdadeiro adivinhara sem duvida, se o não conhecia. Portanto ter-se-hia informado logo do succedido e deveria — ainda que o vinho não tivesse sido envenenado e dadas as expressas ordens recebidas — ter prevenido seu amo; e os dois Borgias em vez de visitar demoradamente os aposentos da *villa*, apressar-se-hiam sem duvida em tomar os necessarios antidotos. E nada d'isto succedeu.

O papa ficou na *villa Corneto*, sem a menor suspeita de que o veneno lhe corria nas veias. Vendo entrar Caraffa com o seu precioso talisman, sua santidade anciosamente estendeu a mão para o receber; porem, antes que seus dedos podessem segurar o medalhão, deu um grito de dor e cahiu no chão em convulsões.

Cesar Borgia ouviu o grito de seu pae e correu para junto d'elle, e em seguida sem que tivesse tempo de dar quaesquer ordens cahiu tambem prostrado.

Logo que os amedrontados cardeaes recuperaram a presença de espirito, o papa e o

tegu as artes e a litteratura. Esteve em Lisboa, quando cardeal, como legado junto dos reis de Portugal e de Aragão, enviado pelo então papa Sixto iv, nas boas graças do qual se insinuara, para regular as desintelligencias que existiam entre aquelles dois soberanos relativamente ás suas pretensões sobre Castella. Não foi feliz na missão, incorrendo no desagrado de D. João ii; como tambem mais tarde, quando papa, promulgou a celebre bulla *Inter cætera*, dada sob o anel do pescador no primeiro anno do seu pontificado, a 4 de maio de 1493, na qual dividiu o mundo em dois hemispheros por uma linha imaginaria, tirada do polo arctico ao polo antarctico e passada a cem leguas para o occidente das ilhas dos Açores e de Cabo Verde.

De todas as ilhas e terras firmes, já achadas e que se houvessem de achar, descobertas ou a descobrir, para as bandas do occidente e meio dia, fazia mercê e doação perpetua á Hespanha. As terras do Oriente pertenciam a Portugal.

E' bem conhecida a discussão que d'esta bulla se derivou e que concluiu pelo tratado de Tordesillas, em 7 de junho de 1494, na qual se marcou 370 leguas a occidente de Cabo Verde a passagem da linha de visoria do mundo, convenção que só foi approvada por bulla de 24 de janeiro de 1506, dada pelo papa Julio ii, em tempo de D. Manuel, depois do descobrimento do Brazil.

Alexandre vi limpou os estados papaes dos bandidos — excepto do maior de todos que era o duque seu filho, em quem Machiavelli, o celebre sabio florentino, seu professor, depositava bem erradamente as melhores esperanças. Alexandre vi, luctando contra a nobreza poderosa, captivou as benemerencias do povo de Roma, como Ricardo iii as do de Londres. Comtudo o senso moral sobreleva sempre e tanto, na propria multidão, ao senso interesseiro que á morte do papa correspondeu um quasi rugido de execração que echoou em toda a christandade. O seu proprio cadaver foi abandonado nos degraus do atrio de S. Pedro.

Cesar Borgia sobreviveu. A sua constituição atheletica oppoz resistencia efficaz aos estragos do veneno, contra o qual tomou um antidoto, logo que chegou ao Vaticano.

O seu poder, porém, a sua terrivel ambição encontraram finalmente limite e fim. Um novo papa, encarnizado inimigo da casa dos Borgias, tomou posse de todos os territorios na conquista dos quaes o duque dispendera tanto trabalho e fizera derramar tanto sangue. Preso e exilado pereceu finalmente n'uma obscura escaramuça nos Pyreneus.

O episodio do cabaz de pecegos e da taça de vinho envenenado, como explicação da morte de Alexandre vi e da queda dos Borgias, tem sido posto em duvida pela critica historica que não confia inteiramente na justiça dos acasos providenciaes; todavia elle, na sua propria inverosimilhança e na contraditoria exposição das circumstancias miudas que o revestem, desnuda e revela a traça verdadeira dos successos e permite formular hypothese acceptavel para illuminar o mysterio que envolve aquelle tragico fim do papa e da poderosa casa que deixaram na historia nome tão desgraçadamente celebre. Examine-se com cuidado a narrativa.

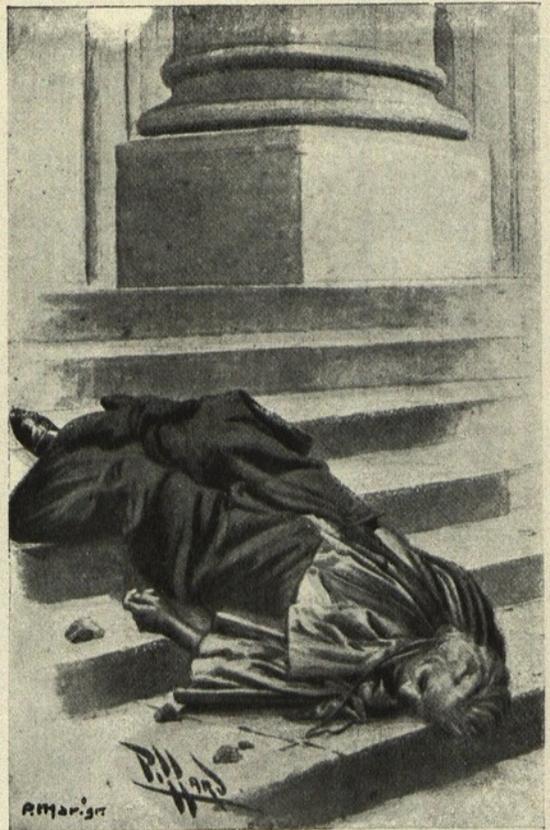
O despenseiro, um criado de intima confiança, encarregado de guardar o vinho envenenado, e com certeza informado, ou posto de sobreaviso, do fim para que era destinado, deixa-o sobre um aparador, sem resguardo e entregue ao cuidado de um subalterno, ignorante do caso, e vae-se embora da *villa*. E para quê? Para buscar uns fructos que appaeram no Vaticano muito opportunamente, de que elle mais opportunamente ainda se esqueceu, e pelos quaes poderia ir qualquer dos outros criados. Tendo partido em busca do famoso cabaz de pecegos não mais volta. Durante a sua ausencia o papa chega á *villa*, pede de beber para refresco da violencia do passeio, bebe do determinado vinho, fica inconsciente de que o tinha tomado, e espera impaciente que o cardeal Caraffa fosse ao Vaticano, e voltasse trazendo o esquecido talisman.

Quanto mais se considera no caso, tanto mais claramente elle proprio revela uma premeditada conspiração. Aquelle medalhão que era considerado uma protecção para Alexandre vi contra os envenenamentos não foi esquecido por acaso. Houve alguém que adrede desviou d'elle o pensamento do seu possuidor, ou talvez mão habilidosa o retirou do seu peçoço sem ser notado. E' sabido que nas superstições da época o valor dos talismans residia no temor que inspiravam e por isso era condição previa imprescindivel eliminá-los para o bom exito dos attentados.

A mesma influencia se exerceu sobre o procedimento do despenseiro, como igualmente teria influido no criado do papa que o serviu.

Assim tudo se explica na narrativa coeva do succedido; e até a circumstancia do vinho bebido pelo papa ter sido envenenado por elle proprio sendo inverosimil, ou improvavel, assume um significado immaterial, abstracto ou symbolico. Demonstrava-se que a sua morte era originada pelo seu proceder.

O envenenamento dos Borgias foi sem duvida considerado um remedio desesperado mas necessario pelos homens que viam em perigo as suas proprias vidas. Era tempo já para que o Sacro Collegio se defendesse. Elle



O seu cadaver foi abandonado...

tinha visto os seus membros cahirem uns apoz outros. Até onde chegaria a dezimação? O

mais tímido resistiria, vendo a impossibilidade de escapar á sorte fatal. Os Borgias commetteram o erro de assustar demasiadamente as suas victimas.

Não é difficil assim preencher as lacunas da historia. Vê-se para concentrar n'uma defesa commum a secreta reunião dos cardeaes ameaçados, presente-se a resolução de se antecipa rem ao seu executor. Concebe-se a peita possivel do despenseiro, confidente do papa, para que apenas abandonasse a *villa Corneto*, durante algum tempo, sem intervenção activa no plano, sem responsabilidade directa no que viesse a succeder, ignorante do que se preparava, podendo garantir a sua innocencia na hypothese d'um mallogro; era possivel assim a sua aquiescencia. Forneceram-lhe um pretexto — o cabaz de pecegos.

Deve attender-se que, mesmo para a época, matar um papa, ainda que fosse o peor dos

papas, era um crime nefando de inaudita audacia. O direito de legitima defeza propria não podia ser allegado em semelhante evento.

Era impossivel prever como este desenlace seria recebido pelo povo romano, pelos estados italianos, pela Europa inteira, na qual Alexandre vi tinha amigos poderosos. Similhante feito devia ser disfarçado de forma a poder ser considerado como interferencia divina, e por isso se apresentou a morte do assassino astucioso victima do seu proprio intuito. Por esta forma se explica a urdidura da tragedia cuidadosamente preparada e representada nos jardins da *villa* do cardeal Corneto n'aquella tarde de agosto do anno de 1503. Todavia o mysterio, implacavel, sinistro, subsiste sempre; e as narrativas do tempo continuarão a ser postas em duvida, trabalhadas pela critica na attenta investigação dos documentos e dos testemunhos da historia.



EM OSTENDE — QUADRO DE ACHENBACH

MODAS

SUCCEDEM SE os mezes e a moda sempre inconstante mas d'uma actividade prodigiosa que, na apparencia futil, de pequeninas nadas femininos, impulsiona vigorosamente todo o movimento fabril, uma forte corrente de produção de objectos d'arte, da mais fina combinação, e do mais afamado bom gosto no ramo importantissimo das industrias textis, a moda prepara já os novos vestuarios da proxima estação invernosa.

Annunciam os competentes no assumpto que os veludos, e os seus succedaneos, como a belbutina, o veludinho, a peluche, serão os artigos de novidade; sobretudo os veludos finos, de seda, em côres vermelhas, desde o escuro carmezim até ao brilhante escarlata, serão as novidades de tecelagem e já se vêem amostras do que será a produção, as quaes demonstram uma perfeição inexcêdível.

Ha-os em imitação dos velhos e luxuosos veludos, d'uma macieza de tons, d'uma flexibilidade acariciadora e d'um acabamento de colorido em magenta, e de pennugem tão setinosa que constituem verdadeiros primores da industria moderna.

A tonalidade vermelha dos tecidos será em moldurada com guarnições de pelles, e vê-se antecipadamente que bellos effeitos se deverão produzir pela combinação acertada d'estes dois elementos

do vestuario feminino na estação proxima, ao mesmo tempo que pela extrema variedade de qualidades dos dois artigos se poderá proporcionar aos orçamentos mais modestos como aos mais prodigos ou favorecidos da fortuna.

Entretanto, nos mezes que decorrem até ao regresso definitivo ás cidades, á abertura dos salões de baile ou de theatro, a suprema elegancia mundana utiliza os *cheviotes* e os pannos lisos para confeccionar as *toilettes* de passeio no campo, de caça ou de bordo nas diversões da beira-mar; como emprega os *setins* para os vestidos com que tem de se apresentar nas recepções á noute, nas suas casas de campo ou nas suas vivendas de praia, nos jantares e nas *soirées* depois das caçadas ou depois das pescas.



As duas illustrações que acompanham este artigo são modelos das duas especies: o primeiro é um elegante vestido em panno muito fino e flexivel, fazendas da estação actual, liso, d'uma côr só, em armadura de casimira ou de sarja muito unida, todo em pregas, tanto a bluse como a saia, ajustado na cintura por um largo cinto em flanella d'uma côr complementar da escolhida para o vestido, sem grande contraste, rematado em um cabeção bordado caprichosamente; as mangas em pregas até o cotovello, alargando em seguida para fecharem no pulso; chapéu de palha escura ornamentado de d'uma grinalda de flores campestres; — o segundo, vestido de recepção ou de jantar, em setim, córte geral chamado *directorio*, sendo o corpo em pregas, a

manga curta, o decote aberto em quadro, o complemento da guarnição n'um elegante laço cahido em toda a altura e apenas seguro por pequenas rosetas em fita de setim. No centro d'estas e das que rematam as mangas, usam-se joias ou perolas solitarias, cujo brilho faz

realçar a severidade e a simplicidade da *toilette*. O vestido tem uma meia cauda exigida pela fôrma *directorio* do côrte.

As caudas, ou os vestidos compridos continúam a merecer tanta censura justa da parte dos homens de sciencia, demonstrando os perigos graves de contagio e de transmissão de elementos morbidos que podem occasionar, continúam a soffrer tão geral reprovação que, em tempos de predomínio indiscutivel da sciencia, a moda deixa-se convencer, e hoje para sahir de casa, mesmo em carruagem, quando a ida não seja directa para cerimonias mundanas que assim o exigem, os vestidos compridos estão completamente banidos; e para a proxima estação, em que dominam as chuvas, desde já se delectam nos *ateliers* da moda modelos desenhados, em que as saias se encurtam talvez com um exaggero opposto, natural nos movimentos da moda que é de sua natureza excessiva. Todavia estes projectos de modelos fundam-se na generalisação que tem havido nos vestuarios bicyclistas, nos destinados a excursões alpinas, e nos desevolvemente usados n'este momento nas grandes praias de Ostende, de Brighton, de Trouville. Como complemento natural de *toilettes* de rua curtas nas saias, é claro que um movimento excepcional se denota na confecção do calçado que aprimora o acabamento e selecciona qualidades de couro, visto que o feitio geral continúa a seguir a fôrma mais ou menos racional que a propaganda da sciencia tem conseguido

fazer prevalecer, concorrendo para o desenvolvimento esculptural das fôrmas esbeltas e sadias. Onde se define o requinte dos primores do calçado é na diversidade artistica em forma, acabamento, e excellencia de qualida-

de de tecidos e de pellicas que apresentam os sapatos de interior, nas salas e nos *boudoirs* perfumados.

Este ramo dos accesorios de uso habitual, o dos perfumes, tem igualmente tomado um desenvolvimento extraordinario, e como em todos os ramos industriaes, a preocupação do barato arrasta necessariamente o fabrico de artigos inferiores que uma verdadeira elegante tem de evitar. Na preparação das essencias, embora em extremo aperfeçoadas, entram productos chimicos que se decompõem em presença do ar e não só se esvae o perfume, como resultam aromas novos desagradaveis.

Ainda ha pouco na preparação d'esta simples revista, tivemos o desgosto de reconhecer a

verdade d'esta acção chimica. A lição da experiencia leva-nos a recommendar a mais esculpulosos escolha nos perfumes que uma boa marca garanta a excellencia e a proveniencia.

De resto, a escolha d'um perfume, como caracterisca d'uma elegante, é assumpto de psychologia subtil, d'onde se tiram horoscopos de sentimentos e de caracteres, que merece ser mais especialmente tratado em outro artigo.



METEOROLOGIA

OBSERVATORIO DO INFANTE D. LUIZ

Mez de Agosto	Barometro		TEMPERATURA						Chuva		Ozone	
	Nivel do mar		às 9 h. da manhã		maxima		minima		Millimetros		Graus	
	1900	1901	1900	1901	1900	1901	1900	1901	1900	1901	1900	1901
1	763,2	764,3	23,0	25,4	28,5	31,9	19,0	22,4	0,0	0,0	7,3	0,5
2	763,5	761,5	21,6	27,4	27,2	34,2	18,5	22,4	0,0	0,0	7,2	1,2
3	762,7	761,6	21,0	26,7	25,1	31,2	17,8	23,9	-	0,0	5,3	1,0
4	764,0	761,3	20,9	29,3	25,0	33,5	17,4	23,2	-	0,0	6,7	0,0
5	764,6	761,4	20,7	26,3	24,9	34,8	16,2	21,6	0,0	0,0	6,5	2,6
6	764,3	760,8	22,0	29,7	20,4	35,8	18,5	22,8	0,0	0,0	4,3	1,3
7	763,2	761,9	21,9	26,0	25,2	30,3	17,0	21,4	0,0	0,0	6,5	4,3
8	764,1	762,6	19,9	19,9	22,3	22,8	16,3	16,7	0,0	0,0	4,7	6,2
9	763,8	763,2	22,0	19,1	28,2	24,2	16,9	17,5	0,0	0,0	5,5	7,8
10	763,4	763,4	24,0	19,9	30,9	23,8	18,6	17,2	0,0	0,0	5,5	6,7
11	762,2	764,9	24,0	19,1	29,1	21,9	19,5	15,9	0,0	0,0	4,5	6,5
12	764,4	764,7	22,8	19,0	26,4	23,3	19,2	15,4	0,0	0,0	4,0	4,3
13	765,9	763,9	20,5	20,8	27,2	26,5	18,5	15,4	0,0	0,0	7,0	4,2
14	764,7	764,0	21,6	23,2	27,1	27,8	18,1	17,7	0,0	0,0	7,0	4,5
15	762,4	765,7	21,2	21,1	26,0	26,6	17,5	18,5	0,0	0,0	8,3	5,0
16	761,3	762,4	20,0	25,5	21,7	34,5	18,1	18,3	0,0	0,0	8,5	3,8
17	762,5	761,8	21,5	25,5	26,5	30,4	18,4	19,9	0,0	0,0	7,0	3,2
18	762,1	764,0	22,7	20,2	29,1	26,0	18,1	17,5	0,0	0,0	5,5	5,8
19	762,8	763,9	22,1	20,2	28,0	23,7	18,1	17,8	0,0	0,0	4,7	7,0
20	761,7	761,3	20,8	18,7	24,6	24,9	17,3	18,1	0,0	0,0	8,0	5,7
21	761,2	761,6	20,6	20,1	23,9	22,6	17,1	18,0	0,0	0,0	6,3	6,0
22	761,6	763,7	19,7	19,6	24,6	22,8	18,1	17,6	0,0	0,0	6,5	6,8
23	762,7	763,8	19,4	19,9	21,9	22,5	16,4	17,5	0,0	0,0	5,7	5,7
24	766,2	765,6	20,2	20,3	22,0	22,4	16,6	18,4	0,0	0,0	5,3	8,3
25	765,8	764,3	18,6	21,0	20,2	24,9	15,6	18,0	24,0	0,0	8,2	6,7
26	759,1	766,5	18,7	20,9	21,0	25,8	15,3	17,4	39,6	0,0	7,3	5,5
27	765,0	766,0	18,9	20,5	23,9	25,1	16,2	17,5	0,9	0,0	6,2	5,8
28	760,5	764,6	20,4	22,8	26,7	28,0	14,7	18,2	0,0	0,0	6,3	4,0
29	765,9	763,3	23,0	22,2	27,6	28,2	17,8	17,1	0,0	0,0	3,2	5,0
30	765,2	762,2	22,7	20,8	29,2	27,4	18,0	16,3	0,0	0,0	4,8	7,2
31	764,8	763,4	23,0	21,0	27,4	25,4	19,4	16,7	0,0	0,0	4,0	6,8





Cliché de

Dr. Franco de Vasconcellos (amador)

ESPINHO — À ESPERA DA REDE

VARIEDADES

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

D'uma forma succinta, compativel com a indole e espaço d'esta revista, continuamos a dar noticia, acompanhada quanto possivel de illustração, dos principaes acontecimentos que vão dia a dia prendendo a attenção publica, na politica de cada paiz, nas sciencias e nas artes, na vida mundana, e que reflectem as modalidades da opinião, constituem as tendencias d'um dado momento, attestam o trabalho investigador e progressivo da humanidade, e memoram a existencia dos que representaram um papel proeminente ou exerceram uma influencia util nos destinos da sociedade. Para cada capitulo iremos abrindo secções que constituem um repositorio de factos ou de curiosidades e que sejam de facil consulta, quer se procurem por datas, quer por paizes.

JULHO — 25 Estados Unidos — O presidente Mac-Kinley proclama a existencia do livre-cambio commercial com Porto-Rico e a organisação do governo civil na mesma ilha. — **Chili** — E' proclamado presidente da republica chilena o sr. German Riesco. — **Russia** — Uma violenta explosão destroe parte da cidade de Batoum.

26 Allemanha — São presos em Charcow oito conselheiros dos Bancos Agrario e do Commercio por causa de quebras fraudulentas. E, como consequencia da crise industrial em Berlim, são despedidos da casa electricista Schuchers 2.000 operarios e 500 empregados.

27 Estados Unidos — Um incendio destroe 28 casas da aldeia Laprairie, na provincia de Quebec, sendo calculados os prejuizos em 100.000 dollars.

28 Inglaterra — Em Londres produz-se uma grande explosão n'um distillador de naphtha, ficando gravemente feridas 20 pessoas. — **Fran-**

ça — E' preso em Paris, a reclamação das autoridades allemãs, um banqueiro de Leipzig que d'ali havia desaparecido deixando um passivo de doze milhões de marcos.

30 Turquia — O ajudante do sultão da Turquia é assassinado enquanto cumpria uma missão relativa ás desordens que tiveram logar ultimamente na Albania. — **Chili** — E' demittido o vice-presidente por protestar contra os novos preparativos militares. — **Inglaterra** — A camara dos commons pronuncia a suspensão do mandato contra o deputado nacionalista James Shee que chamou á administração de justiça «pandilhagem» judiciaria. — **São Francisco** — O syndicato dos operarios ordena a greve geral nas docas, ficando sem trabalho 55.000 operarios. — **Republica Argentina** — O ministro da guerra apresenta ao congresso um projecto de lei que tem por fim o augmento consideravel do exercito.

31 Colombia — O antigo presidente do congresso colombiano, Rangel Gardiras, subleva-

se com 5.000 homens na fronteira da Colombia contra o general Castro.—*Inglatterra*—A camara dos commons approva por 281 votos contra 73, apesar dos protestos dos deputados nacionalistas e radicaes, o donativo de 100.000 libras ao marechal lord Roberts.

Agosto—1 *Suecia*—Um grande incendio devora enormes florestas e muitas povoações da provincia de Saunteland, havendo muitas desgraças e ficando sem abrigo mais de 100.000 pessoas.—*Italia*—E' demittido o sub-secretario d'estado, Mutinho.—*Venezuela*—O general Pulido dá a sua dimissão de ministro da guerra e da marinha em consequencia das determinações do presidente Castro, para se reconhecer a belligerancia dos insurrectos colombianos e declarar-se guerra á Colombia.

2 *Inglatterra*—A camara dos commons vota 657.000 libras para obras navaes e 6.352.0000 para despezas militares e approva a dotação do rei Eduardo e o donativo a lord Roberts.

3 *Russia*—São presos em S. Petersburg tres membros do conselho do Banco do Commercio, declarado em estado de quebra.—*Allemanha*—Um pavoroso incendio destroe as florestas Koeder e Kibchuera devorando milhares de hectares do bosque.—*China*—Um decreto imperial transforma *Tsong-li-Yamen* n'um ministerio dos negocios estrangeiros, do qual é nomeado presidente o principe Tohing.

5 *Italia*—E' resolvida a crise ministerial passando o sr. Alfredo Baccelli, sub-secretario de estado da agricultura para o ministerio dos negocios estrangeiros e o sr. Fulci, sub-secretario de estado dos correios e telegraphos para o ministerio da agricultura sendo substituido n'aquelle cargo pelo sr. Squitte.—*Brazil*—Para resolver a crise ministerial são nomeados, ministro da justiça o deputado D. Sabino Barroso, e chefe da policia o juiz D. Edmundo Barreto.—*Estados Unidos*—Uma explosão destroe em Philadelphia 5 predios de casas ficando mortas 10 pessoas, e feridas 40.—*Allemanha*—O conselheiro Putthamer secretario d'Estado da Alsacia-Lorena pede a sua dimissão sendo substituido pelo Dr. Koeller, presidente superior do Slesvig-Holstein.

7 *França*—O tribunal de Commercio declara nullas, por serem contrarias aos estatutos, as decisões da assémblea dos accionistas do jornal *Le Figaro* pedindo a demissão dos srs. Périvier e Rodays.—*Turquia*—Em virtude de um convenio entre o governo de Creta e os delegados da divida ottomana, a administração turca renunciou aos seus privilegios em Creta, mediante o pagamento de milhão e meio de francos e a concessão do monopolio do sal.

8 *Hespanha*—A fabrica de farinhas em Barcelona é destruida em consequencia de ter rebentado uma caldeira ficando mortos o machinista e um fogueiro.—*Allemanha*—O imperador Guilherme confere ao marechal conde de Waldersee a ordem do merito militar (artilharia e engenharia de campanha) e o titulo de um regimento Waldersee.—*Inglatterra*—O governo inglez auctorisa o generalis-

simo lord Kitchener a condemnar á morte todos os individuos que commetterem actos contrarios aos usos da guerra civilisada.

9 *Russia*—Celebra-se em S. Petersburgo o casamento da gran-duqueza Alga com o principe Pedro de Oldemburgo.—*Brazil*—O senado brasileiro annulla o contracto que arrendava os caminhos de ferro do Norte á Great Western Railway Company.

10 *Hespanha*—Declararam-se em grève o chefe das cosinhas do paço real em San Sebastian e mais 5 cosinheiros.—*Italia*—Os empregados dos *tramways* de Roma declararam-se em grève reclamando o augmento de salario.—*Malta*—15.000 pessoas fazem uma ruidosa manifestação contra os novos impostos do governador britanico sendo proferidos violentos discursos e arreada e rasgada em farrapos a bandeira ingleza do circulo militar.

12 *França*—Um grande incendio destroe no Havre uma grande fabrica de tecidos de seda, calculando-se os prejuizos em dois milhões de francos.—*Portugal*—São publicados os decretos sobre a autonomia da Madeira e sobre a reforma dos serviços municipaes de Lisboa e Porto. E' igualmente publicada em ditadura a nova lei eleitoral.

13 *Portugal*—Os horticultores, agricultores e vendedores de frutas e hortaliças declaram-se em grève contra as imposições da campanha do mercado da Praça de Figueira em Lisboa, resolvendo escolher o Campo de Sant'Anna para local de venda dos seus generos.—*Noruega*—Um pavoroso incendio destroe a maior parte da cidade de Tarsund, tendo ardido a igreja principal, a repartição do correio, o banco e varias escolas, ficando 1.200 pessoas sem abrigo.—*Cuba*—O general Maximo Gomes, recusa a candidatura á presidencia da republica de Cuba.

14 *França*—E' firmado pelo presidente da republica o regulamento das associações religiosas.—*Suissa*—O engenheiro Ficot de Genebra descobre o meio de fabricar oxigenio pelo preço de dois centimos o metro cubico, invento que póde determinar uma grande revolução na industria metallurgica.

15 *China*—Produzem-se grandes inundações em Tien-Tsin impedindo a circulação dos caminhos de ferro, tendo desaparecido na Mandchuria centenas de kilometros de via ferrea. Os francezes entregam aos chinezes o palacio dos antigos soberanos.

16 *Inglatterra*—Hyndman, fundador do partido operario inglez declara que é completamente inutil continuar a lucta e que em vista d'isso se retira á vida particular—A camara dos commons approva o projecto do orçamento geral do Estado.—*Estados Unidos*—Uns 3:000 operarios das fabricas d'aço Joliet decidem obdecer á ordem do sr. Schumffer e declararem-se em grève; 600 operarios das fabricas de galvanisação em Pittsburg declararam-se tambem em grève.

17 *Pensylvania*—Nove fabricas de aço em Sharou resolvem fusionar e constituir uma sociedade com o capital de 15 milhões de dol-

lars.—*Inglaterra*—Sessão de encerramento do parlamento britannico.

18 *Venezuela*—O governo venezuelano decreta a suspensão do exercicio da constituição em toda a republica.

19 *Portugal*—Os operarios da fabrica de tijolo de Vialada & Ventura em Aldegallega declaram-se em greve, exigindo do director da mesma fabrica pagar-lhes o jornal todo em pagamento quinzenal.—*França*—O governo resolve empregar o telegrapho sem fios nas colonias francezas.

20 *Africa*—O ministro de Hespanha em Tanger apresenta a Mahomed Torres uma

dherem á greve dos metalurgicos.—*Turquia*—Um grande incendio destroe, em Haidar-Pachá 200 predios de casas. As perdas passam de 60:000 libras.—*Allemanha*—O imperador Guilherme II nomeia em substituição de sua mãe, coronela do regimento de Gerdaft a grã-duqueza de Hen.—*França*—O sr. Constans embaixador de França na Turquia notifica á Sublime Porta a immediata ruptura de relações.

23 *Brazil*—No Rio de Janeiro á sahida da camara a populaça ataca alguns deputados partidarios do governo, ferindo um d'elles gravemente.—*Republica Argentina*—3:000 opera-



PRAIA DE PEDROUÇOS

nota energica reclamando a immediata devolução dos captivos hespanhoes. Por cada dia de demora na entrega são exigidos mil duros a começar d'esta data.—*Saint-Louis*—Na ilha de Maria Galante um incendio destroe quasi inteiramente a villa de Grandourgri.—*Armenia*—Rebenta em Sassouf um movimento armenio seguido de graves disturbios sendo numerosas as victimas, proclamando-se logo o estado de sitio.—*França*—E' nomeado comandante da brigada franceza de occupação da China o tenente-coronel, Marchand.

21 *Inglaterra*—Parte para a Africa do Sul uma nova expedição composta de 3:000 homens e 900 cavallos.—*Estados Unidos*—Dois mil operarios de mais duas companhias, ad-

rios do caminho de ferro de Pringles á Bahia Blanca declaram-se em greve por não estarem completamente pagos sendo a sua attitude ameaçadora.—O ministerio offerece a sua demissão.—*America do Sul*—Os fabricantes algodoeiros de Fallriver renunciam a rebaixar os salarios dos operarios.—*Turquia*—O governo ottomano paga aos Estados-Unidos uma indemnisação de 95:000 dollars pelos danos causados na Armenia ás emissões americanas.—*Africa do Sul*—Dá-se um novo combate entre os boers e os hussards inglezes em Uniondale.

25 *Russia*—Tomam enorme desenvolvimento os incendios nos bosques, destruindo algumas povoações e bosques inteiros. Os pre-

juizes são calculados em mais de 250 milhões de francos. Os aldeões, attribuindo os incendios aos judeus, e fazendo-se juizes e executores lyncharam alguns d'elles.

26 *Estados-Unidos*—Um violento cyclone produz a este dos Estados-Unidos considera-

veis damnos. O vento derribou em Jersey-city varios edificios entre os quaes uma igreja e um theatre.

27 *Austria*—Um terrivel temporal desvasta uma grande parte da provincia de Trieste, alongando-se até ao mar Adriatico.

e e e

NECROLOGIA

AGOSTO 1 — LADY BROODRICK, em Londres.

5 IMPERATRIZ FREDERICO Victoria, em Kronberg. Era mãe do actual imperador da Alemanha, filha primogenita da fallecida rainha Victoria e, portanto, irmã mais velha do rei Eduardo VII de Inglaterra, o qual foi assistir aos funeraes, e como representante de Portugal foi enviado de Italia, onde estava, o senhor infante D. Affonso.

6— Conselheiro ANTONIO ENNES — em Queluz, perto de Lisboa, eminente escriptor politico, dramaturgo e historiador jornalista primoroso. Nasceu a 15 d'agosto de 1848. Foi deputado e ministro de marinha e das colonias; alto commissario regio em Moçambique, chefe supremo da expedição civil e militar que pacificou a provincia na gloriosa campanha de 1895, ministro de Portugal junto do governo dos Estados Unidos do Brazil. Terminadas estas commissões onde prestou os mais levantados serviços á patria, exercia agora o cargo de inspector geral das bibliothecas e

archivos publicos. N'outro lugar da revista fazemos memoria mais particular do illustre extinto.

8 GENERAL BARATTIÉRI no Tirol, um dos soldados de Massouha.

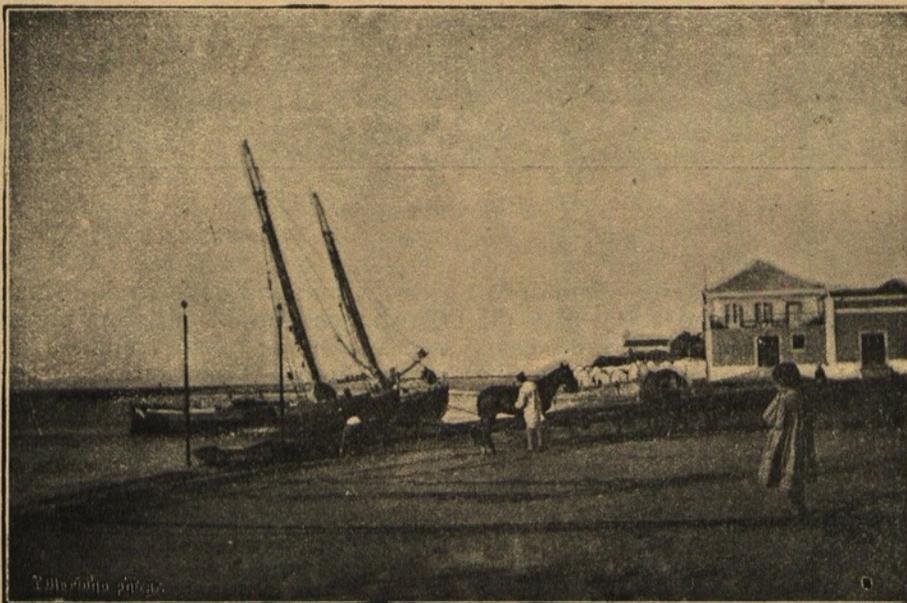
8 PRINCIPE HENRIQUE DE ORLEANS, em Saigon, primo de sua magestade a rainha D. Amelia.

11 FRANCESCO CRISPI, em Napoles, 82 annos, ministro italiano, notavel estadista. A sua longa vida permittira ao seu espirito uma evolução completa nas suas idéas, partindo dos enthusiasmos revolucionarios para terminar na defeza violenta dos principios conservadores.

13 BARÃO NORDJENSKOELD, em Stockolmo, 69 annos, celebre explorador das regiões do pólo arctico.

15 VICTOR CORDON, em Mafra, official do exercito, africanista, distincto e ousado explorador portuguez.

16 MADAME CANOVAS, em Madrid, viuva do celebre estadista Canovas.

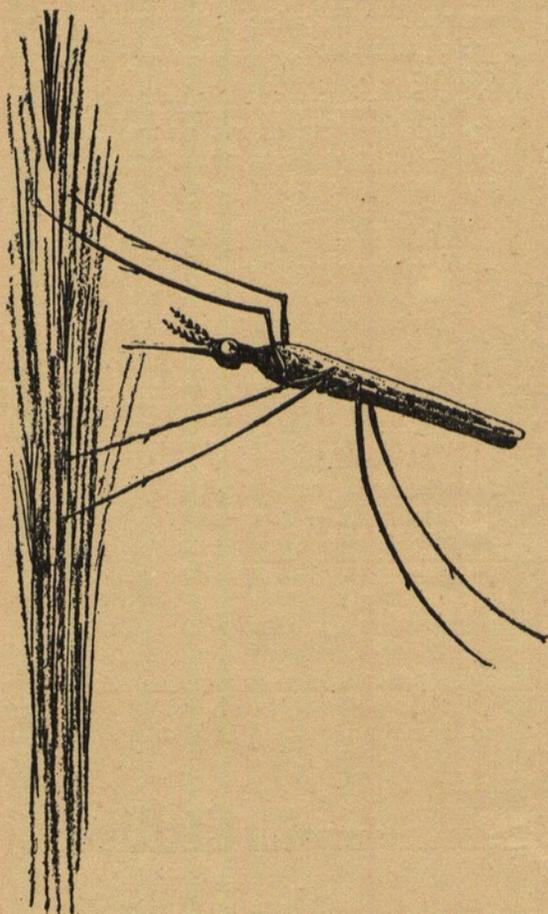


ASPECTO DA PRAIA DE PAÇO D'ARCOS

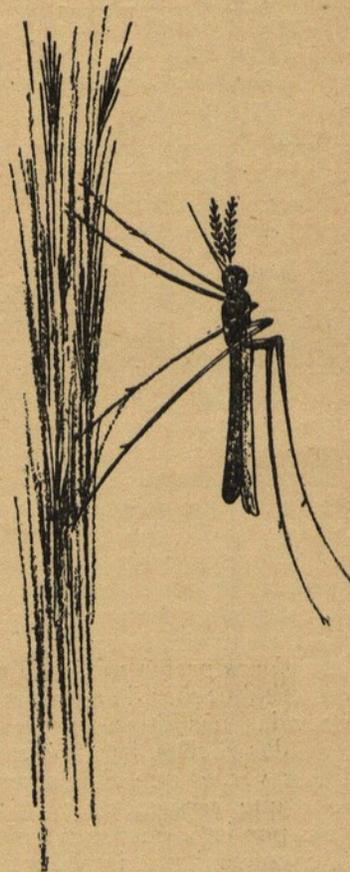
OS MOSQUITOS

RESULTA de recentes descobertas e experiências que os germens do paludismo, da febre amarella, da filariose, e provavelmente do beriberi e de outras doenças tropicaes, são pelos mosquitos transportados do homem doente ao são, — e talvez de certos animaes, ou mesmo da agua, ao homem. D'estes conhecimentos derivou o estudo attento d'estes insectos, a fim de descobrir o meio de acabar com este meio de diffusão d'aquellas doenças e sobre este assumpto publicou o dr.

tromba do *Culex*, em fórma de baqueta de tambor, termina na sua extremidade livre por um appendice olivar, e na femea, os dois orgãos do tacto, que ladeiam a tromba, são muito mais curtos do que esta. As antenas do *Anopheles* femea são mais curtas do que a tromba e orgãos do tacto, e fortemente barbadas; as do *Culex* teem as mesmas dimensões da tromba, e são escassa e espaçadamente barbadas. O *Anopheles* apresenta, além disto, manchas de aspecto variado, acompanhando



ANOPHELES EM REPOUSO



CULEX EM REPOUSO

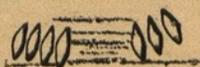
Hilario de Gouveia n'um dos ultimos numeros do *Brasil Medico* um artigo d'onde extrahimos as seguintes indicações geraes. Os mosquitos, designados sob o nome geral de culicidios, constituem uma grande familia de insectos, de que se conhecem até agora cerca de duzentas especies, comprehendendo tres generos: o *Anopheles*, o *Culex* e o *Aedes*. D'estes, os que mais importa conhecer, são: o *Anopheles* e o *Culex*. O *Anopheles* distingue-se do *Culex* pelos caracteres seguintes. A tromba termina em fórma de lança, e, tanto na femea como no macho, tem o mesmo comprimento que os dois orgãos do tacto, que a ladeiam. A

as nervuras das azas, e, sobretudo notaveis do lado de fóra das azas. Os insectos d'estes dois generos, porém, distinguem-se facilmente, á primeira vista, pela attitude que tomam quando pousados. Os do genero *Culex*, quando pousados, conservam o corpo quasi parallelo ao plano em que pousam, approximando d'elle um pouco mais a sua extremidade caudal. Os do genero *Anopheles*, ao contrario, quando pousam, apresentam a tromba e o corpo, que é mais esbelto e melhor proporcionado do que o do *Culex*, em posição quasi perpendicular ao plano em que pousam, como melhor se vê nas figuras aqui reprodu-

zidas. Os ovos do *Anopheles* são separados uns dos outros, ao passo que os do *Culex* são arranjados em fôrma de canôa ou gondola veneziana.

As larvas do *Anopheles*, quando respiram na superfície da agua, apresentam-se em fio comprido, paralellamente á superfície da agua; ao passo que as do *Culex* teem a extremidade caudal voltada para cima e a cephalica para baixo (Vide figuras). Estes caracteres tornam facil o reconhecimento dos sitios palustres.

A' menor agitação da superfície da agua, as larvas do *Culex* mergulham rapidamente, ao passo que as do *Anopheles* não mergulham, deslisam, recuando. Durante o dia os mosqui-



OVOS DO ANOPHELES

tos repousam, não na agua como geralmente se pensa, porém á sombra, nos logares arborizados e frescos, na visinhança das casas ou da agua. Nas habitações, preferem os recintos escuros: as cocheiras e os aposentos mal arejados e immundos. Ao pôr do sol, saem das tocas em procura do seu alimento favorito, que, para as femeas, é o sangue do homem e dos animaes, e, para os machos, cujas trombas não são dotadas de instrumentos picantes, as fructas e hervas. Em geral, os mosquitos picam depois do sol posto, o que não quer dizer que só piquem á noite; os que ficam retidos nos aposentos picam mesmo durante o dia os doentes e as pessoas que ahi permanecem ou dormem; da mesma sorte, as pessoas que estacionam ou repousam na visinhança dos pantanos e dos logares frequentados pelos mosquitos, podem ser picadas por elles durante o dia. Os *Anopheles* preferem para a sua postura os charcos e collecções de agua em decomposição, formadas nas depressões e escavações do solo ou das rochas, isto por causa das algas ou limos verdes que n'ellas germinam facilmente, e que servem de pasto favorito ás suas larvas; por isso, querendo cultivar os em garrafas, é conveniente introduzir n'ellas algumas algas. As femeas de um e outro dos dois generos depois de saciadas, ficam em repouso por 24 horas, nas visinhanças do sitio em que se alimentaram. e, passado esse espaço de tempo dirigem-se á collecção da agua apropriada á sua procreação, para ahi deporem os ovos. Já vimos que os *Anopheles* procuram, de preferencia, os charcos ricos de materia organica. O *Culex*, menos exigente, faz sua postura na primeira porção de agua estagnada que encontra: nos reservarios de agua potavel, nos depositos, nos potes, nas cisternas, nos vasos de flores, nas aguas pluviaes retidas nos cacos de garrafas, etc. Uns e outros, feita a postura, morrem em geral e, quando não morrem, volvem ao mesmo ponto, onde, por ultimo, encontram o seu alimento favorito. A reproducção dos mosquitos requer certo grau

de temperatura ambiente, e quanto mais elevada fôr a temperatura, melhor se reproduzem. Quando a temperatura se approxima de zero, como se observa nos paizes temperados, cáem n'uma especie de somno lethargico, de que despertam sómente quando de novo sóbe a temperatura. D'est'arte, póde a sua vida ser prolongada de muitos mezes, como se tem observado na Italia. Da postura ao nascimento do mosquito adulto medeiam apenas oito dias, como se póde verificar, colhendo e guardando as femeas engorgitadas de sangue em sua garrafa a meio de agua. Os mosquitos não pódem viver, nem procrear na agua corrente, nem na agua salgada.

Da observação e experiencia ha muito consignadas, resulta uma série de factos que provam a estreita relação que sempre houve entre o paludismo, a febre amarella e os mosquitos:

1.º O paludismo e a febre amarella são sobretudo frequentes nos logares baixos e humidos.— Os mosquitos abundam principalmente nos logares baixos e humidos.

2.º Os logares altos e declives são geralmente indemnes de paludismo e de febre amarella.— Nos logares altos e declives geralmente não existem mosquitos, por falta de agua estagnada necessaria a sua procreação.

3.º O calor e as chuvas são favoraveis á propagação do paludismo e da febre amarella.— O calor e as chuvas favorecem as estagnações de agua e a procreação dos mosquitos.

4.º As escavações e revolvimento do solo favorecem a propagação do paludismo e da febre amarella.— As escavações e revolvimento do solo favorecem as estagnações da agua necessarias á procreação dos mosquitos.

5.º A cultura e dessecamento do solo suprimem o paludismo — A cultura e dessecamento do solo fazem desaparecer os charcos, onde procream os mosquitos *Anopheles*.

6.º As pessoas que habitam zonas ao abrigo do paludismo e da febre amarella só con-



OVOS DO CULEX

trahem estas doenças, dormindo ou repousando nos fócios d'essás molestias.— Os mosquitos só picam as pessoas que repousam ou dormem, sobretudo, á noite.

7.º O paludismo manifesta se raramente a bordo dos navios — Os mosquitos do genero *Anopheles* raramente se encontram a bordo dos navios.

8.º A febre amarella desenvolve-se frequentemente a bordo dos navios.— Os mosquitos do genero *Culex* encontram-se frequentemente a bordo dos navios.

9.º O paludismo é sobretudo frequente nos arredores da cidade e do campo.— E' sobretudo nos arredores das cidades e no campo que existem as estagnações de agua no solo,

propícias á procreação dos mosquitos do genero *Anopheles*.

10.º A febre amarella ocorre tanto no centro da cidade como nos seus arredores.— Os mosquitos do genero *Culex* encontram, tanto nas cidade como nos arredores, condições favoraveis á sua procreação.

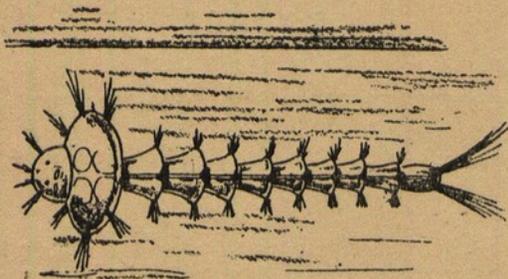
11.º O abaixamento da temperatura do ar é desfavotavel á propagação do paludismo e da febre amarella.— O abaixamento da temperatura entorpece os mosquitos e impede a sua procreação.

Conhecida a historia da curta vida dos mosquitos, que acaba de ser resumida em seus traços essenciaes, ocorre a toda a gente procurar um meio infallivel de exterminal-os, em qualquer região por elles infectada, a saber: — impedir que proliferem, pela suppressão das estagnações de agua, indispensaveis á sua procreação. Quanto aos charcos, ou estagnações de agua no chão, o problema reduz-se a dessecal-os pelos meios conhecidos: — drenagem o aterro.

E' esta uma questão que a experiencia de muitos seculos já havia resolvido, sómente a theoria era outra. No fastigio de Roma, a famigerada *Campagna romana* dos nossos dias, sanificada por um admiravel sistema de drenagem, de que foram descobertos vestigios que alli ainda se vêem hoje, foi uma região salubre e extremadamente prospera. Londres, a maior das cidades do velho mundo e a mais salubre d'ellas, onde o paludismo é hoje absolutamente desconhecido, era ainda no tempo de Sydenham flagellada pelo paludismo. Factos analogos abundam por toda a parte.

Já vimos que os mosquitos não procream na agua salgada; a dissolução de certa quantidade de sal na agua do pantano, torna-a, por tanto, esteril para os mosquitos.

Outros meios occorrem, tão efficazes como esse e menos dispendioso: a sua efficaccia,

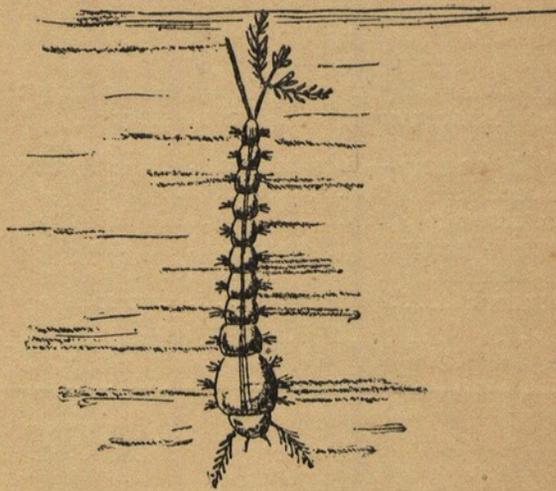


ATTITUDE DA LARVA DE ANOPHELES
NA SUPERFICIE D'AGUA

porém, de serem renovados a miudo. Vimos que as larvas dos mosquitos teem absoluta necessidade de virem respirar á superficie da agua; tudo quanto poder impedir essa funcção, indispensavel á vida das ditas larvas, por mais de meia hora, as matará. Basta para asphyxial-as, espalhar por toda a superficie do pantano uma ténue camada oleosa.

Para isso, serve qualquer oleo, vegetal, animal ou mineral; os melhores d'estes ultimos são o kerosene bruto e o alcatrão, que se deixam espalhar facilmente, em muita tenue camada pela superficie da agua, desde que se passe por sobre ella um trapo embebido em um d'esses oleos.

Esta oleação da superficie liquida, practica-



ATTITUDE DA LARVA DO CULEX
NA SUPERFICIE D'AGUA

da systematicamente, de seis em seis diar, é da maior efficacia.

As larvas dos mosquitos, veem á superficie liquida para respirar, e o oleo obstroe-lhes as trachéas, e mata as por asphyxia em pouco tempo.

E' claro que os mosquitos que penetram nas casas e permanecem nos aposentos devem ser alli cuidadosamente caçados e mortos.

Os vapores e as differentes misturas preconizadas como culicidas como sejam as misturas de pó de raiz de valeriana e de botões de chrysanthemo, etc., em geral não matam, entorpecem apenas os mosquitos, e por isso não ha que fiar n'ellas. Os vapores de acido sulfuroso, desenvolvido nos aposentos hermeticamente fechados, sobretudo sob pressão, são excelente culicida.

Ha uma providencia, porém, que se impõe: é o uso dos mosquiteiros, feitos de filó de larga malha. Os mosquitos não podem penetrar pelas malhas do filó. E' preciso não conhecer a conformação de taes insectos para suppór isso possivel. Esses insectos só podem penetrar nos mosquiteiros de filó quando haja n'elles fendas ou quando as suas bordas livres fiquem pendentes, caso em que os mosquitos penetram facilmente debaixo para cima.

Os mosquiteiros deverão, com mais forte e justo motivo, proteger os doentes de molestias transmissiveis, febricitantes, ou não, capazes, de fornecerem aos mosquitos materia prima para a infecção dos saos e dos doentes de outras molestias nas enfermarias communs.

Dada a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradável entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

Verniz para os clichés positivos e negativos

Com a formula seguinte recommendada pelo *Wilson's Photographie Mag.*, obtem-se um verniz transparente que se destina á conservação dos *clichés*, evitando ao mesmo tempo por desnecessario, o vidro protector:

Pó de gomma — laca branca	25 partes
Alcool	85 »
Ammoniac	65 »
Agua a ferver	125 »
Glycerina	6 »
Dentrina	0,25 »

O pó da gomma laca dá o brilho e o am-

moniaco destroe toda a mancha gordurosa, e a glycerina impede que o verniz se fenda quando secco.

Clarificação dos negativos tratados pelo pyrogallico

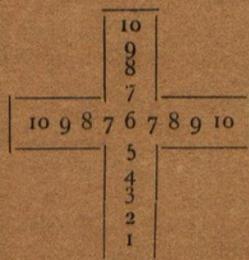
Com a applicação da solução seguinte desaparece a coloração amarellada dos negativos revellados com acido pyrogallico:

Agua	500 cc.
Acido sulfurico	75 gr.
Acido citrico	25 »
Alumen	25 »

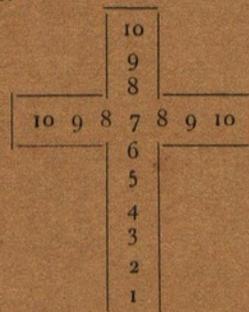
PROBLEMAS

Resoluções do numero anterior

N.º 8 — Na primeira hypothese os 18 brilhantes collocam-se da seguinte forma:



Na segunda hypothese, para sobejar 2, dispõem-se da seguinte maneira:



N.º 9 — Pode fazer 56 misturas.
 N.º 10 — O numero de soldados do regimento é de 1872.

- N.º 11 — *Xadrez*:
- | | |
|--------------------------|-------------|
| 1. D 4 B R | 1. P come D |
| 2. T 7 C D | 2. B R joga |
| 3. T 7 C R xeque, mate. | |
| 2. D 7 B D | 1. R joga |
| 3. D 7 C R xeque e mate. | 2. R joga |

Num. 12

Um proprietario possui um campo rectangular, cujo comprimento está para a largura como 16 está para 11. Um seu visinho, para

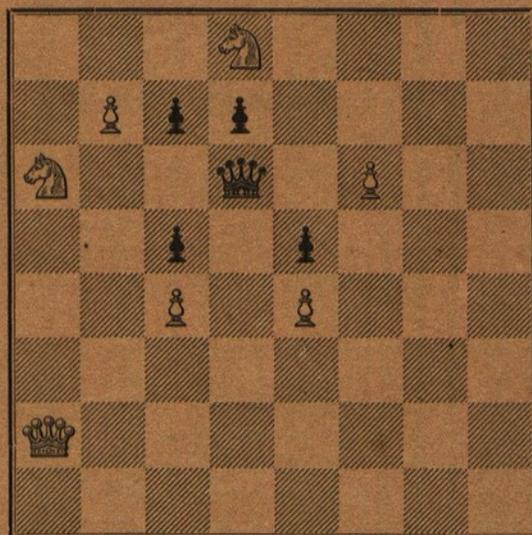
tornar uniformes as propriedades contiguas, propõe-lhe diminuir a largura e augmentar o comprimento, de maneira que as novas dimensões passassem a ser na razão de 17 para 10, perdendo assim o campo restante 216 metros quadrados. Quaes as dimensões que ficaria tendo o campo ?

Num. 13

Dois viajantes partem do mesmo ponto e no mesmo instante, seguindo um para o sul e outro para leste, percorrendo o primeiro 30 kilometros e o segundo 40 por dia. Ao fim de quantos dias estariam elles a 250 kilometros de distancia um do outro ?

XADREZ

Num. 14 **PRETOS (5 peças)**



BRANCOS (7 peças)

Os brancos jogam, e dão mate em tres lanços